35

R$ 8,50

Agosto 2004 Ano 04, Nº 35

ISSN 1519-4035

SONINHA

CANDIDATA A VEREADORA EM SÃO PAULO.

A *TPM* VOTA NELA

Material chroniony prawem autorskim

Lew.Lara

NOKIA
Trends

Você vai sair melhor do que entrou.

Nokia Trends apresenta SonarSound: 3 dias e 3 noites com as últimas tendências da cena eletrônica.

8.9.2004 quarta-feira

noite de abertura sonarsound: matthew herbert big band.

10.9.2004 sexta-feira

sonarsound dia – instalações multimídia, cinema, imagens gráficas, palestras e debates. **hall stage:** inumanos, prince po, kl jay, beans. **multimedia stage:** lia, national, golan levin. **sonarsound noite – park stage:** maurício lopes, pan sonic, angel molina, jeff mills, anderson noise, ricardo villalobos. **club stage:** magal, chicks on speed, ladytron dj's, lcd soundsystem, dj marlboro e convidados, matthew herbert.

11.9.2004 sábado

sonarsound dia – instalações multimídia, cinema, imagens gráficas, palestras e debates. **hall stage:** objeto amarelo, arto lindsay, hurtmold, liars. **village stage:** laptropic, kevin blechdom, bojo, mugison. **sonarsound noite – park stage:** renato lopes, metro area, matthew dear, françois k, renato cohen, mau mau, laurent garnier. **club stage:** primo, instituto + dj dolores, dzcuts, prefuse 73, kid koala, money mark, patife + trio mocotó, marky.

12.9.2004 domingo

sonarsound dia – instalações multimídia, cinema, imagens gráficas, palestras e debates. **hall stage:** artificial, fibla + randomzeta, lcd, four tet. **village stage:** tetine, akufen, nego moçambique, junior boys.

E TUDO ISSO CABE NO SEU CELULAR!

BAIXE CONTEÚDOS DIGITAIS DO NOKIA TRENDS.*

www.nokiatrends.com.br

*Função sujeita à disponibilidade do serviço por parte da operadora e compatibilidade do dispositivo. Nokia 7610: lançamento em breve. Imagens exclusivamente ilustrativas. Informações sobre conteúdos digitais e venda de ingressos disponíveis no site www.nokiatrends.com.br

ÍNDICE

PÁGINAS VERMELHAS

14 **VERA ZIMMERMANN** Bissexualidade, desbunde com drogas e a luta diária para ganhar a vida como atriz. Vera Gata mostra as garras, arranha nossas páginas e deixa a certeza de que, beleza fora, é gente como a gente

CARTA ABERTA

34 **SONINHA** Saiba por que a *Tpm* apóia a candidatura de Sônia Francine para a Câmara Muncipal paulistana

ENSAIO

36 **LIRINHA** Tímido e franzino, o vocalista do Cordel do Fogo Encantado leva o público – sobretudo o feminino – ao delírio quando pisa no palco. Descubra por quê

PERFIL

44 **BIA FIGUEIREDO** Chamada de "o novo Ayrton Senna" pela imprensa inglesa, uma paulistana de 19 anos pode fazer história na Fórmula 1

76 **VANESSA TREFOIS** Ela passou a adolescência freqüentando os melhores restaurantes do mundo. Aí resolveu passar pro outro lado do balcão. Foi testada por chefs geniais – que desconfiavam que fosse camilinha demais pra uma cozinha – e passou. Com mérito

MODA

46 **MENINAS DAS GERAIS** Saiba o que BH tem de mais bacana na opinião de oito mulheres descoladas que agitam a capital mineira. De quebra, elas ainda vestem o melhor das grifes das Gerais

REPORTAGEM

54 **ESQUI PARA TODOS** Nina Lemos, a repórter mais desastrada da *Tpm*, é enviada para uma estação de esqui e prova que, se ela pode, qualquer um tem chance de aprender a deslizar na neve

58 **QUEM QUER VÉU E GRINALDA?** Na ânsia por fazer festas memoráveis, noivos reinventam o casamento. Vale pajé, cerimônia na praia e até bumba-meu-boi. Tudo para ser diferente

SEMPRE NA *TPM*

24 **EDITORAS CONVIDADAS**

67 **BADULAQUE**

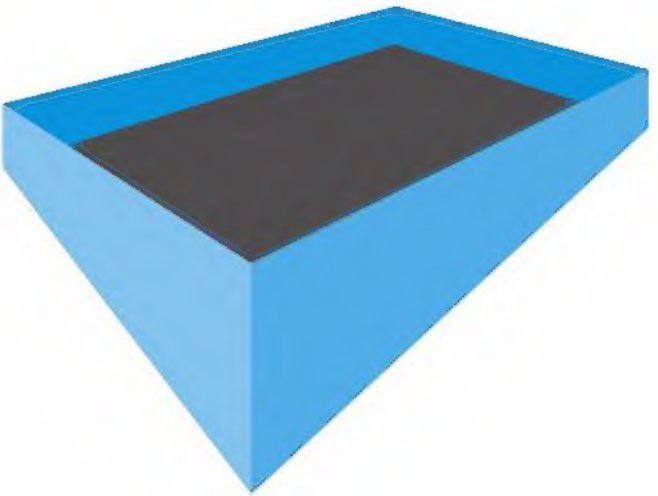
80 **SACOLÃO**

COLUNAS

88 **PENETRA** O espião João Paulo Cuenca divaga sobre a tristeza das meninas

89 **COLUNA DO MEIO** Milly Lacombe lembra o dia em que percebeu que ser gente grande não era bom negócio

90 **UM PENSAMENTO** Nossa colunista tetraplégica comemora 45 minutos movimentando os braços sem ajuda de ninguém



PEÇA PELO NÚMERO QUE A GENTE MANDA A REVISTA. ENVIE UM CHEQUE NOMINAL OU VALE-POSTAL NO VALOR DE R$ 7,50 PARA A TRIP EDITORA E PROPAGANDA S/A E RECEBA A EDIÇÃO QUE VOCÊ ESCOLHER PELO CORREIO, NA SUA CASA. ENVIE TAMBÉM UM TELEFONE PARA CONTATO. NOSSO ENDEREÇO: RUA LISBOA, 78, 05413-000, SÃO PAULO, SP, AOS CUIDADOS DO DEPTO. DE CIRCULAÇÃO.

Materiał chroniony prawem autorskim

Editor Paulo Lima cartas@revistatpm.com.br **Diretor Superintendente** Carlos Sarli sarli@trip.com.br **Diretor Conselheiro** Marcos de Moraes mmoraes@trip.com.br
Diretores de Planejamento e Gestão Antonio Carlos Soares e Patrick Lisbona **Diretor Editorial** Fernando Luna fluna@trip.com.br **Diretor Financeiro** Fabio Suda suda@trip.com.br

REDAÇÃO **Diretora de Redação** Daniela Falcão dfalcao@trip.com.br **Editora Executiva** Milly Lacombe milly@trip.com.br **Repórter Especial** Nina Lemos nina@trip.com.br
Reportagem Renata Leão Bavaresco renataleao@trip.com.br e Ana Maria Peres anamaria@trip.com.br **Estagiárias** Ariane Abdallah ariane@trip.com.br e Carol Sganzerla carolina@trip.com.br
Colunistas João Paulo Cuenca e Mara Gabrilli **Revisão** Daniela Lima e Marta Cavallini

ARTE **Diretora de Arte** Paola Giavina-Bianchi paola@trip.com.br **Chefe de Arte** Sérgio Brandão Cury sergio@trip.com.br **Estagiário** Rodrigo Villas Boas rodrigovillas@trip.com.br
Projeto Gráfico Beth Slamek e Paola Giavina-Bianchi (Rafic Farah Estúdio)

PRODUÇÃO **Coordenação** Anita Castanheira anita@trip.com.br **Produção** Regina Trama regina@trip.com.br **Estagiárias** Marina Ragusa e Thais Rabay (revista e site)

PRODUÇÃO GRÁFICA Walmir S. Graciano walmir@trip.com.br, Monica Yamamoto monica@trip.com.br e Leticia Ueoka leticia@trip.com.br

INTERNET web@trip.com.br **Editora de Mídias Eletrônicas** Claudia Lima clo@trip.com.br **Diretora de Arte** Eva Uviedo eva@trip.com.br **Chefe de Arte** Ivan Obara ivanobara@trip.com.br
Assistente de Arte Fábio Módena fabiomodena@trip.com.br **Produção** Juliana Hirschmann julianah@trip.com.br **Reportagem** Bruna Bittencourt bruna@trip.com.br

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO **Texto** Bia Labate, Daniela Bianchi, Fernanda Dannemann, Lorena Calábria, Marcelo Bortoloti, Marcelo Tanaka, Jô Haliack, Jéssica DeSilva, Juliana Loureiro e Juliana Pinheiro Mota **Fotos** André Brandão, Christian Gaul, Daniel Klajmic, Daniela Dacorso, Fernando Martins, Guto Seixas, Kiko Ferrite, Rafael Quintino e Renata Ursaia **Ilustração** Isabelle Tuchband e Zed

DEPARTAMENTO DE MARKETING / PUBLICIDADE **Gerente** Daniela Basile danielab@trip.com.br **Assistentes** Gustavo Giglio guga@trip.com.br e Márcio Cruz marcio@trip.com.br
Estagiária Gabriela Bauab gabriela@trip.com.br

DEPARTAMENTO COMERCIAL **Diretor** Cris Moreira crismoreira@trip.com.br
Gerente de clientes diretos Antonio Bonfá Junior (11) 3898 8235 toto@trip.com.br
Executivos de Contas Ana Paula de Camargo acamargo@trip.com.br (11) 3898 8258, Mauricio Silveira mauricio@trip.com.br e Rogério Luiz Boccuzzi rogeriob@trip.com.br
Executivos de Contas on-line Marcelo Rocha marcelorocha@trip.com.br (11) 3898 8203
Assistente Comercial Carol Serra caroiserra@trip.com.br (11) 3898 8241
Representante Rio de Janeiro Sandra Cortez sandra_cortez@ig.com.br (21) 9122 8294
Representante Sul Ado Henrichs ado@trip.com.br (51) 3325 0328 / (51) 9191 8744
Representante Minas Gerais Gustavo Zilier contatomg@trip.com.br (31) 3225 5888
Representante Brasília Alaor Machado alaormachado@uol.com.br (61) 223 7005
Representante Paraná Luiz Cezar Pimentel bestseller@uol.com.br (43) 9996 6507

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO / FINANCEIRO **Coordenação** Rodrigo Lutfi rodrigo@trip.com.br
Analista Financeiro Juliana von Krüger Toledo juliana@trip.com.br
Recursos Humanos Bettina Ranoya bettina@trip.com.br
Estagiária Juliana Albuquerque Gross jugross@trip.com.br
Representante Jurídica Claudine Koide claudine@trip.com.br
Administrativo Juliana Albuquerque Gross jugross@trip.com.br
Analista de Circulação Carla Arakaki carla@trip.com.br
Assistente Administrativo Vanessa Marçal vanessa@trip.com.br
Estagiária Samira Bissiguini samira@trip.com.br
Assistente Financeiro Ricardo Braga braga@trip.com.br
Manutenção e Expedição Nivaldo Ferreira Alves
Recepção Maria Fernanda Medeiros e Sarah Maia
Serviços Externos Osvaldo de Oliveira Braga Junior

ASSINATURAS **Supervisor de Assinaturas** Jessica DeSilva jessicanet@trip.com.br
Bancas Carla Arakaki carla@trip.com.br **Assinaturas e Atendimento ao leitor** Jéssica Panazzolo jessica@trip.com.br **Atendimento TRIP Editora:** (11) 3038 1480 2ª a 6ª, das 9 h às 20 h trip@teletarget.com.br

PROJETOS ESPECIAIS E EVENTOS **Diretora** Ana Paula Wehba anapaulaw@trip.com.br **Arte** Ricardo M. Quero Luque queroluque@trip.com.br

PESQUISA DE IMAGENS **Coordenador** Aldrin Ferraz imagem@trip.com.br (11) 3898 8267 **Assistente** Telma Rodrigues telma@trip.com.br (11) 3898 8247

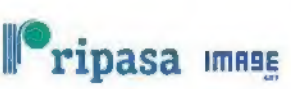
ENDEREÇO Rua Lisboa, 78, Jardim Paulista, São Paulo, SP, 05413-000 PABX (11) 3898 8200

NÚMEROS ATRASADOS Peça ao seu jornaleiro ou ligue para (11) 3081 4511

FALE COM A GENTE E-mail cartas@revistatpm.com.br

VISITE NOSSA COZINHA TRIP Para Mulher na internet: www.revistatpm.com.br

IMPRESSÃO Oceano



A REVISTA *TPM* É IMPRESSA EM PAPÉIS COUCHÉ IMAGE ART, FABRICADOS PELA RIPASA S/A CELULOSE E PAPEL, EM HARMONIA COM O MEIO AMBIENTE

A TRIP Para Mulher não aceita publicidade de cigarros. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da revista TRIP Para Mulher, uma publicação mensal da TRIP Editora e Propaganda S/A (ISSN 1414 350X)

NÓS VENDEMOS ESPAÇO, MAS NÃO VENDEMOS OPINIÕES - FILIADO AO IVC

DISTRIBUIÇÃO Em todo território nacional e em Portugal – Fernando Chinaglia S/A R. Teodoro Silva, 907. Rio de Janeiro, RJ

PARA ASSINAR A *TPM* trip@teletarget.com.br tel.: (11) 3038 1480

Materiał chroniony prawem autorskim

E-MAILS E CARTAS

CONTE PARA A GENTE TUDO O QUE PENSA SOBRE A REVISTA E ESCREVA PARA **CARTAS@REVISTATPM.COM.BR** OU PARA RUA LISBOA, 78, 05413-000, SÃO PAULO, SP. SE PREFERIR SOLTAR O VERBO, LIGUE PARA (11) 3081 4511

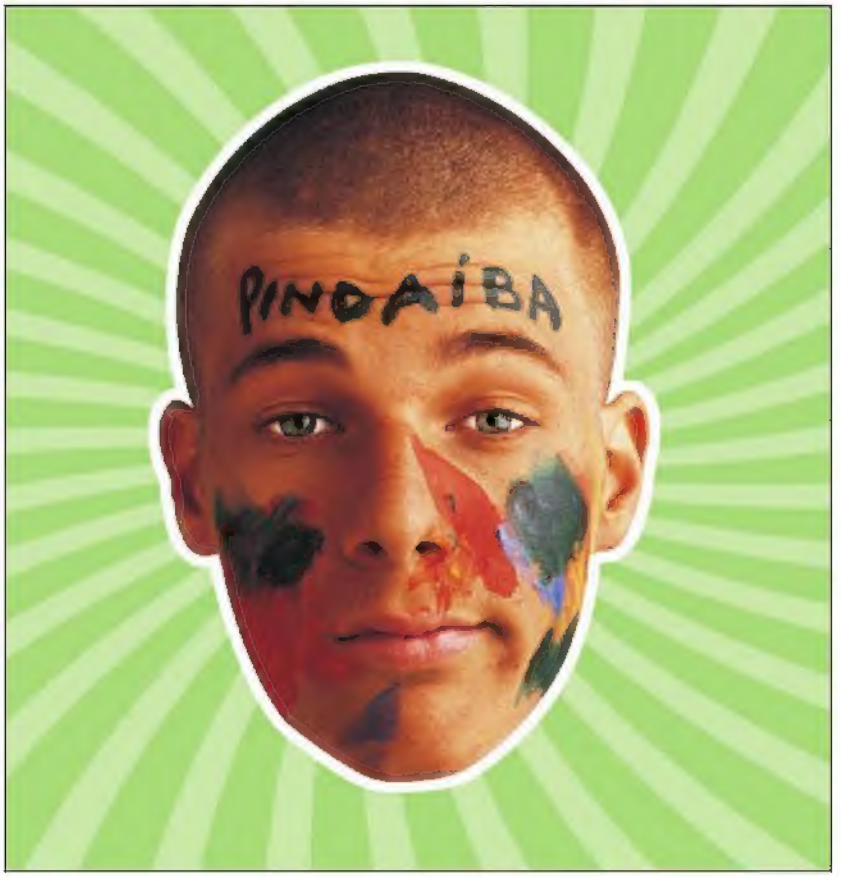
TPM DE VERDADE

Só escrevo para dizer que gosto de vocês do fundo do meu coração. Gosto da editoração, das ilustrações do Zed, das palavras impressas e de todo o resto. Os primeiros três anos de *Tpm* foram os meus três primeiros anos de faculdade e eu cresci um tanto aqui dentro. Obrigada por estarem aqui e ali, na banca.
Raquel Botelho

MEIA-BOCA

Recebi minha tão esperada *Tpm* e amei ver na capa o gatíssimo Marcelo Faria. Mas, ao abrir a revista, o que vejo? Só cinco fotos. Não acreditei. Vocês estão em contenção de despesas, economizando filme ou papel? Fala sério! Espero que a próxima edição venha mais recheada. No mais, a revista está maravilhosa, como sempre.
Tami Ribeiro

PARA **ASSINAR** A *Tpm*, ESCREVA PARA TRIP@TELETARGET.COM.BR OU TELEFONE PARA **(11) 3038 1480**, DE 2ª A 6ª, DAS 8H ÀS 20H.



POLÊMICA CUBANA

A reportagem sobre a viagem a Cuba é uma prova da crescente infantilização e da alienação consentida da sociedade. A triste superficialidade dos temas tratados contrasta enormemente com a riqueza cultural de Cuba (principalmente a cidade de Havana) e de seu povo. Há muito mais o que fazer em Havana do que simplesmente "consumir". Que decepção!
Leandro Amaral

Adorei as dicas sobre Cuba e aproveitei para matar as saudades. Pena que vocês não estiveram lá durante o carnaval. O Malecón fica uma festa e todos se divertem muito ao som da salsa e do merengue. Cuba é um país encantador e possui um povo muito receptivo. Na próxima viagem não deixem de visitar um cabaré cubano, é show.
Hanne Capiberibe, Amapá (AP)

Poucas vezes vi tanta besteira na minha vida quanto esse relato de três patricinhas deslumbradas em Cuba. Na verdade, elas não conheceram o país, pairaram por lá. Aliás, elas nunca devem ter conhecido lugar nenhum, pois só enxergam preconceitos.
Luís Lima

NÃO VIVO SEM VOCÊS

Sou totalmente dependente da *Tpm*. E não estou com um acesso de puxa-saquismo nem sou metida à tiete. O caso é que moro in the End of the World e fico meio alienada do que se passa mundo afora. Sim, assisto ao *Jornal Nacional*, mas não vou ao cinema, nem a restaurantes, muito menos a exposições. E também não tenho uma galerinha legal para sair. É por isso que li todas as edições da *Tpm* inteirinhas desde a primeira. E já comprei alguns livros que vocês sugeriram e também fiz umas receitinhas da Lorena Calábria. Sendo assim, me sinto íntima de vocês, que são tudo de bom.
Viviane Baroni, Povoado de Comandatuba (BA)

Materiał chroniony prawem autorskim

Materiał chroniony prawem autorskim

E-MAILS E CARTAS

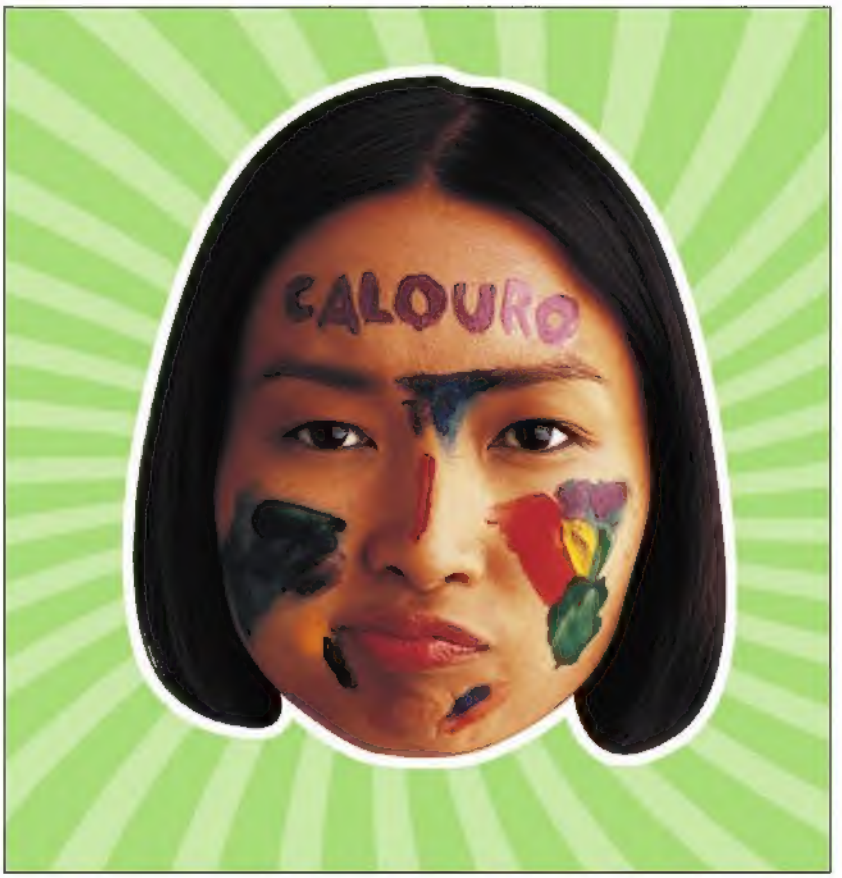
CONTE PARA A GENTE TUDO O QUE PENSA SOBRE A REVISTA E ESCREVA PARA **CARTAS@REVISTATPM.COM.BR** OU PARA RUA LISBOA, 78, 05413-000, SÃO PAULO, SP. SE PREFERIR SOLTAR O VERBO, LIGUE PARA (11) 3081 4511

MILLY LACOMBE E SUA LUZ

No meio do turbilhão que têm sido meus dias, você chega e fala de coisas que mexem com algo que eu havia esquecido, mas que está aqui dentro adormecido. Bons sentimentos, doces saudades. Você fala como se conhecesse o que se passa aqui dentro, como se fosse para mim. Esta tarde está esquisita, agora ficou mais. Pois esse seu último texto foi como um espelho, como se me visse criança ao lado de pessoas que não estão mais aqui, mas que, sem elas, não seria quem sou. Obrigada, Milly. Ler seus textos me faz mais feliz. **Dayse Hess**

AMOR ANIMAL

Já tinha ficado fã da Jéssica DeSilva por sua matéria na *Tpm* #33, onde foram publicadas as fotos dos animais para adoção, e fiquei ainda mais após receber a *Tpm* #34... Não só os animais conseguiram um lar, como ela ainda deu mais uma ênfase na questão da adoção. Acho que atitudes como a dela podem fazer esse mundo diferente. Parabéns, Jéssica!
Shirleyde Alves, Campina Grande (PB)



FARIA, SIM!

Achei o ensaio do Marcelo Faria um dos mais bacanas. Parabéns à equipe por estar sempre inovando, trabalhando com assuntos que demonstram inteligência, valores humanos e consciência. Não fico mais sem minha *Tpm*!
Camila Pacheco, Criciúma (SC)

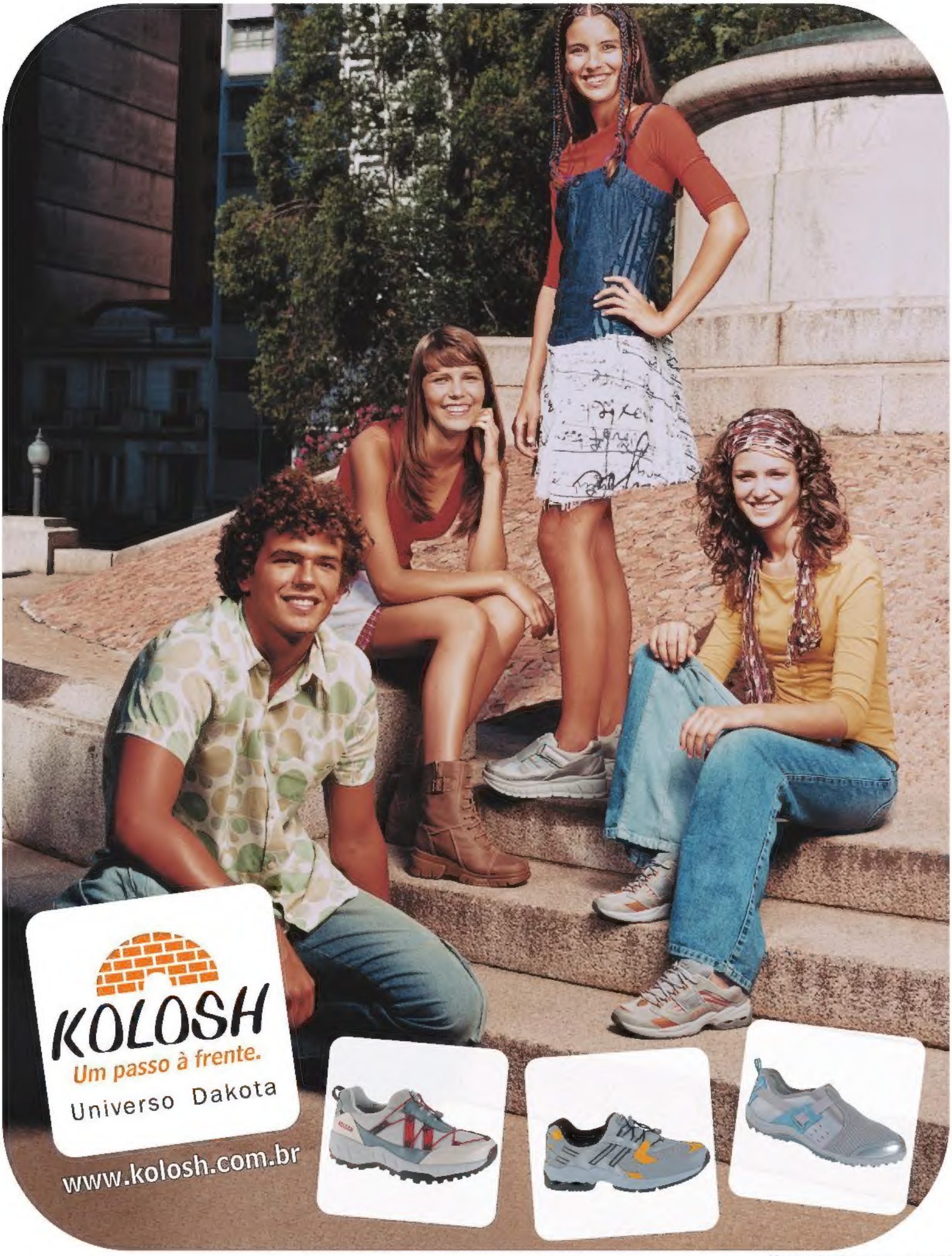
JP CUENCA CHEGA COM TUDO

Sou leitora da *Tpm* desde o primeiro número e sempre achei que seria bom ter um colunista homem. Só que eu achava que tinha que ser alguém assim meio Chico Buarque, que entendesse a alma feminina e tivesse o poder de encantar, dizendo coisas importantes de um jeito meigo, tranqüilo e até romântico. Recebi meu exemplar de julho e percebi que ele é o homem perfeito para ocupar esse lugar na *Tpm*.
Juliana Hollanda, Rio de Janeiro (RJ)

Cuenca, adorei sua primeira coluna. Você não foi um professor chato riscando a lousa e falando ao vento. Acho que seu texto será um dos meus prediletos. Enfim, me admirei tanto assim porque você é praticamente uma versão feminina de mim. Boa sorte.
Carolina Kawakami de Barros, São Paulo (SP)

Percebi algo novo nesta edição. Eu, que acompanho a *Tpm* desde a primeira, li sua coluna de estréia com indisfarçável interesse, por ser um homem aceito no clube *Tpm* (apesar dos outros gatinhos que bem me lembro na edição anterior), pela belíssima ilustração da Isabelle e pela novidade. Li, reli e fiquei sem saber o que achar de você, apesar do seu inegável despudoramento. Fui procurar saber mais pela resenha do seu livro e pelas críticas e ainda assim não me convenci. Admiro e confio no seu editor, o que lhe dá crédito, mas por enquanto é só esse que você tem. Saiba que somos mulheres pensantes e não nos impressionamos com cariocas recém-chegados. É esperar para ver.
Elen Carneiro, São Paulo (SP)

Materiał chroniony prawem autorskim



Materiał chroniony prawem autorskim

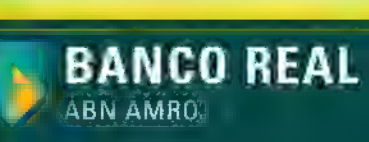
Essas produtos estão condicionados à inexistência de restrições cadastrais e financeiras. *A partir do 11º dia de utilização do limite de crédito, serão cobrados juros por todo o período.
BANCO REAL
ABN AMRO Bank
VISA
REAL UNIVERSITÁRIO. É O REAL INVESTINDO
• CRÉDITO PRÉ-APROVADO DE R$ 800,00
• CHEQUE COM SEU NOME
• REALMASTER: CHEQUE ESPECIAL COM 10 DIAS SEM JUROS POR MÊS*
• SEM COMPROVAÇÃO DE RENDA
REAL UNIVERSITÁRIO
www.bancoreal.com.br/universitario

TALENT

EM VOCÊ QUANDO VOCÊ MAIS PRECISA.

- CARTÃO DE CRÉDITO INTERNACIONAL COM DESCONTO NA ANUIDADE E REAL MINICARD GRATUITO
- TARIFAS REDUZIDAS
- ESPAÇO REAL UNIVERSITÁRIO NA INTERNET
- MAIS UM ANO COM TODOS ESSES BENEFÍCIOS APÓS A FORMATURA

O banco da sua vida.



SANTISTA
TÊXTIL
www.carmim.com.br
Tel.: (11) 5084 3336

Carmim

por **Nina Lemos e Milly Lacombe**
fotos **Daniel Klajmic**

Fotos arquivo pessoal

DECODIFICADA

HÁ 23 ANOS, O NOME VERA ZIMMERMANN É SINÔNIMO DE MULHER BONITA, DISCRETA, MISTERIOSA. DESDE QUE CAETANO VELOSO RESOLVEU FAZER UMA MÚSICA EM HOMENAGEM À BELEZA DE SUA NAMORADINHA TEEN NO INÍCIO DOS ANOS 80, ESSA GAÚCHA RADICADA EM SÃO PAULO NUNCA MAIS DEIXOU O OLIMPO. AQUI, ELA REVELA O SEGREDO PARA NÃO SER DEVORADA

Fotos: arquivo pessoal

Vera Zimmermann sempre soube que era bonita. Mas nunca imaginava que isso iria transformá-la em musa nacional. Aos 16 anos, teve um namorico de verão em Salvador com um cara 20 anos mais velho e viu sua vida virar de pernas para o ar. O motivo? O sujeito em questão era um enfeitiçado Caetano Veloso. Sobre a música que ele compôs para ela em 1981 a atriz não gosta de falar. Diz que a imprensa já esgotou o assunto e que, passados 23 anos, é hora de deixar Vera Gata pra lá. Mas é irresistível não pedir que ela conte como foi o affair com Caetano e outros detalhes da louca vida naquela transição dos anos 70 para os 80. Assim que a música foi lançada, a mídia do país todo caiu matando para saber mais sobre a musa do baiano. Vera era adolescente e ficou assustada com os 15 minutos de fama não intencional. Mas terminou gostando. Gostou tanto que já contabiliza 12.088.800 minutos de ribalta

Apesar dos 23 anos de estrelato, Vera tem coeficiente zero de celebridade (sabe aquela unidade de medida que faz com que "o famoso" se sinta automaticamente uma pessoa melhor do que você?). Solteira aos 40 e mais gata do que nunca, abre a porta do apartamento e nos convida a entrar. A vontade imediata é de escanear tudo, ver os livros da estante, os quadros na parede, as fotos nos porta-retratos. Em nome da boa educação, resistimos. Mas não deu para deixar de notar que a celebridade mora num apartamento de no máximo 90 metros quadrados, tão miúdo como o seu ou o meu. Mais tarde, descobriríamos que nem dela o imóvel é, foi alugado. E que, assim como você e eu, ela precisa fazer as contas no fim do mês para ver quanto sobrou. Quando nossa conversa é interrompida pelo telefonema do mecânico avisando que o carro não ficaria pronto naquele dia, nos olhamos com a certeza de que, beleza fora, ela é gente como a gente.

Infância burguesa

Vera não é filha de atores, não tem herança dramática, nunca sonhou em ser famosa. Nasceu em Porto Alegre e teria terminado como mais uma loira bonitinha do Sul não fosse o pai advogado ter sido transferido para São Paulo quando ela tinha 7 anos. Caçula de seis irmãos, teve uma infância típica de menina burguesa: carro com motorista, mãe dona de casa, colégio particular Até os pais se separarem quando ela tinha 14 anos. Os sinais de turbulência na pacata vida familiar dos Zimmermann haviam começado a aparecer no ano anterior, quando dois de seus irmãos, embalados pela euforia hippie da década de 70, optaram por um estilo de vida mais alternativo e foram viver numa comunidade espiritualista na Bahia. A mãe se empolgou com a escolha dos filhos e seguiu o mesmo caminho logo depois da separação.

Numa das férias que passava na Bahia, a adolescente Vera ficou amiga de Caetano, Gil, Gal e deu no que deu. Logo depois de ter sido eternizada em verso, foi convidada pelo diretor teatral Antunes Filho para subir ao palco Gostou da experiência e decidiu que seu futuro era ser atriz. Alternou peças de teatro dirigidas por gente do quilate de Antunes e do mineiro Gabriel Villela com novelas medianas no SBT e na Globo. Ainda assim, conseguiu manter a imagem cool inabalada. O segredo talvez seja o mesmo jeito despretensioso e despudorado de encarar a vida que fascinou Caetano. Aqui, ela fala abertamente sobre a bissexualidade, a experimentação com vários tipos de droga e a decisão de largar todas, a luta diária para conseguir sobreviver como atriz, envelhecer sem pirar e da decisão de não ter filhos. E mostra que não é tão misteriosa assim.

***Tpm*. Vamos logo tirar aquele assunto do caminho, como você conheceu o Caetano Veloso?**

Vera Zimmermann. Na Bahia, em Salvador. Era uma época em que minha mãe estava morando lá, e eu ia passar as férias, ficava três meses direto. Freqüentava o mesmo ponto da praia, o Porto da Barra, que todo o pessoal "cabeça" da época. Aí é aquele negócio: um te apresenta o outro, o outro mais outro.. Conheci Caetano, Gil, Gal. E eu e o Caetano acabamos ficando juntos, transando.

E aí ele compôs "Vera Gata" pra você. Como foi isso?

Acho que foi depois de uma viagem que fiz com ele para o interior de São Paulo. Nossa relação era uma coisa assim: éramos amigos, namorávamos um pouco, transávamos um pouco. Na volta, ele escreveu a música. Fiquei sabendo por um amigo dele, o *[fotógrafo]* Bob Wolfenson. Ele disse: "O Caetano tá escrevendo uma música pra você, sabia?". Eu lembro que disse: "Ah, tá bom", meio que sem acreditar Um tempo depois, alguém me liga dizendo que o Caetano tinha gravado a música. "Que bom", respondi, sem me dar conta do que aquilo significava. Porque eu era muito inconseqüente, desligada, não sabia a importância das coisas, sabe? Eu tinha 16 anos! Aí, antes de ouvir a música, eu vi a letra no *Jornal do Brasil*. Lembro que estava na Bahia e falei: "Nossa, que letra!". Uns dias depois Caetano chegou e me ligou. "Quero te mostrar a música!". Ele apareceu na casa em que eu estava com uma fita K7 na mão e colocou no gravador. Ficou ali me vendo escutar. Quando acabou, achou que eu não tivesse gostado porque não pulei em cima dele. "Você

A esq. aos 5 anos, no jardim da infância, em Porto Alegre; acima, aos 20 anos, com o diretor de cinema José Antônio Garcia, em casa de amigos em Ibiúna, interior de São Paulo

"A GENTE TINHA MOTORISTA, TRÊS EMPREGADOS, MAS MINHA MÃE MANDOU TODO MUNDO EMBORA E DISSE QUE A GENTE TINHA QUE APRENDER A FAZER A CAMA"

não gostô?!" E eu: "Adorei! É lindo!". Como se reage a uma coisa dessas? O Caetano na sua sala mostrando a música que fez pra você? Qualquer reação vai deixar a desejar *[risos]*.

Com a música veio a fama precoce...
Eu nunca imaginei que alguém viria atrás de mim pra saber quem era a tal da Vera Gata. Eu não tinha a dimensão das coisas. Realmente não tinha. Não sabia que ia ficar conhecida, que as pessoas iam querer me fotografar.

Esse seu estilo de vida cheio de liberdades, viajando com o Caetano aos 16 anos, de onde vem isso? Sua criação foi meio alternativa?
Nasci em Porto Alegre numa família de sete filhos, cinco homens, duas mulheres. Eu era a caçula. Vidinha pacata, jantar na mesa todas as noites, minha mãe cozinhando pra tropa. Até os meus 6 anos, minha mãe era extremamente católica. Daí tantos filhos, né? Quando eu tinha 7, meu pai foi transferido para São Paulo com a família. E o esquema ficou um pouco mais sofisticado. Eram muitos filhos, a empresa dava carro com motorista, tínhamos empregados, essas coisas. Estudei em colégios como o Vera Cruz, que era uma escola meio experimental, mas fora isso era uma vida bem careta.

E como sua mãe foi parar na Bahia?
Com 14 anos meus pais se separaram, e a família deu uma desintegrada. Uns anos antes, a revolução já se anunciava. Acho que morar numa cidade tão grande como São Paulo deixou meus irmãos e minha mãe com vontade de saber mais da vida. Cinco anos depois da mudança de Porto Alegre, dois de meus irmãos foram morar numa comunidade espiritual na Bahia. Um outro resolveu da noite para o dia que não ia mais comer carne. Minha mãe curtiu aquilo e começou a fazer gororoba natureba à noite. Para uma pessoa da minha idade aquilo era bacana, diferente. A gente tinha motorista, três empregados, mas minha mãe mandou todo mundo embora e disse que a gente agora tinha que aprender a fazer a cama. Mas só eu e um outro irmão fazíamos. O resto não fazia nada. Lembro que muitas noites meu irmão mais velho saía de casa puto porque ele dizia que queria carne *[risos]*. Bom, no meio dessa bagunça, o casamento dos meus pais acabou. Daí minha mãe, que passou mais de 20 anos sendo dona de casa, resolveu conhecer o lado de lá da vida e começou a ir visitar meus irmãos na Bahia. Eu, a caçula, ia sempre junto.

Esses seus dois irmãos ainda moram em comunidades?
Uns anos depois todo mundo desistiu dessa coisa mais espiritual, menos minha mãe *[risos]*. Hoje ela é de uma comunidade que se chama Rosa Cruz. Fica aqui perto de São Paulo, em Jarinu. Minha mãe comprou uma casa e ficou por lá.

E você acredita em que espiritualmente?
Acredito numa força que está aqui entre a gente, nessa força divina que nos rege, entendeu? Mas ela não tem um nome, um rosto, um símbolo. Agora comecei a fazer ioga e a meditar, mas sempre acreditei no poder da

Foto arquivo pessoal

Aos 17 anos, na cozinha de sua casa, com a mãe, a irmã mais velha e um irmão

palavra, nas forças da natureza. Sempre me policiei para não ser materialista demais.

E o seu pai? Como ele reagiu a essa desconstrução familiar?
Foi horrível. Meu pai era advogado, trabalhava em banco, era caretão, raramente sorria, não dava abraço, sabe? Ele ficou sem falar com a minha mãe um tempão. Quando eles se separaram, minha mãe descambou, foi viver tudo o que ela não tinha vivido. Para o meu pai o mais importante sempre foi colocar dinheiro em casa. E isso ele fez com dedicação. Porque na geração dele não tinha muito essa coisa de "vamos educar os filhos juntos". O que eles faziam era colocar em casa algumas regras. Por exemplo, a do meu pai era: quem não estava mais estudando, não era mais sustentado. Parou de estudar, tinha que trabalhar. Como eu não fiz faculdade porque encanei que seria atriz, tive que me virar muito cedo. Com 17 anos estava tentando fazer uns bicos na TV, anúncios, essas coisas. Minha mãe também era rígida com essa coisa de dinheiro. Sempre que eu pedia algum ela me perguntava: "Você quer dinheiro ou liberdade? Os dois não dá". Isso pegou em mim. Eu sempre quis liberdade. E ela sempre me deu. Com 10 anos eu andava sozinha de ônibus em São Paulo.

Seu pai está vivo?
Está, mas muito doente, com Alzheimer. Já nem sabe mais quem eu sou.

Vocês se davam bem?
Nossa relação sempre foi boa, mas distante. Ele sempre foi bom pai, mas é alemão, então você imagina. Sabe o típico alemão? Quando ele ficou doente, a gente se reaproximou um pouco. Mas agora a doença está avançada, e não temos mais um relacionamento, embora eu visite ele regularmente. Porque, apesar da distância, eu sempre o admirei muito. A gente tem que entender nossos pais porque a verdade é que ninguém está preparado para ter filho.

Você não quer ter filhos?
Já pensei, hoje não mais. Tenho dez sobrinhos, o mais velho tem 28 anos, o menor tem 3, acompanhei todos crescendo, tenho os amigos que têm filhos. E sou meio desajeitada com criança *[risos]*. Estou bem assim. Adoro essa liberdade que existe em não ter filho. Fazer o que eu quero na hora que eu quero. Se não tiver liberdade, pra mim não funciona. Eu me sinto tão sufocada.

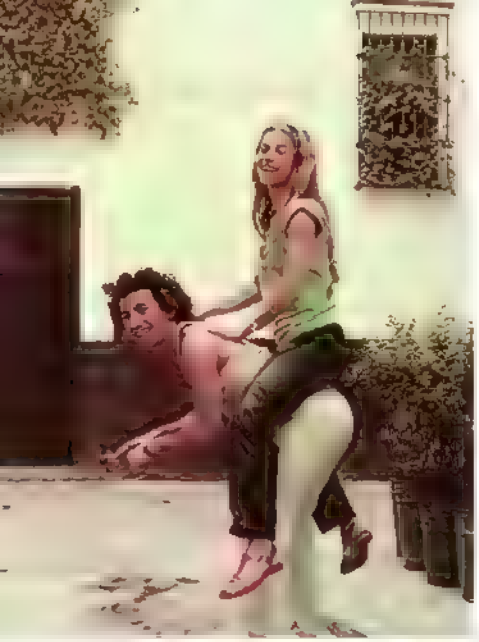
Mas não bateu uma paranóia quando você fez 40 anos: sozinha, sem filhos...
Não é idade que estipula uma crise, né? Quando fiz 40 anos estava estreando meu espetáculo, o *Fausto Zero*, sendo dirigida pelo Gabriel Villela, fazendo um dos personagens mais difíceis da minha vida. Que crise eu poderia ter? Acho que a crise vai bater se um dia faltar trabalho.

Você nunca ficou sem trabalho?
Várias vezes. Vira-e-mexe tô sem. Agora por exemplo, o espetáculo acabou, e não sei qual vai ser o próximo trabalho. Mas a casa nunca caiu. Eu gostaria de emendar trabalhos, acabar um em agosto e em setembro começar outro. Mas não é assim. Quer dizer, é assim com meia dúzia de atores. Pra maioria, é matar um leão por dia.

Você se desespera quando tem um período de entressafra?
Eu me desespero. Mas é mais quando acho que astrologicamente está dando tudo errado. Porque tem horas que eu tô sem trabalhar e fico tranquila.

Te incomoda sair em revistas como *Caras* e *Quem*?
Fui para o castelo de *Caras* no ano passado *[risos]*. Foi ótimo. A revista é boa, tem público. Poxa, um veículo que fala bem, como é raro isso hoje, né? Boas notícias, gente bonita, quem não quer ler? É hipocrisia dizer que

Era uma gata exata
Uma vera gata
Das que não tem dúvida, dúvida
Éramos fogo puro
O amor total
Padrão futuro, éramos, éramos
Puro carinho e precisão
Eficiência, técnica e paixão
Clareza na expressão de cada sensação
Auto programáveis como dois robôs
Mais ninguém mais quente que nós, de que nós
E teve que ser rápida a transação
Pois já nos chamava o ônibus, ônibus
Tivemos tudo, não faltou nada
E ainda madrugada nos saudou na estrada
Que ficou toda dourada e azul
Caetano Veloso



Aos 18 anos, brincando de cavalinho com um amigo em viagem à Espanha e com o irmão Roberto

não gosta. E te ajuda no trabalho. É uma maneira de divulgar. Quem não ina pra um castelo na França, ora bolas? Eu não tenho necessidade de aparecer, só quero ser vista por causa do meu trabalho. Olha, minha vida não é fácil. Se fosse fácil, acho que talvez nem tivesse ido, mas preciso disso porque tem momentos que eu tenho que estar na mídia, que ser vista, que conhecer pessoas.

Você não é dessas atrizes que têm preconceito em fazer, por exemplo, uma novela no SBT.
Olha, no começo você até fala "Ai, mas eu vou fazer esse texto mexicano?". Aí depois você entra lá e tudo é muito engraçado. Você faz coisas como dar um tiro no meio de uma cerimônia de casamento, aponta uma arma na cara da sua filha. Onde mais eu poderia fazer isso? É um trabalho como outro qualquer, talvez um pouco mais engraçado, só isso. Então, ou você se diverte, ou vai sofrer pro resto da sua vida divagando com pensamentos como: "Ai por que eu não estou fazendo uma minissérie incrível de época?".

É o drama da minissérie. Todos os atores parecem querer fazer uma minissérie com o Guel Arraes...
Eu também quero. Mas o que tenho não é isso. Então vou ser feliz com o que tenho, acreditando que um dia vai pintar alguma coisa melhor. Só sei viver dessa forma. Senão vira uma frustração sem fim. A única coisa que quero é ser feliz. E posso ser feliz trabalhando com o Gabriel Villela, fazendo novela no SBT, sem grana no banco...

Mas e quando começarem a pintar os papéis de mãe e de avó a coisa vai pegar?
Se estiver fazendo um trabalho bacana, com pessoas bacanas, nunca vai pegar. O problema é quando você já tá cheio de ruga e quer fazer um personagem que tem pele de pêssego. Mas, se os trabalhos continuarem vindo, que venham as rugas *[risos]* Às vezes quero fazer papéis de mãe que acho interessantes, mas sou recusada porque os diretores dizem: "Você não pode ter uma filha de 18 anos, e esse papel é de uma mãe que tem uma filha de 18 anos". E eu: "Gente, eu posso ter uma filha de 18 anos: eu tenho 40!". "Mas você não tem cara." Ora bolas, claro que eu tenho cara de 40 anos.

Você é vaidosa?
Não em excesso. Mas dermatologista é o médico que eu mais vou por ano. E não é paranóia. Vou lá pra ele receitar o creme, o filtro, a vitamina C, a E, fazer peeling, essas coisas. Eu cuido mesmo. É o meu cartão de visitas. Pelo menos quero envelhecer com a pele bacana

Plástica está nos planos?
Espero não ter que fazer, gostaria de não fazer plástica Mas não posso dizer

O que te levaria a fazer?
Se tiver alguma coisa me deixando insatisfeita, vou fazer. Não posso ser radical e falar: "Nunca". Como vou saber se vou precisar ou não? Talvez faça os olhos daqui a um tempo.

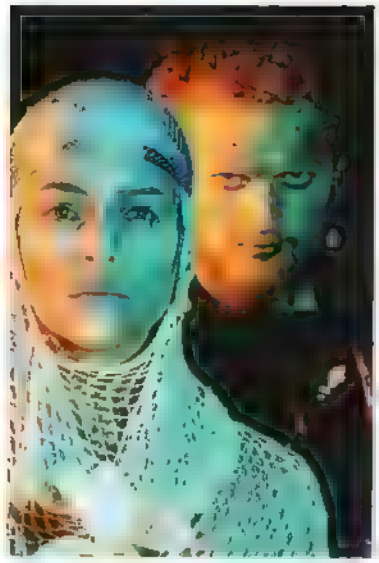
Te incomoda essa expectativa de as pessoas esperarem sempre uma Vera linda?
Estar sempre jovem e bela é a coisa mais impossível que tem. Esperar isso é receita certa para infelicidade. A cobrança maior vem de mim mesma. Amo cuidar do meu cabelo. O creme, a cera, qualquer coisa. Sei que isso me deixa mais bonita. E vou atrás, sabe? Estar bem vestida, essas coisas fazem com que eu me sinta melhor.

Quando você percebeu que era bonita?
Acho que eu sempre soube que era bonita. Mas isso não era importante. Quando estava no ginásio, disputei aqueles jogos da primavera. Jogava tudo: basquete, vôlei. E aí inventaram uma competição de beleza. O treinador falou: "Você não quer entrar?". Lá fui eu. Parecia um soldadinho de chumbo, sensualidade zero. Nem fiquei entre as finalistas *[risos]*. Quando comecei a fazer teste de comercial, com 17 anos, às vezes entrava na sala cheia de produtores, eles me olhavam meio incrédulos: "Você é tão linda, mas o seu cabelo...". Eu queria matar. Mas meu cabelo era super-ressecado, e eu não cuidava. Só quando virei atriz é que comecei a prestar mais atenção nessas coisas.

Ter virado um símbolo sexual deve ter sido um susto então.

"TODOS QUEREM FAZER UMA MINISSÉRIE COM O GUEL ARRAES. EU TAMBÉM QUERO. MAS O QUE EU TENHO NÃO É ISSO. ENTÃO VOU SER FELIZ COM O QUE TENHO. SÓ SEI VIVER DESSA FORMA"

Acima, aos 6 anos, com toda a família em Porto Alegre (Vera está de pé em cima da cadeira) e em junho de 2004 na peça *Fausto Zero*, seu trabalho mais recente



Eu não consigo me ver assim. Tem gente que tem uma sensualidade aflorada, essas pessoas podem ser símbolo sexual. Eu não, já sou toda ao contrário, meio sem jeito. Talvez tenha sido uma defesa minha não ter encarado essa de símbolo sexual com toda a força porque eu optei por outro caminho, por ser vista de um outro modo

Você é mais feliz hoje aos 40 do que aos 20?
Acho que a vida vai melhorando. A gente leva tempo para aprender, né? É por isso que eu gosto de ter 40 anos, porque não tem nada melhor do que maturidade, a experiência de vida. Nossa, os meus 20 anos foram difíceis! Não sei se eu queria voltar a ter toda aquela insegurança.

Você já fez terapia?
Três sessões *[risos]*. Não, brincadeira, acho que fiz uns seis meses. Aí eu saquei o que estava fazendo de errado, corrigi e nunca mais voltei.

E o que estava errado?
Era uma época de grande transformação, eu tinha uns 24 anos e estava cheirando muito pó. Me achava a pessoa mais feliz do mundo até que comecei a não dormir mais. Começou a passar um filme na minha cabeça cheio de cenas de overdoses. Aí resolvi parar. Quando parei, me senti muito sozinha. Aí fiz esses seis meses de terapia. Era tudo tão louco... Ninguém me falou: "Vera, você está exagerando, dá um tempo com a droga". Quando por conta própria decidi parar, saquei que estava sozinha e fiquei muito triste. E a terapia ajudou.

Anos 80, quem não se meteu nessa?
Ah, se você não cheirasse era careta. E nada podia ser pior do que ser careta. Tinha maconha também, claro. Fumei minha vida inteira, aí dei um basta. Mas o pesado mesmo era o pó.

E você experimentou coisas mais transcendentais como ácidos?
Ah sim. Mas teve essa época em que eu senti necessidade de ficar sóbria, não queria mais sentir aquilo. Me deu um pânico de ter toda aquela química dentro de mim, sabe?

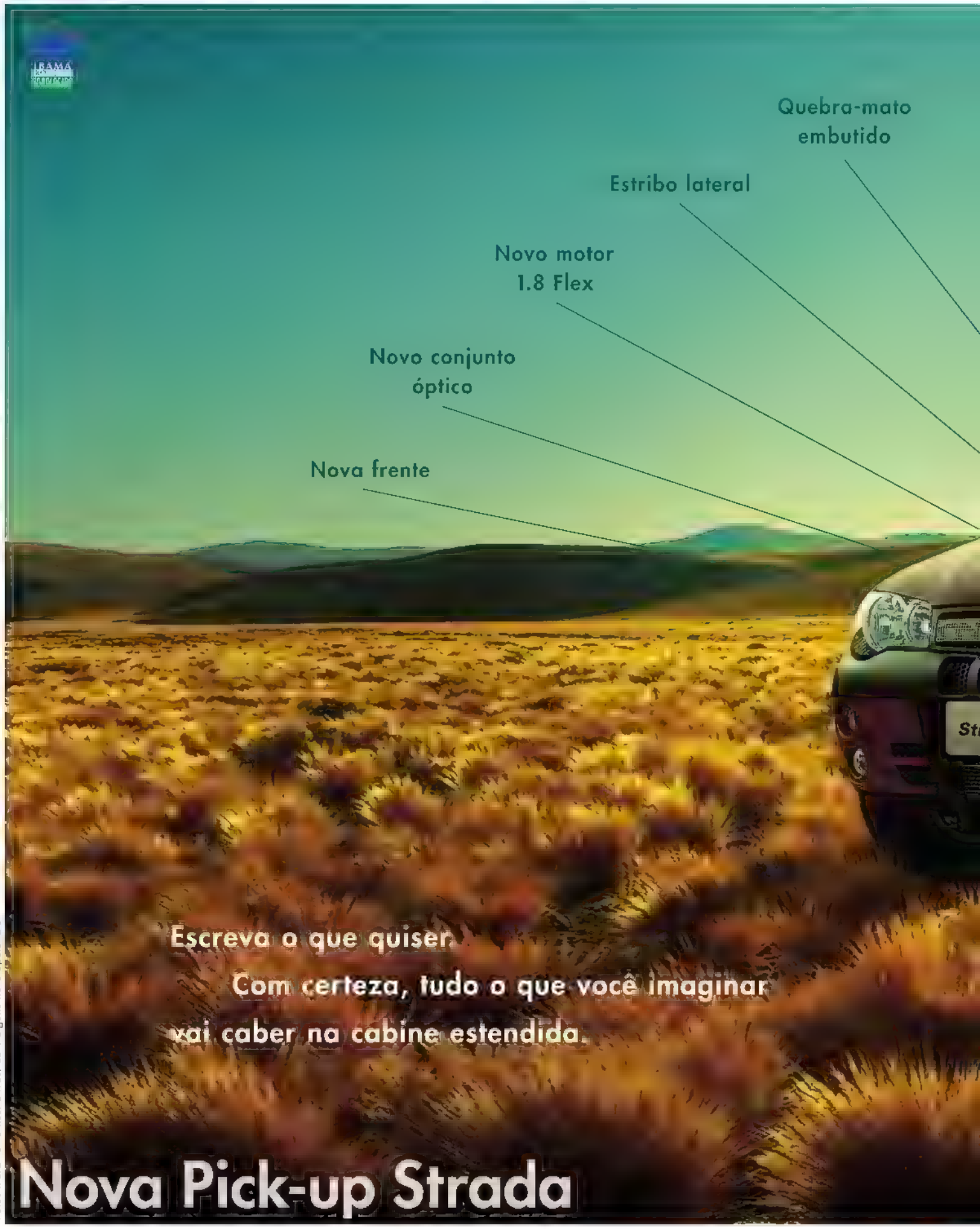
E essa experimentação toda também valia sexualmente?
Anos 80, totalmente livre, era um verdadeiro festival de transa *[risos]*. Entrei nessa meio que pelos mesmos motivos que cheirei pó: porque parecia ser a regra da época. Tem gente que gosta dessa sacanagem, mas não é o meu caso. A verdade é que aquilo não me acrescentava nada. Era mais uma curiosidade. E aí eu saí transando. Comecei com 14 anos e fui longe. Com homem, com mulher... Era até engraçado. Eu tinha um namorado no melhor estilo amor livre. Numas férias a gente viajou cada um para um lado e, na volta, ele falou: "Transei com seis, e você?". Eu tinha transado com quatro. Claro que não durou, né? Era uma competição pra ver quem era mais gostoso. Se pudesse voltar no tempo, não faria isso outra vez. Porque sexo com amor não se compara ao sexo pelo sexo. Mas não me arrependo de nada

Parece que esse tipo de entendimento só rola mais tarde na vida...
É que o sexo precisa ser entendido, conhecido, falado. Não existe uma regra, não existe uma lei, não existe sexo certo e errado. O ato sexual precisa ser desvendado muito cedo. Se a gente tirar o aspecto pecaminoso do sexo, tudo fica mais fácil porque cai por terra o tabu, o medo. Sexo é nosso instinto mais natural, é como comer. Se as pessoas conversassem mais a respeito, se envolvessem logo as crianças nessa discussão, seria bem melhor. Porque a libido bate cedo. Em mim ela começou muito cedo. Acho até que essa liberdade sexual que faz com que as pessoas transem alucinadamente é um efeito colateral da recriminação, da repressão

Então qualquer forma de sexo vale a pena?
Desde que seja consentido, nada é errado em sexo. Temos que acabar com essa hipocrisia, parar de falar sobre isso aos sussurros. Sexo é bom, é saudável, faz bem. E isso independe do tipo de sexo que seja, entre homem e mulher, entre homens, entre mulheres. Como fazer, com quem fazer, acho que isso não importa. O importante é fazer e fazer bem. Se você me perguntar no que eu acredito, vou dizer que acredito no amor. É isso. E sexo é amor, é energia. Minhas melhores fases são aquelas em que estou apaixonada. Posso me apaixonar por tudo: por um texto, por uma obra, por um personagem, por um homem, por uma mulher. Sou movida à paixão.

"POSSO ME APAIXONAR POR TUDO. POR UM TEXTO, UM HOMEM, UMA MULHER. SOU MOVIDA À PAIXÃO"

www.fiat.com.br



Fotos meramente ilustrativas, com alguns itens opcionais

Leo Burnett

MOVIDOS PELA PAIXÃO. FIAT

EDITORA CONVIDADA

JÉSSICA DESILVA (*) E AS COISAS BOAS DA VIDA

Paulo Lima

Qual foi o ponto mais alto e o mais baixo do mês passado para você? O alto foi a semana que passei esquiando em Valle Nevado. O baixo, segunda, 19 de julho; simplesmente o dia mais feio do ano em São Paulo: escuro, chuvoso, gelado.

Tem épocas, como agora, que tudo conspira contra você. O dia parece só ter dez horas, e você precisaria que tivesse pelo menos 36 para dar conta do recado. Clientes querem tudo ao mesmo tempo agora, sua vida pessoal – que há tempos foi deixada de lado – clama por atenção, obturações caem, o cachorro com diarréia, o computador com pau de cinco em cinco minutos, o carregador do celular some misteriosamente, e você fica sem bateria, incomunicável. E isso porque o seu inferno astral supostamente passou há seis meses. Nessas horas, além de recitar uns mantrinhas básicos, tento matar uma tarefa por vez, mesmo que isso não seja o ideal para os outros (tipo a Daniela Falcão e a Milly Lacombe, respectivamente diretora de redação e editora desta revista, que devem, a essa altura, estar fazendo vudu numa foto minha devido aos sucessivos atrasos na entrega desta coluna). Também fico pensando em coisas gostosas que eu poderia estar fazendo neste momento se tivesse nascido rica e despreocupada. Confira a gumas de as. Pensando bem, até uma viagem a Mongaguá seria melhor do que estar aqui agora.

1. Shiatsu + reflexologia + ofurô na Luiza Sato

Ai que delícia seria se neste exato momento eu estivesse caminhando num chão forrado de esteiras de palha, saindo do ofurô e me dirigindo à sala de massagens em qualquer, mas qualquer mesmo, filial da Luiza Sato.

Vá lá: *www.luizasato.com.br, (11) 3085 5406, banho de ofurô de 15 minutos (R$ 30), shiatsu de 1 hora (R$ 95), reflexologia de 45 minutos (R$ 70)*

2. Hidro + butterball + velas + CD do Lama Gangchen

Também não seria nada mau neste friozinho estar mergulhada na banheira preparada com uma butterball da Lush, que solta partículas de manteiga de cacau e aroma de ylang-ylang, à luz de velas, meditando com o CD de autocura do Lama Gangchen. ***Vá lá:*** *Butterball da Lush (R$ 12,10), (11) 3824 9428. CD do Lama Gangchen à venda por R$ 28 no Centro de Dharma, (11) 3871 4827*

3. Quinta-feira de feriado emendado + DVD *Amantes do Círculo Polar* + Choco Pop + manta quentinha

Que sonho se hoje fosse uma quinta-feira de feriado, daqueles que você emenda e, em vez de viajar, fica em casa vendo vídeo, comendo coisas boas e engordativas como Choco Pop ou mini Nhá Bentas, tudo isso coberta por uma daquelas mantas bem quentinhas. ***Vá lá:*** *Choco Pop da Chocolat du Jour (R$ 41), (11) 3168 2720, Nhá Benta da Kopenhagen (R$ 10), 0800 10678, DVD Amantes do Círculo Polar pode ser alugado na Factory Video por R$ 5, (11) 3814 3400, av. Eusébio Matoso, 279, Pinheiros*

Divulgação

4. Lavagem de cabelo com massagem + xampu Phyto + salão vazio + música boa

Bem que eu podia estar agora num momento perua, sem me preocupar com tempo nem com grana, sentada no lavatório de um salão de beleza vazio, com luz baixa, música boa, tendo meu cabelo lavado com aquele xampu divino da Phyto por um ex-massagista profissional.

Vá lá. *xampu Phyto R$ 48 [illegible]*

5. 90 dias de férias + passagem de primeira classe *around the world* + viagem para o Taiti com escala no Chile e hospedagem no Ritz + cartão de crédito eternamente pago por uma herança inesperada

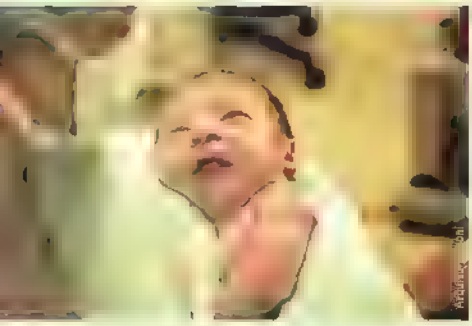
Ai como seria bom se eu estivesse tirando férias acumuladas de três meses hoje e indo para o Taiti com meu namorado... Antes pararia no Chile para esquiar no Valle Nevado (com direito à escala no Ritz de Santiago). Passaria 20 dias entre o Chile e o Taiti e os outros 70 decidiria na hora, afinal é pra isso que servem os tíquetes *around the world*. Ah, e poderia gastar à vontade na viagem, porque nosso cartão de crédito seria pago com uma fortuna milionária que herdei de um tio que nunca conheci. ***Vá lá.*** *passagem de primeira classe around the world da Lan [illegible] válida por um ano, com direito à escala [illegible] R$ 1.500,00, 12 [illegible] 9.000 [illegible] no Ritz [illegible] Santiago para [illegible] de R$ 131 [illegible]*

ZED

(*) JÉSSICA DESILVA, 28 anos, nasceu remediada, mas está na moda

EDITORA CONVIDADA

JULIANA LOUREIRO ENSINA A ALIVIAR A ALMA E O ESTÔMAGO



Qual foi o ponto mais alto e o mais baixo do mês passado para você? O alto foi o nascimento de meu segundo sobrinho, o Gustavo. E o baixo foi ser acordada no meio de uma deliciosa noite de sono porque o alarme da minha loja tinha disparado.

1. Bactéria do bem

Sempre gostei de leite e derivados, embora sentisse que esses alimentos não caíam bem no estômago. Quando descobri que tinha intolerância à lactose, só me restou evitar laticínios e sentir saudades. Isso até descobrir nos Estados Unidos uma bebida láctea à base de uma cultura de bactérias chamada Kefir, que não me causava nenhum mal-estar. A Kefir é obtida a partir da fermentação do leite por bacterias benéficas, chamadas de probióticas. O truque é que, durante a fermentação, essas bactérias se alimentam da lactose, eliminando-a do leite. Depois de ingeridas, as probióticas formam uma colônia dentro do seu intestino, protegendo-o de ataques das bactérias ruins. E ainda ajudam na absorção de nutrientes e auxiliam a digestão. Quer mais? Pois elas restabelecem a microflora intestinal, que costuma ficar destruída depois do uso prolongado de antibióticos e laxantes, e aumentam a resistência imunológica. A Kefir tem um sabor um pouco mais azedinho que o iogurte e é deliciosa pura, com mel, frutas ou cereais. Para mim, foi uma descoberta incrível. E, como se trata de uma cultura que se autoproliferа, você pode comprar uma pequena quantidade e começar sua própria comunidade em casa mesmo. Eu já tenho a minha, guardada em um recipiente de vidro dentro da geladeira. O único cuidado é o controle semanal, para que as bactérias não se proliferem demasiadamente. Se sua comunidade começar a aumentar demais, a dica é distribuir uma pequena quantidade de Kefir a amigos, que podem, dessa forma, começar suas próprias culturas. Você não tem a menor idéia de como começar? Então veja minha receita abaixo.

Ilustração ZED

Coloque 2 colheres de sopa de grãos de Kefir num recipiente de vidro grande e adicione aproximadamente 500 ml de leite fresco. Deixe esse recipiente numa temperatura de aproximadamente 23 °C. É importante que o leite não ocupe todo o espaço do recipiente, pois a mistura "cresce" um pouco. Tampe o recipiente e deixe fermentar por 24 horas. O último passo é coar a Kefir para resgatar os grãos, que podem ser reutilizados imediatamente (sem lavar) para fazer uma nova jarra de Kefir.

Vá lá. *para comprar os grãos, http://www.hamashiha.bpg.com.br/new/produtos/# ou gratuitamente no http://geocities.yahoo.com.br/kefirbrasil/. Uma pequena porção suficiente para dar início a sua cultura custa R$ 9,90*

SAMSUNG
SAMSUNG
CAM
MENU
OK
Celular com flash direcionável.
Para você descobrir quem é quem.
Câmera e flash giratórios.
Exclusividade
vivo
Samsung N395 Light Cam.
Tecnologia com seu estilo.
DigitAll Flash
Câmera Giratória de 180° com Flash Embutido • Download de Sons, Jogos e Aplicativos*
• Mensagens com Sons e Fotos MMS* • Visor com 65 mil Cores
* Depende da disponibilidade e contratação do serviço junto à operadora local.
vivo é você em primeiro lugar

EDITORA CONVIDADA

JULIANA LOUREIRO (*)

2. Shiatsu noturno

Há um tempo, andava me arrastando pelos cantos de exaustão, resultado de uma semana de muito trabalho, trânsito caótico e noites maldormidas. Fiquei meio desconfiada quando uma amiga me deu uns adesivos para grudar na sola dos pés à noite, alegando que aquilo ia restaurar minhas energias. Para ser simpática, aceitei o presente, mesmo cética sobre os resultados. Antes de dormir, por curiosidade, estampei meus pés com aquilo. Qual não foi minha surpresa ao acordar na manhã seguinte novinha em folha, com energia e disposição para correr uma maratona. Resultado: os adesivos viraram mania lá em casa. Eles são importados do Japão e, nos Estados Unidos, foram batizados de Healing Soul. Cada adesivo vem impregnado com ervas e plantas medicinais – entre elas uma tal de *Agaricus blazei Murill*, conhecida como "cogumelo de Deus". Estava lá lendo a bula e levei um susto ao descobrir que esse cogumelo é oriundo, pasmem, da cidade de Piedade, no interior de São Paulo, a 98 km da capital. Animada, fui pesquisar mais informações sobre Piedade e fiquei sabendo que os moradores da cidade sofrem menos de câncer e de doenças geriátricas do que a população geral – e que um dos prováveis motivos é o consumo regular do cogumelo. Descobri até que algumas pesquisas supervisionadas pela Universidade Federal de Maringá atestam para o poder terapêutico do fungo de Piedade. Durante a noite, as ervas presas no adesivo são absorvidas pelas glândulas existentes na sola do pé, entram na corrente sanguínea e começam a atuar no organismo (num processo semelhante ao dos adesivos que liberam nicotina). No dia seguinte, você acorda novinha em folha, como se alguém tivesse passado a noite massageando seu corpo exausto. ***Vá lá:*** *à venda pelo www.visagedelayla.com*

O pacote com 14 adesivos custa U$ 60, incluindo a postagem para o Brasil.

Ilustração ZED

(*) JULIANA LOUREIRO, 31 anos, é empresária, estilista da grife It Girl e viciada em loga

O compromisso ambiental da Infraero começa na planta

INCINERADOR

COLETA DE RESÍDUOS

REFLORESTAMENTO

As obras que a Infraero e o Governo Federal rea izam nos 66 aeroportos são um compromisso com o futuro. A.ém de promover o desenvolvimento e gerar empregos, as ações da empresa são guiadas pela responsabi idade com o meio ambiente. Os 14 programas ambientais da Infraero garantem a ut lização responsável dos recursos naturais e a preservação das áreas próximas aos aeroportos. Isso representa transparência na relação com os nossos 250 milhões de usuários, com as pessoas que vivem próximas aos aeroportos e com as gerações futuras.

O Desenvolvimento passa por aqui

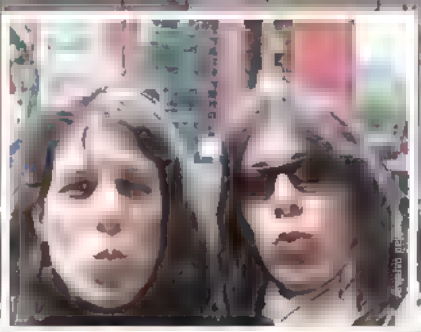
Ouvidoria: 0800 727 1234
www.infraero.gov.br

INFRAERO meio-ambiente

BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

EDITORA CONVIDADA

DANIELLA BIANCHI (*) E O BOM DE PARIS



Qual foi o ponto mais alto e o mais baixo do mês passado para você?
O baixo foi a morte prematura da Pretinha, minha gatinha. O alto foi ter passado uma semana com minha irmã na Europa.

Fotos: Divulgação

1. Uma tarde na Colette

Férias segundo o *Aurélio*: "Um certo número de dias consecutivos destinados ao descanso de funcionários, empregados, estudantes etc., após um período anual ou semestral de trabalho ou atividades". Mês passado, decidi aproveitar o meu pequeno "certo número de dias" para passar uma temporada de verão, com minha irmã e meu filho, Antônio (que ainda reboxa dentro de minha barriga), em Paris. Entre as indicações dos amigos freqüentadores da "cidade luz", uma única era comum: visitar a Colette, uma espécie de loja conceitual que fica na Rue Saint-Honoré e que, provavelmente, foi uma forte inspiração para versões brasileiras mais contemporâneas como a Clube Chocolate. Cheguei ansiosa e com o bolso despreparado. Fiquei vagando de um lado para o outro fascinada com as inúmeras opções de livros de arte, CDs, roupas, bugigangas étnicas, modernas e retrôs. Como era esperado, os preços dos objetos descolados em euro tornaram impossível qualquer arroubo consumista. Mas eu precisava sair de lá com pelo menos uma lembrancinha. Aí decidi comprar um single CD. E assim, quase que por acaso, acabei adquirindo um exemplar do primeiro CD da banda francesa Nouvelle Vague. Saí de lá satisfeita, sem imaginar que minha lembrancinha seria uma das melhores aquisições que fiz nos últimos tempos (veja nota na outra página). A visita à Colette valeu (agradeço aos amigos, um beijo pro Xuxu), mas a boa notícia para quem não planeja ir até Paris tão cedo é que o site é quase tão incrível quanto a loja e faz entregas para o Brasil. A Colette também tem um restaurante simpático no subsolo, com mesas coletivas, mas vou ficar devendo a crítica gastronômica porque a fila de espera de mais de uma hora irritou o Antônio.

Vá lá. *Colette, 213 Rue Saint-Honoré, Paris, www.colette.fr*

2. Nouvelle Vague

Na verdade, não é bem uma banda, mas um projeto musical criado em 2003 por Marc Collin e Olivier Libaux, produtores, músicos e empresários. O primeiro CD da dupla reúne regravações de clássicos de bandas pós-punk bacanas, cantados por moças afinadíssimas, jovens e desconhecidas, a maioria francesa. Na mistura de ritmos, bossa nova, reproduções sonoras do clima nouvelle vague do cinema francês (acreditem, é possível) e inspiração new wave. Depeche Mode, Joy Division, Luxedomoon, P.I.L., The Cure, The Clash e Specials estão todos lá, com músicas inesquecíveis como "Love Will Tear Us Apart", "Just Can't Get Enough", "Guns of Brixton" e outras nem tão conhecidas como "Friday Night, Saturday Morning". O único problema é que o CD só foi lançado na França e ainda não tem data prevista para aportar por aqui. Mas é sã uma excelente oportunidade para os interessados conhecerem o site da Colette, que também vende outros CDs inusitados, verdadeiras pérolas. Se você estiver numa fase meio dura, pode ouvir essas músicas nos álbuns de origem mesmo, quase todos à venda por um preço razoável no *Amazon*.

Vá lá: *o CD NouvelleVague custa 26 euros e pode ser encomendado no www.colette.fr. "Guns of Brixton" (The Clash, álbum London Calling) à venda na Fnac por R$ 19,90, www.fnac.com.br. Os demais podem ser encomendados no www.amazon.com. "Love Will Tear Us Apart" (Joy Division, Substance) R$ 10,99; "This is Not a Love Song" (P.I.L., Public Image Ltd.) Greatest Hits So Far R$ 10,99; "Just Can't Get Enough" (Depeche Mode, Singles 81/85) R$ 7,99.*

(*) DANIELLA GIAVINA-BIANCHI, 30 anos, trabalha com comunicação e cultura há 10 e vai ser mãe do Antônio até o fim da vida.

EDITORA CONVIDADA

LORENA CALÁBRIA (*) FALA DE COMIDA CONFORTÁVEL

Qual foi o ponto mais alto e o mais baixo do mês passado para você?
O baixo foi ver mais uma campanha do Maluf por aí. O alto foi ouvir pela primeira vez na vida minhas filhas falarem "mãe".

1. A comida que conforta

Sabe quando bate aquela vontade de comer um prato igual ao que sua mãe ou avó faziam, com jeito de que acabou de sair do fogão? Pois bem, você está a fim do que os americanos chamam de *comfort food*. Um nome que define aquela comida que conforta a alma, faz carinho no estômago e traz boas lembranças. São pratos básicos, preparados com ingredientes frescos, nada de congelados. E fartura é palavra de honra. Não tem nada de rebuscado nem de exótico. Quanto mais simples, melhor. Até os restaurantes sofisticados já estão adotando o conceito do prato que conforta. É o caso daquele picadinho com farofa e da torta rústica de maçã. Mas a autêntica *comfort food* tem que ser feita em casa, de preferência com suas próprias mãos. Para mim, um dos melhores exemplos de *comfort food* é uma torta de batata com carne que dona Wilma, minha mãe, faz até hoje. E que eu aprendi e adaptei ao meu gosto. Você pode fazer o mesmo.

Torta de batata com carne (para 4 pessoas)

INGREDIENTES:

Para a massa de batata: de 6 a 8 batatas, meio copo de leite, 2 colheres de sopa de manteiga, queijo parmesão ralado a gosto

Para o recheio: 800 g de carne moída, 1 cebola picada em pequenos pedaços, 3 tomates sem pele e sem semente picados em cubo, uma pitada de pimenta-do-reino, meia colher de chá de sal

Modo de fazer:

Cozinhe as batatas até ficarem bem macias. Passe por um espremedor ou amasse-as com um garfo. Coloque-as de volta na panela e acrescente o leite e a manteiga. Mexa com vigor por cerca de 1 minuto, desligue o fogo e deixe na panela enquanto prepara o recheio. Para o recheio, doure a cebola em óleo, jogue a carne moída e mexa regularmente por uns 3 minutos. Acrescente os tomates e misture tudo até que a água dos tomates seque quase completamente – o suficiente para deixar a carne úmida. Acrescente o sal e a pimenta. Depois, unte uma caçarola ou travessa tipo pirex e forre-a com metade da quantidade do purê que está na panela, abrindo como se fosse uma massa até as bordas. Jogue o recheio delicadamente e então cubra a carne com o restante do purê. Alise a superfície com uma colher e depois faça caminhos em linha com a ponta do garfo. Polvilhe com o queijo ralado e leve ao fogo médio por 10 a 15 minutos para gratinar. Sirva com vagem ou ervilhas cozidas e passadas na manteiga.

(*) LORENA CALÁBRIA 39 anos, é jornalista, apresentadora de TV e mãe de gêmeas

O Prestobarba® mais suave para os contornos do seu corpo.
Apresentamos o novo Gillette® Prestobarba Excel.
O novo Gillette® Prestobarba® Excel para mulheres é o único descartável com duas lâminas montadas sobre molas, que se ajustam automaticamente às curvas do seu corpo. Com uma cabeça fácil de enxaguar e limpar e um cabo suave de borracha, nenhum outro Prestobarba® depila tão rente e deixa sua pele tão macia e suave. Novo Gillette® Prestobarba® Excel. O melhor Prestobarba® criado pela Gillette®.
Gillette
Prestobarba Excel
Gillette® Prestobarba Excel for women
Sua melhor imagem
©2004 The Gillette Company

POR QUE VAMOS VOTAR NA SONINHA

As revistas *Trip* e *Tpm*, como fazem quando se identificam integralmente com um candidato, deixam a hipocrisia de lado (um costume da casa, pouco praticado na imprensa em geral) e saem a campo para apoiar um em particular. Uma, aliás: Soninha Francine, apresentadora de TV, comentarista de futebol e mãe de três filhas, que se lança a vereadora pela primeira vez, na cidade de São Paulo.

O que faz uma mulher tão bem-sucedida pessoal e profissionalmente se aventurar no covil do Legislativo Municipal paulistano? Com a palavra Ricardo Guimarães, que nas últimas eleições respondeu em sua coluna na *Trip* ao questionamento de um leitor sobre se valeria a pena se meter em política: "Respeite sua indignação e aposte na sua capacidade de mostrá-la ao maior número de pessoas possível. A política é necessária e, quando praticada com desapego e sabedoria, é a coisa mais linda que alguém pode fazer com a própria vida".

Certamente seria mais fácil continuar fazendo o que já fazia, mas Soninha teve coragem de se candidatar. E nós não apenas apoiamos a decisão como nos empenhamos agora e publicamente na campanha. Mais que isso, nos comprometemos a continuar ao lado dela durante todo o mandato, ajudando no que for possível. Abaixo, Paulo Lima, editor da *Trip* e da *Tpm*, dá outras razões para digitar com gosto o número 13108 na urna eletrônica.

"Há poucas coisas que eu valorize mais numa pessoa do que a coerência. Desde que conheci Soninha, no início da sua trajetória na MTV, vejo-a seguir por um caminho reto, sem atalhos, desvios ou bifurcações suspeitas. Isso ficou claro em situações profissionais e pessoais difíceis que ela atravessou. Quem opta por seguir um eixo firme, cria uma espécie de colchão de credibilidade, que amortece e neutraliza qualquer tipo de choque. Seria muito bom que mais gente com a índole e a dignidade da Soninha topasse encarar esta roubada em que se transformou o Legislativo Municipal nas últimas décadas.

"SERIA MUITO BOM QUE MAIS GENTE COM A DIGNIDADE DE SONINHA TOPASSE ENCARAR ESTA ROUBADA EM QUE SE TRANSFORMOU O LEGISLATIVO MUNICIPAL"

"Como ela mesma me disse, não adianta o pessoal bem intencionado militar apenas nas ONGs, na imprensa, ou pressionando e mobilizando a opinião pública. É preciso também que ocupem as cadeiras e tomem as canetas que, em mãos erradas, na hora H e na maioria das vezes acabam colocando por terra todo o esforço e as crenças dessa galera, em troca de grana, interesses, favores e outras sacanagens. Apóio enfaticamente a candidatura da Soninha e sei que ela será tão honesta, transparente, coerente e dedicada com São Paulo quanto tem sido com sua carreira, sua profissão, sua família, as comunidades onde atua e, principalmente, com ela mesma.

"E será importante acompanhar sua trajetória uma vez eleita, de modo que a *Trip* e a *Tpm* sirvam de canal para que nossos leitores, paulistanos ou não, possam acessar a nova vereadora e, lógico, vice-versa."

Leia uma entrevista exclusiva na qual Soninha explica a candidatura em nosso site: www.revistatpm.com.br

SISTA

TEXTO **RENATA LEÃO** FOTOS **CHRISTIAN GAUL**

ENCANTADO

ELE COLOCA A PLATÉIA EM **TRANSE** QUANDO PISA NO PALCO GRITANDO **POESIAS** À FRENTE DO **CORDEL DO FOGO ENCANTADO**. DESCUBRA QUAL É A QUÍMICA QUE TRANSFORMA O **TÍMIDO** E **FRANZINO** JOSÉ PAES DE LIRA FILHO NO PODEROSO E **SEXY LIRINHA**, VOCALISTA DE UMA DAS **BANDAS INDEPENDENTES** MAIS BEM-SUCEDIDAS DO BRASIL

Se você cruzar com ele na rua, provavelmente nem vai notar a presença desse cara magrelo, tímido e de poucas palavras. Já se assistir a um show do Cordel do Fogo Encantado, dificilmente vai se esquecer de sua voz marcante, dos gestos secos, dos lábios grossos e dos olhos brilhantes. É no palco, gritando poesias com sotaque pernambucano ao som do violão e da percussão de sua banda, que José Paes de Lira Filho, 28 anos, se transforma no Lirinha, personagem que induz a platéia a uma comoção quase frenética. Mesmo quem não gosta do tipo de som deles – um mix de percussão, violão e poesia –, se deixa levar pela alquimia que os cinco integrantes do Cordel, Lirinha à frente, produzem no palco, misturando elementos teatrais e circenses.

A banda nasceu há sete anos em Arcoverde, cidade a 260 km de Recife, onde Lirinha nasceu e se criou. Nos primeiros dois anos de vida, ninguém deu muita bola para os cinco performáticos rapazes pernambucanos. Até que em 1999 a trupe explodiu e passou a ser classificada como "fenômeno" pela mídia nacional. Hoje, fazem em média 80 shows por ano, quase sempre com casa lotada. Lançaram dois discos que venderam juntos 70 mil cópias – número bastante expressivo para uma banda independente. O terceiro CD, em fase de preparação, sai no início de 2005.

O sucesso chamou a atenção da AmBev, que no Carnaval deste ano convidou a banda para estrelar um comercial da cerveja Brahma ao lado de Daniela Mercury. O Cordel também foi parar na telona. Primeiro, em *Deus é Brasileiro*. Depois, em *Lisbela e o Prisioneiro*. Ainda este ano, Lirinha vai aparecer em *Árido Movie*, do diretor Lírio Ferreira, ainda sem data de estréia. Nas próximas páginas você vai descobrir como esse filho de uma professora da zona rural pernambucana que adorava declamar poesias consegue se transformar no carismático band leader que deixa o público com o coração na mão.

"Cordel do Planeta Colorido"

A cidade de Serginho fica na beira do mar. Lá tem peixe, praia, coco e areia para brincar
A cidade de João tem prédio, tem caminhão e parque para passear.
A cidade de Elvira tem bicho, plantas e lua
Raí mora na fazenda e corre com a pele nua
Já o menino sem nome vive morrendo de fome e a sua casa é a rua
Todos moram num planeta, numa galáxia crescida pendurada no espaço, numa bola colorida, água, fogo, terra e ar, nunca pára de rodar a grande casa da vida

Tpm. Nos shows do Cordel, a platéia parece entrar em transe, declamando as letras com o mesmo fervor dos fiéis na igreja. Qual é sua explicação para isso?
Lirinha. Com a ajuda da percussão e da poesia, a platéia se envolve numa espécie de ritual embalado pela dança. Nossos shows envolvem celebração, e a resposta do público é muito forte. No palco você fica muito iluminado, ainda mais falando de coisas encantadas, de sentimentos como amor, saudade, tempestade, palhaços sem futuro

As mulheres ficam loucas, né?
Essa entrega é uma resposta ao que estamos propondo. E não acontece só com o publico feminino Os homens também se envolvem, só que de uma forma mais contida. A gente conta uma história, faz um show, encanta Mas não sei exatamente o que provoca esse desejo.

O Lirinha do palco é um personagem. O público consegue fazer a distinção entre você e essa persona que criou?
Aconteceu mais de uma vez de a garota pedir para eu recitar uma poesia quando estávamos a sós Isso era extremamente desagradável, totalmente desconcertante Eu não conseguia trazer essa coisa do palco para a minha vida na hora de conquistar. Quando estava corajoso, dizia que aquilo me incomodava. Mas tem momentos em que a gente é extremamente covarde e submisso

Aos 28 anos, você já tem dois filhos com mulheres diferentes. Você não acredita em relação a dois? É muito mulherengo?
O que acontece é que passo muitos momentos do dia perdido em pensamentos e me afasto das pessoas que estão ao meu lado. Quanto a esse lance de mulherengo, sou muito tímido. Mal consigo dizer poesia para conquistar alguém

Nem para uma mulher por quem você esteja apaixonado?
São raríssimas as poesias que fiz para alguém específico Fiz uma para a minha filha, o "Cordel do Planeta Colorido". Fico travado, não consigo utilizar as palavras para amor ou conquista

Você foi pai pela primeira vez aos 22 anos, bem na época em que o Cordel estava deixando Arcoverde para ganhar o Brasil. Como foi ter vivido essas duas coisas ao mesmo tempo?
Elvira *[a filha mais velha, de 5 anos]* é fruto da minha história com Marina, uma grande artista e bailarina de Arcoverde. Quando ela engravidou, não estávamos mais namorando, mas voltamos por causa da energia do nascimento, do desejo de sentir a criança, de saber como era ser pai. Eu e a Marina éramos extremamente inexperientes, ela tinha só 18 anos, eu começando minha história com o Cordel, pensando em deixar Arcoverde. A Elvira nasceu às 7h45 de um dia de Folia de Reis, 6 de janeiro de 1999, numa linda manhã de chuva e trovões na cidade Mas três dias depois tive de ir para Recife fazer um show que foi decisivo na trajetória da banda

Você sente culpa em ter deixado Arcoverde logo depois de a Elvira nascer?
Sinto e até hoje pesa. Talvez esse seja um dos grandes questionamentos da minha vida. Mas foi a escolha daquele momento. Sempre achava que era só um tempo e que voltaria logo. Só que de Recife vim para São Paulo e aqui fiquei. Elvira mora em Arcoverde até hoje com os avós maternos. Foi criada com muito amor, aquela coisa doce de cidade do interior A mãe mora em Brusque, Santa Catarina, se mudou para lá logo que eu vim para São Paulo. Passo horas pensando em trazê-la para junto de mim, porque é uma saudade constante. A minha intenção é fazer isso no começo do ano que vem. Sei que ela vai morrer de saudades dos avós, mas acho importante que conviva com os pais e receba nossa orientação. Prefiro errar por excesso de amor a me ausentar Estando aqui comigo, fica mais fácil de ver a mãe em Santa Catarina, o que é ótimo. As pessoas me perguntam como vou fazer para cuidar, dar conta de levar na escola, mas prefiro pensar em como vai ser bom tê-la perto.

O João, o mais novo, que mora em São Paulo, você vê sempre?
Pego e levo na escola sempre que estou na cidade. Ele tem 2 anos. A mãe dele é de Olinda e veio comigo quando me mudei de vez para São Paulo, em 2000. Começamos a namorar no fim de 1999 e ficamos juntos até o começo de 2003. Quando João nasceu, a sensação era de estarmos sozinhos no mundo, nesta cidade fria, sem família por perto. Uns seis meses depois, a gente começou a se desentender muito e achamos melhor nos separar. Tivemos dificuldade de construir coisas boas juntos, ligadas a carinho.

Hoje você se sente mais preparado para a vida a dois?
Talvez. Não me casei mais, mas namoro ha um ano e meio a Leandra *[Leal, protagonista de* O Homem que Copiava*]* É um relacionamento bem legal e tranqüilo. Nos conhecemos porque a Leandra produzia os shows do Cordel no Teatro Rival, no Rio de Janeiro, onde fizemos várias apresentações. Tem sido muito legal, mas imagino que não seja fácil conviver comigo

Por quê?
Passo muito tempo com meus pensamentos e isso, uma hora, começa a se tornar doloroso para quem está junto. Tenho dificuldade em expressar o amor de maneira concreta. Além disso, vivo viajando, conhecendo um monte de gente nos shows. Isso vai criando uma insegurança para quem está fixo num lugar, me esperando. Mas acre-

"Aconteceu mais de uma vez de a garota pedir para eu recitar uma poesia quando estávamos a sós. Isso era extremamente desagradável, totalmente desconcertante"

Veja mais fotos e outras respostas de Lirinha no nosso site. **www.revistatpm.com.br**

Coordenação de produção **Anita Castanheira** Estilo **Lara Gerin** Beleza **Omar Bergea** Assistente de Fotografia **Pablo Torrecilas** Agradecimentos **Cabo Mendes** e **Casa das Caldeiras**

dito que existam pessoas que consigam conduzir isso de uma forma sublime e evoluída. É fundamental passar para o outro segurança, mas eu sinceramente me atrapalhei em vários momentos e, por mais de uma vez, fui pouquíssimo amigo de quem estava ao meu lado.

Como você começou a se interessar por poesia?
Minha mãe nasceu na zona rural e saiu de lá professora, aos 18 anos. Acho que herdei dela essa determinação em ir atrás dos sonhos. E também o gosto pela poesia. Tenho gravações antigas dela recitando e, nas minhas apresentações, sempre me pego tentando imitar sua voz. Além dela, meus tios faziam reuniões de poetas chamadas cantorias. Eu participava muito desses encontros e conheci muitos recitadores. Abria os livros e começava a decorar as poesias. Aí passei a recitar. Como era muito novo, tinha uns 12 anos, impressionava pela memória e oratória. Os cantadores começaram a me levar a festivais e passei boa parte da adolescência viajando.

Viajando para recitar poesias?
É. Estreei em grande estilo, no Teatro Guararapes, em Recife. Platéia lotada, 2.400 pessoas. Antes, o maior lugar em que tinha me apresentado era a sala da casa de alguém. Me segurei em uma poesia de Patativa do Assaré, "Espinho e Fulô". A partir desse dia, fiquei à vontade para dizer poesias em palcos.

O que sua família achava de tudo isso?
Meu pai trabalhava na Secretaria da Fazenda, fiscal concursado. Apesar de não ser artista, sempre deu o maior apoio.

Mas aí você deixou a vida de viajante de lado e foi estudar teatro, não foi?
Comecei com o teatro porque já não era mais criancinha, e o pessoal não me chamava tanto para esses encontros. Também não queria ficar limitado à poesia rimada e metrificada dos cantadores. E foi no teatro, que eu fiz ali mesmo no Sesc de Arcoverde, que o horizonte se abriu.

Foi nesse teatro que surgiu o Cordel?
Fiz um espetáculo de poesias na escola onde eu estudava em que já tinha amigos tocando percussão e violão com a poesia, já com a estrutura de microfone e ambiente de show. Essas coisas já anunciavam a vinda do Cordel, que surgiria logo depois, em 1997.

Nessa época o Cordel era bem teatral?
Eram 40 minutos de poesia e meia hora de música. Mas ninguém deu bola no início. Até que em 1999 tocamos no RecBeat *[festival de rock que acontece durante o Carnaval de Recife]*, no meio da rua, e deu certo. A gente achava que o espetáculo só faria sentido com a introspecção que o teatro provocava nas pessoas. Foi depois desse show que começamos a aparecer na mídia com descrições tipo "carreira meteórica".

Como foi o pulo de Recife para o mundo?
Em Recife a gente praticamente não morou. Ficamos uns seis meses e já viemos para São Paulo para fazer uma temporada no Blen Blen *[casa de shows paulistana na Vila Madalena]*. Ficamos hospedados numa pensão para estudantes no Bexiga. As apresentações começaram com 40 pessoas e esse número foi aumentando gradativamente.

Por que São Paulo?
Vários grupos que eu admirava tinham feito essa retirada, como o pessoal do movimento mangue beat. Eram eles, naquele momento, nossa referência de técnica, de luz, de espetáculo. A gente nem era amigo até então, ficamos por conta da convivência em São Paulo.

Você chegou a ver o Chico Science tocar?
Nunca vi o Chico tocar, ele morreu antes. Fico muito triste, mas para o meu trabalho no palco foi até bom. Dizem que ele era tão genial e grandioso que, se eu tivesse visto, estaria imitando-o agora. O movimento que ele lançou, apesar de não ter nada a ver com o que o Cordel faz, serviu como abertura para a gente poder lançar nossa poesia.

A coisa cresceu tanto que, no último Carnaval, você foi convidado para representar Pernambuco na propaganda da Brahma. Como foi isso?
Nos sentimos muito honrados, porque o mote da campanha era "a cerveja de todos os carnavais", com a Daniela Mercury representando a Bahia, o Dominguinhos da Viradouro, o Rio, e o Cordel, a folia pernambucana. Mas nossos fãs criticaram muito. As pessoas achavam que a gente tinha "se vendido". Encarei essas críticas como elogios, porque vi como as pessoas esperam coisas grandes da gente. Achei legal fazer e não me arrependo, mas vou pensar melhor quando pintar um convite como esse de novo.

"Nunca vi o Chico tocar, ele morreu antes. Fico muito triste, mas para o meu trabalho no palco foi até bom. Dizem que ele era tão genial e grandioso que, se eu tivesse visto, estaria imitando-o agora"

POR ANA MARIA PERES · RENATA URSAIA

A NOVA SENNA?

RECORTE E GUARDE ESTA PÁGINA. DAQUI A TRÊS ANOS A BRASILEIRA **BIA FIGUEIREDO** PODERÁ SACUDIR A **FÓRMULA 1**. SE ISSO ACONTECER, A REPORTAGEM ABAIXO ENTRARÁ PARA A **HISTÓRIA**

O novo Ayrton Senna nasceu há 19 anos em Taboão da Serra, município da Grande São Paulo, e é uma mulher. Pelo menos assim proclama o conceituado jornal inglês *The Observer*. Em artigo de duas páginas publicado em maio, o periódico traça o perfil da brasileira Ana Beatriz Figueiredo e compara sua trajetória com as de Piquet, Rubinho e Senna levando em conta as vitórias e pole-positions da carreira da garota: 42 e 20, respectivamente – mais do que os três pilotos no mesmo período de tempo. Ficamos fascinadas com a história da adolescente que dirige magistralmente um carro a mais de 240 quilômetros por hora. Não só por ela ser mulher, mas porque a gente sempre quis entender melhor o que leva uma pessoa a arriscar a vida para voar baixo num autorama *real life*. Aí, só nos restou ir atrás dessa Penélope Charmosa da era *Velozes e Furiosos*.

Como não poderia deixar de ser, encontramos Bia no Autódromo de Interlagos, numa tarde gélida de julho. Jeitão de moleca, palavras contidas, ela não dá a menor pinta de que é uma espécie de mulher maravilha sobre rodas. A timidez esconde uma fera que burilou seu talento ralando numa pista de kart – trajetória idêntica à de todos os brasileiros que chegaram até a Fórmula 1. Foram nove anos pilotando o carrinho até estrear na Fórmula Renault em 2003. O début não poderia ter sido mais promissor: Bia conquistou o título de melhor estreante da temporada. Detalhe: ela era a única mulher na disputa. Este ano, está em segundo lugar na classificação geral e pode se sagrar campeã da competição, que termina em dezembro.

Ser mulher não é a única coisa inusitada na trajetória de Bia no automobilismo. Ela não vem de família abastada nem é filha de pilotos – duas coisas raríssimas entre os aspirantes ao cockpit de um F-1. Disputar corridas custa caro e é quase impossível um jovem sem respaldo financeiro conseguir se dar bem no esporte. Mas Bia parece ter nascido para quebrar barreiras. Filha de um psiquiatra e de uma dentista, nunca teve estímulo em casa para virar piloto. O inusitado interesse por automóveis velozes surgiu quando, aos 5 anos, descobriu a F-1 pela TV. Nessa época, Senna mandava ver nas pistas e ela, enfeitiçada, assistia a todas as provas. "Percebendo o interesse, meu pai me levou ao Kartódromo de Interlagos, só para assistir", explica. "Mas eu pirei, queria pilotar na hora." O patriarca ficou assustado e só capitulou três anos mais tarde. Aos 8, Bia estreou no kart e não parou mais de correr.

Patrocínio

Desde então, vem acumulando vitórias. Em 2001, ficou em terceiro lugar no Brasileiro de Kart. No ano seguinte, foi vice-campeã (ela, sempre a única mulher da competição). Mas só no ano retrasado é que conseguiu patrocinador. Durante oito anos de kart, foi bancada integralmente pelo pai. "Ele gastava mais de R$ 5 000 por mês comigo", diz. Ainda assim, a grana era pouca. "Corria em desvantagem porque não podia ter os melhores equipamentos." Se um dia chegar mesmo à Fórmula 1 como prevê o jornal inglês, o investimento terá valido a pena, já que um piloto mal pago embolsa US$ 500 mil por ano (Rubinho, por exemplo, fatura US$ 9 milhões).

Há três anos, Bia namora um ex-piloto de kart, Fábio Souza, 22. Mas a única companhia garantida nas viagens é o técnico e mecânico Nailor Borges Campos, 52, o Nô, ex-preparador de Rubinho, com quem Bia está desbravando uma nova fronteira: a de ajustes de motor. Para se dar bem na Fórmula 1, ela precisa entender de cilindros, pistões, roncos... Ano que vem, deve disputar a Fórmula 3 Sul-Americana ou a Renault européia. Se tudo correr como o previsto, em 2007 Bia estreará na F-1. "Essa é minha meta, mas, se não rolar, beleza. Vou pra outra categoria, tento até rali. Se tiver graxa, gasolina e motor, estou feliz", completa.

ATÉ ONDE QUEREMOS IR

As mulheres nunca chegaram tão longe nos esportes, rompendo barreiras e competindo de igual para igual com os homens. Em 2002, a canadense Hayley Wickenheiser se tornou a primeira mulher a marcar um gol na liga profissional masculina de hockey. No mesmo ano, a inglesa Paula Radcliffe venceu a Maratona de Chicago, cravando novo recorde mundial (2:17:18). Paula fez história ao reduzir para 12 minutos a diferença entre a melhor marca masculina e a feminina. Em esportes mais radicais, como surf e snowboard, mulheres também rompem fronteiras. Enquanto a australiana Layne Beachley se arrisca em ondas de mais de 12 metros, a canadense Victoria Jealouse faz seu nome em uma modalidade conhecida como extreme snowboarding, o surf em neve virgem e inexplorada. Quando as suecas Hanna Ljungberg e Victoria Svensson receberam a oportunidade de virarem as primeiras mulheres a jogar no campeonato italiano de futebol pelo Perugia, a verdade bateu à porta: não se trata de quanto mais longe podemos ir, mas sim de quanto mais longe queremos ir.

Beleza **Omar Bergea** Agradecimento **Autódromo de Interlagos**

FOTOS **FERNANDO MARTINS** ESTILO **NANDA SANSONE** E **VERONICA CAMPOS**

Paula Bondan, 36 anos, formada em direito, virou quituteira e hoje é dona da Guloseria Frau Bondan. Além de vender doces de todos os lugares do mundo em seu café, prepara bufês

Jantar com amigos A Favorita, onde como maravilhosamente bem. **Jantar a dois** Taste Vin. Adoro tomar um bom vinho e comer um suflê. **Para comer um doce** Frau Bondan, claro! O que eu mais gosto é o que mais vende: um copo de mousse de chocolate com nozes. **Para dançar** Matriz, no edifício JK (uma espécie de Copan de BH). **Livraria** Letras & Expressões. Faz parte de um projeto da Petrobrás chamado Posto pra Ler. Fica num posto de gasolina na avenida Getúlio Vargas, na Savassi. **Programa cultural** Feira de antiguidades Tom Jobim, na avenida Bernardo Monteiro. Todo sábado, a partir das 11h. Não deixe de comer na barraquinha de Uma e Madu Rohaig, um casal indiano. **Imperdível** A feirinha de flores de sexta-feira à tarde na avenida Bernardo Monteiro. **Por que a foto no Mercado Municipal** Vou muito e acho fascinante aquela mistura de cheiros, gente, cores e sons. Quando chego, compro logo uma fatia de abacaxi na banca do Tião, que agora tem até guardanapo

Vá lá: A Favorita. *(31) 3337 5542;* ***Frau Bondan.*** *(31) 3337 8198;* ***Letras & Expressões:*** *(31) 3262 4007;* ***Matriz:*** *(31) 3212 6122 e* ***Taste Vin:*** *(31) 3292 5423*
Blusa **Victor Dzenk**, R$ 122; saia **Ronaldo Fraga:** R$ 225 e pulseiras coloridas **Brechó Brilhantina:** R$ 1 cada

MINAS

Belo Horizonte é a quarta maior capital brasileira. Urbana na medida certa, a cidade tem tudo o que a gente precisa pra se divertir, mas sem o caos que atazana a vida de paulistanos e cariocas. Para contar o que a cidade tem de mais bacana, convidamos nove meninas que agitam BH. De quebra, elas ainda serviram de modelo para mostrar o melhor das grifes mineiras.

Mariana Pentagna, 26 anos, gerente de concessionária

Jantar com amigos Dartagnan. O ambiente é aconchegante, e o choque é maravilhoso, assim como a entrada de atum com gergelim. **Jantar a dois** Taste Vin, que tem todos os suflês que se possa imaginar. E a melhor adega da cidade. **Para se exercitar ao ar livre** Lagoa Seca, no bairro Belvedere, porque é plana, perfeita pra correr. **Para comer um doce** Qualquer sobremesa do Aurora, na Pampulha. **Para dançar** Na Sala, onde tem gente bonita e música boa. **Para tomar um café** Graciliano, que é um restaurante, mas o forte é a padaria, com doces, chás e cafés. Gosto especialmente das tortas. **Livraria** da Travessa. Tem um barzinho gostoso e, às vezes, toca jazz ao vivo. **Imperdível** A torcida do Galo lotando o Mineirão em dia de clássico. **Por que a foto na Praça do Papa** Por causa do visual lindo da cidade, do pôr do sol que se vê de lá e da ótima pipoca doce.

Vá lá: ***Aurora:*** *(31) 3498 7567*; ***Dartagnan:*** *(31) 3295 7878*; ***Graciliano:*** *(31) 3286 8505*; ***Livraria da Travessa:*** *(31) 3223 8092*; ***Na Sala:*** *(31) 3286 4705* e ***Taste Vin:*** *(31) 3292 5423*

Regata **Eduardo Suppes**: R$ 180, casaco **Coven**: R$ 220 e saia **Patachou**: preço sob consulta

Raquel Fernandes, 30 anos, dona do Brechó Brilhantina, grávida de 4 meses

Jantar com amigos Balaio de Gato, por causa de um tira-gosto chamado "As Putinhas" batatinhas redondas com tempero especial. **Jantar a dois** Café do Divino tem um creme de rosas com sorvete de iogurte que é delicioso. **Para se exercitar ao ar livre** Dar uma volta na Lagoa da Pampulha: é extensa e agradável pra andar de bicicleta e a pé. **Para comer um doce** A Fany Bombons tem o melhor chocolate quente da cidade. **Para dançar** Up! Galera antenada, com vários DJs na mesma noite. **Para tomar um café** Tomé. Tem um cappuccino delicioso, uma carta de cafés com variedades de todo o Brasil e coquetéis à base do grão. **Livraria** Agência Status. É legal porque tem um espaço pra ler a revista antes de comprar. **Programa cultural** Conhecer a Igreja de São Francisco, porque foi desenhada por Oscar Niemeyer e tem os jardins do Burle Marx. **Imperdível** Sorvete natural da Universal, uma das mais antigas da cidade, com 30 tipos de sorvete. Além de naturais, são baratos. **Por que a foto no Café com Letras** Frequento muito por ser perto do brechó. E adoro o petit gâteau de lá.

***Vá lá:* *Agência Status*: (31) 3261 6045; *Balaio de Gato*: (31) 3213 9374; *Café com Letras*: (31) 3225 9973; *Café do Divino*: (31) 3286 7281; *Fany Bombons*: (31) 3286 2742; *Igreja de São Francisco*: (31) 3441 9325; *Sorveteria Universal*: (31) 3273 6794; *Tomé Bar Café*: (31) 3227 6056 e *Up! Bar*: www.upbarbh.com.br**

Blusa: R$ 299 e sapato: R$ 199 **Eduardo Suppes**; bermuda **Ronaldo Fraga**: R$ 210; bolsa **Gla**: R$ 82 e óculos **Brechó Brilhantina**: preço sob consulta

Fernanda Chagas, 28 anos, produtora cultural do Movimento Balanço

Jantar com amigos Cantina do Lucas, que fica no edifício Maletta. Super boêmio, agradável e o medalhão com arroz é uma maravilha. **Jantar a dois** Esopo Taberna dos Tempos. Luz de velas e a carta de vinhos é variada. **Para se exercitar ao ar livre** O Parque Municipal tem pistas de cooper. Em pleno centro da cidade, dá pra respirar ar puro. **Para comer um doce** Bar do Alemão, na Casa Branca (distrito a 20 km de BH). É um sítio-bar bem interessante. O rocambole de chocolate com nutella vale a viagem. **Para dançar** Movimento Balanço. Sou suspeita porque produzo, mas para quem gosta de black music é a melhor opção. **Para tomar um café** O café-da-manhã do Bonomi, na praça ABC, é completo. **Livraria** Sebo Páginas Antigas. Tem variedade e preço bom. **Programa cultural** Festival Internacional de Teatro, que acontece uma vez a cada dois anos. **Imperdível** O bar Graças a Deus, no São Pedro, porque tem boa música e tira-gostos ótimos como o kibe chamado "Tia Linda". **Por que a foto no Balaio de Gato** É um lugar novo que mistura café gostoso com artesanato mineiro. O happy hour de lá é ótimo.

Vá lá. Balaio de Gato: *(31) 3213 9374*, ***Bar do Alemão***: *(31) 9943 1414*, ***Bonomi***: *(31) 3261 3460*; ***Cantina do Lucas***: *(31) 3274 4242*; ***Esopo Taberna dos Tempos***: *(31) 3286 3412*; ***FIT*** *www.pbh.gov.br/cultura/fitbh*. ***Graças a Deus***: *(31) 3282 0318*; ***Movimento Balanço***: *www.movimentobalanco.com.br*. ***Parque Municipal***: *(31) 3277 4749* e ***Sebo Páginas Antigas***: *(31) 3221 8490*

Camiseta e cinto **Laranja Lima**: preço sob consulta; short **Victor Dzenk**: R$ 102, anel **Balaio de Gato**: R$ 19,50, sapato **Brechó Brilhantina**: R$ 75 e bolsa **Gia**: R$ 72

Ana Siffert, 29 anos, formada em direito e belas-artes. Hoje é artista plástica e ilustradora de livros infantis

Jantar com amigos Cantina do Lucas, no edifício Maletta, tradicional ponto do Centro de BH. Comida é boa e variada. **Jantar a dois** L'Osteria, casa de massas superaconchegante. **Para se exercitar ao ar livre** A piscina do Pingo D'água, onde faço hidroginástica. **Para comer um doce** Confeitaria Momo, adoro os sorvetes de lá. **Cinema** Cine Belas Artes, porque passa filmes alternativos. **Para dançar** A Obra, que toca boa música dos anos 80. **Para tomar um café** Café com Letras, porque o ambiente é supergostoso. **Imperdível** Rochedão do restaurante Bolão, o melhor prato feito da cidade. **Por que a foto na Praça Santa Tereza** É um bairro onde eu ando muito, acho superagradável passear por ali a pé.

Vá lá: A Obra: *(31) 3261 9431*; ***Bolão***: *(31) 3461 6211*; ***Café com Letras***: *(31) 3225 9973*; ***Cantina do Lucas***: *(31) 3274 4242*; ***Cine Belas Artes***: *(31) 3213 5594*; ***Confeitaria Momo***: *(31) 3421 5020*; ***L'Osteria***: *(31) 3481 1658* e ***Pingo D'água***: *(31) 3227 9137*

Camiseta **Vide Bula**: R$ 131; saia e manga **Laranja Lima**: preço sob consulta; e chinelo **Dolce e Gabbana** para **M&Guia**: R$ 1 195

Ana Luiza Inchausti Coelho, 26 anos, é publicitária

Jantar com amigos A Favorita ótima comida e atendimento. **Jantar a dois** Dartagnan é aconchegante e a comida é excelente. **Para comer um doce** Cheese Cake no Shopping Diamond Mall é meu doce predileto. **Para dançar** Na Sala, onde tem mais gente bonita. **Livraria** Café com Letras, ótimo atendimento e livros bons. **Programa cultural** Café com Jazz na Livraria Status. É cultura pura. **Imperdível** Feira hippie aos domingos na avenida Afonso Pena. Dá pra fazer boas compras. **Por que a foto em Macacos** Lugar bonito, calmo e tradicional. É perto de BH e totalmente diferente da cidade grande.

Vá lá: A Favorita: *(31) 3337 5542;* ***Café com Letras:*** *(31) 3225 9973;* ***Cheese Cake:*** *(31) 3292 9147;* ***Dartagnan.*** *(31) 3295 7878;* ***Livraria Status:*** *(31) 3261 6045 e* ***Na Sala:*** *(31) 3286 4705*
Regata: R$ 129,40 e cinto: R$ 64,70 **Renato Loureiro**, calça jeans **Yanük** para **M&Guia**, R$ 722, pulseiras: R$ 10 cada e tiaras: R$ 5 cada **Brechó Brilhantina**

Ticha Ribeiro, 31 anos, formada em publicidade, foi produtora de moda e hoje é a brand manager da Converse All Star na América Latina
Jantar com amigos A Favorita. Encontro todo mundo lá. Gosto especialmente do pato com figo. **Jantar a dois** HUM, na estrada para a serra da Moeda. Tem horta e pés de framboesa. O risoto de camarão é ótimo. **Para se exercitar ao ar livre** A Gruta da Lapinha é um paraíso da escalada, com vários paredões e outras grutas lindas. **Cinema** Usina Unibanco. É uma sala menor, sem filas e com filmes alternativos. **Para tomar um café** Café do Museu, no Museu Abílio Barreto. O petit gâteau é divino. **Imperdível** Ver os saltos de parapente na entrada da serra da Moeda e depois tomar uma cerveja no restaurante Topo do Mundo, no mirante. **Por que a foto no Museu Abílio Barreto** Tudo no café é muito gostoso, tem sempre gente interessante e uma exposição diferente pra ver.

Regata: R$ 558 e sandália: R$ 2 340 **Dolce e Gabbana** para **M&Guia**, manga **Patachou**: preço sob consulta, calça **Coven**: R$ 262, colar: R$ 15 e crucifixo: R$ 22 **Brechó Brilhantina**

Maria Bernadete, 31 anos, é estilista e produtora de moda, sócia de Ticha na revista eletrônica *Anteprima Colezione* e faz consultoria para a All Star
Jantar com amigos Pizzaria Marília, gente bacana e boa comida. **Jantar a dois** Taste Vin. É pequeno, tem suflês muito bons e variedade de vinhos. **Para se exercitar ao ar livre** Lagoa dos Ingleses. É afastada e tem muito verde. **Para comer um doce** A Ah! Bom tem uma vitrine de doces enorme e todos são muito gostosos. **Para tomar um café** Bonomi, padaria italiana, rústica, legal até pra ir à noite. **Livraria** da Travessa. Tem cadeirinhas na rua e música ao vivo de vez em quando. **Por que a foto no Museu Abílio Barreto** É um lugar superagradável e tem um restaurante gostoso.

Regata e manga: preço sob consulta **Patachou**, calcinha **Victor Dzenk**: peça de desfile, maçaçã **Coven**: R$ 272 e sandália **Dolce e Gabbana** para **M&Guia**: R$ 1 893

***Vá lá:* *A Favorita*: (31) 3337 5542; *Ah! Bom*: (31) 3281 6260; *Bonomi*: (31) 3261 3460; *Café do Museu*: (31) 3291 5320; *Gruta da Lapinha*: (31) 3681 1958; *HUM*: (31) 9979 1266; *Livraria da Travessa*: (31) 3223 8092; *Pizzaria Marília*: (31) 3287 0447; *Taste Vin*: (31) 3292 5423; *Topo do Mundo*: (31) 3575 5545 e *Usina Unibanco de Cinema*: (31) 3337 5566**

Erika dos Mares Guia, 32 anos, empresária de moda, dona da Loja M&Guia

Jantar com amigos A Favorita, que é um ponto de encontro. O ambiente é alegre, e o serviço, legal. **Jantar a dois** Taste Vin, que tem uma carta de vinhos incrível, comida maravilhosa, ambiente aconchegante e serviço dez. **Para se exercitar ao ar livre** Praça do Belvedere. Tem gente bonita e é gostosa pra andar e correr. **Para comer um doce** Graciliano. Tem pavês delicioso. **Para dançar** Na Sala, que tem bons DJs, e o projeto arquitetônico é maravilhoso. **Para tomar um café** O do Graciliano é muito gostoso. **Livraria** Leitura. É a que tem mais opções de revistas de moda. **Imperdível** O convívio com as pessoas daqui e a comida mineira. **Por que a foto no Graciliano** É um lugar que eu frequento muito, tudo é gostoso, e o ambiente é superagradável.

Vá lá: A Favorita: *(31) 3337 5542;* ***Graciliano:*** *(31) 3286 8505;* ***Leitura:*** *3286 6617;* ***Na Sala:*** *(31) 3286 4705 e* ***Taste Vin:*** *(31) 3292 5423*
Top **Eduardo Suppes**: R$ 350, saia **Victor Dzenk**: R$ 98 e sandália **Dolce e Gabbana** para **M&Guia**: R$ 2 526

Vá lá: Balaio de Gato: *(31) 3213 9374* ***Brechó Brilhantina:*** *(31) 3261 5181* ***Caven:*** *(31) 3273 5055,* ***Eduardo Suppes:*** *(31) 3223 2558.* ***Gia:*** *(31) 9141 2468.* ***Laranja Lima:*** *(31) 3215 1377,* ***M&Guia:*** *(31) 3335 2266.* ***Patachou:*** *(31) 3286 3080.* ***Renato Loureiro:*** *(31) 3212 3988,* ***Ronaldo Fraga:*** *(31) 3282 5379,* ***Victor Dzenk:*** *(31) 3291 5591 e* ***Vide Bula:*** *(11) 3167 7787*

Coordenação de Produção **Anita Castanheira** Produção Executiva **Regina Trama** Assistente de produção **Marina Ragusa** Apoio **Fernanda Mayrinck** Entrevistas **Anita Castanheira, Thatiana Mendes e Poline Laurito** Assistente de foto **Pedro Gravatá** Beleza **Bruno Cândido (StudioB)** Assistente **Lesley di Prado** Camareira **Socorro da Silva** Agradecimentos **Juliana Werneck, Milena de Almeida e Gustavo Ziller, Restaurante Okavango** Macacos. (31) 3547 7466 e **Clan Hotéis** - BH www.clan.com.br

TEXTO **NINA LEMOS** FOTOS **KIKO FERRITE**

ESQUIZOFRÊNICA

A FIM DE **PROVAR** QUE QUALQUER PESSOA PODE PRATICAR **ESQUI**, ENVIAMOS NOSSA REPÓRTER **SEDENTÁRIA**, ATOLADA E **CHARMOSAMENTE** LESADA **NINA LEMOS** PARA AS MONTANHAS **CHILENAS**. O RESULTADO? SÓ LENDO PRA **CRER**

"Nina, você vai para o Chile aprender a esquiar. Porque, se você conseguir, qualquer um consegue." Foi assim, desconfiando da minha capacidade esportiva e sabendo da nata aptidão que tenho para o sedentarismo, que a diretora de redação, Daniela Falcão, me "presenteou" com uma viagem para a Cordilheira dos Andes. No início de julho, embarquei toda encasacada rumo à estação de Valle Nevado, no Chile, determinada a aprender a esquiar. Mas com um outro objetivo ainda mais nobre em mente: voltar viva e, de preferência, sem nada quebrado.

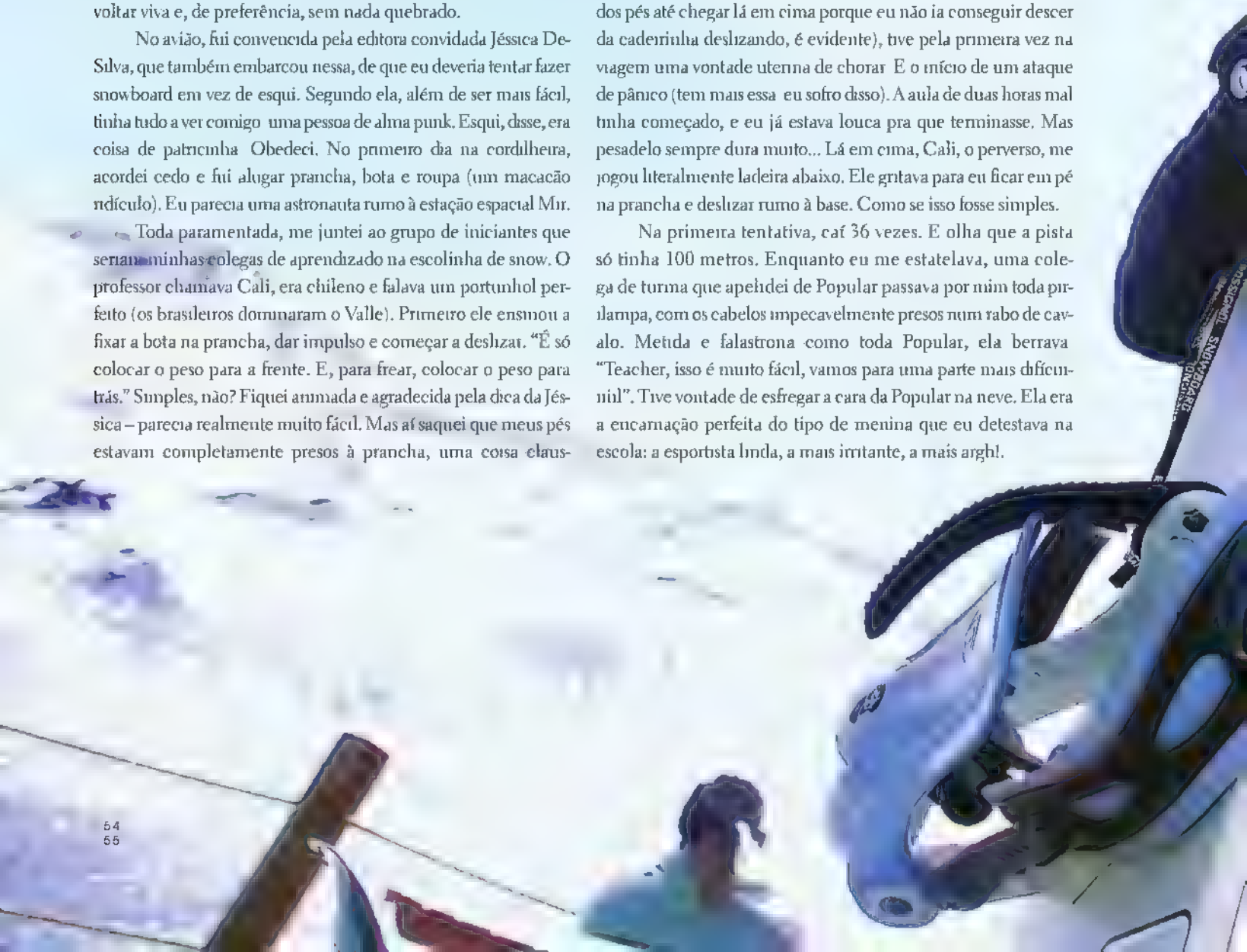
No avião, fui convencida pela editora convidada Jéssica DeSilva, que também embarcou nessa, de que eu deveria tentar fazer snowboard em vez de esqui. Segundo ela, além de ser mais fácil, tinha tudo a ver comigo – uma pessoa de alma punk. Esqui, disse, era coisa de patricinha. Obedeci. No primeiro dia na cordilheira, acordei cedo e fui alugar prancha, bota e roupa (um macacão ridículo). Eu parecia uma astronauta rumo à estação espacial Mir.

Toda paramentada, me juntei ao grupo de iniciantes que seriam minhas colegas de aprendizado na escolinha de snow. O professor chamava Cali, era chileno e falava um portunhol perfeito (os brasileiros dominaram o Valle). Primeiro ele ensinou a fixar a bota na prancha, dar impulso e começar a deslizar. "É só colocar o peso para a frente. E, para frear, colocar o peso para trás." Simples, não? Fiquei animada e agradecida pela dica da Jéssica – parecia realmente muito fácil. Mas aí saquei que meus pés estavam completamente presos à prancha, uma coisa claustrofóbica. Eu não tinha mais controle sobre eles. "Vou dar de cara com uma árvore e morrer", pensei. Só que nem deu para pensar muito porque o Cali começou a berrar euforicamente: "Bamos para o lifting!" (se você não sabe, lifting é a maneira como os iniciados chamam o velho e bom teleférico)

Ataque de pânico

Sentada na cadeirinha, sozinha no meio dos Andes com uma prancha de snowboard no colo (optei por tirar aquele treco dos pés até chegar lá em cima porque eu não ia conseguir descer da cadeirinha deslizando, é evidente), tive pela primeira vez na viagem uma vontade uterina de chorar. E o início de um ataque de pânico (tem mais essa – eu sofro disso). A aula de duas horas mal tinha começado, e eu já estava louca pra que terminasse. Mas pesadelo sempre dura muito... Lá em cima, Cali, o perverso, me jogou literalmente ladeira abaixo. Ele gritava para eu ficar em pé na prancha e deslizar rumo à base. Como se isso fosse simples.

Na primeira tentativa, caí 36 vezes. E olha que a pista só tinha 100 metros. Enquanto eu me estatelava, uma colega de turma que apelidei de Popular passava por mim toda pirilampa, com os cabelos impecavelmente presos num rabo de cavalo. Metida e falastrona como toda Popular, ela berrava: "Teacher, isso é muito fácil, vamos para uma parte mais difícil!!!". Tive vontade de esfregar a cara da Popular na neve. Ela era a encarnação perfeita do tipo de menina que eu detestava na escola: a esportista linda, a mais irritante, a mais argh!.



Sequência do primeiro tombo da aula de snowboard. A queda estilo mãos no chão se repetiu mais 35 vezes

Da esq. para a dir.: ir so de nervoso no passe o de lifting; Nina prova que não é esportista, mas sabe t rar onda

Cheguei lá embaixo viva, aliviada porque a tortura tinha acabado, mas não pude nem respirar. Cali e a Popular já estavam à minha espera para seguirmos juntos até uma outra espécie de lifting chamado poma, uma corda de aço ligada a uma máquina que a gente precisa segurar para ser arrastada até o ponto mais alto da montanha. "Bail", gritava Cali. "Não adianta, não vou!", eu, de novo com vontade de chorar. Vontade que ficou ainda maior quando a Popular passou por mim dizendo: "É tão facil!". I wish I was special, mas uma aula de snow foi suficiente pra me lembrar que sou creep. Pronto, fugi da aula 15 minutos antes do fim, me joguei na banheira do quarto, coloquei o CD do Morrissey e quis chorar

No dia seguinte, ainda traumatizada com a aula de snow, decidi apelar para a tradição do esqui. A Jéssica bem que tentou fazer com que eu voltasse atrás: "Não, Nina, você é alternativa, é do rock, não pode fazer esqui". Detalhe: ela desliza de snowboard como se fosse participante de um programa da ESPN. Desta vez, resolvi ignorá-la. Na escola de esqui não tinha nenhuma menina com cara de Popular. Ainda assim, sofri, porque o equipamento era muuuito pesado. E andar com aquela bota

Acima, momento de glória: sim, ela conseguiu esquiar. Abaixo, desespero ao provar o macacão catona, e modelo esporte fino estilo rica que sabe esquiar

Pesade o na hora de arrumar a ma a lotada de casacos para neve; a mão am ga do instrutor Gastone, por quem a repórter se apa xono u

dura, vestida com o macacão da estação Mir. Tive certeza de que estava fazendo a reportagem mais difícil da minha vida. Sem exageros.

Quando finalmente consigo, com aquela bota e carregando as pranchas de esqui, descer os degraus que separam o restaurante da pista, dou de cara com ELE, o homem que salvara a minha vida. Gastone era chileno como Cali, mas no resto era o oposto do carrasco do snow. Cabelo meio moicano, 35 anos, é formado em psicologia e estava ali para ser meu instrutor de esqui. De cara, me ensina a fazer a cunha a posição de freio para principiantes. Esteticamente não é das mais charmosas, porque você tem de virar os pés para dentro como um Pato Donald com vontade de ir ao banheiro. Mas funciona que é uma beleza. Basta executar esse triângulo para a frente com os esquis, e você freia completamente. Tipo um milagre. Eu deslizo um pouquinho, faço a cunha e paro. Sem tombos. Começo a sentir a felicidade dos vencedores. Naquela aula a Popular era eu! Estava recebendo elogios do professor! "Isso, Nina, muito bem", repetia Gastone. Pra minha felicidade, no primeiro dia a gente não saiu daquela área plana destinada aos iniciantes.

Paixão platônica

Ganhei confiança, e voltei para o segundo dia de aula com a autoestima lá em cima. Comecei a achar que a aula estava lenta demais. E a ter ciúme do Gastone porque ele dava mais atenção aos alunos fracos do que a mim. Percebi que tinha cometido o pecado mais óbvio: estava apaixonada pelo meu instrutor de esqui. A paixão aumentou quando tivemos o seguinte diálogo. Eu: "Será que um dia eu vou aprender a esquiar?". Ele: "Você já sabe esquiar, Nina". "E que nota você dá ao meu desempenho?" Ele: "Dez!" Oba, sou uma vencedora! Apesar de não ter encarado nenhuma montanha de verdade, posso dizer que sei me locomover com esquis...

Voltei pra casa doente, com dores em músculos que eu não sabia que tinha, febre (pelo excesso de esforço físico, imagino), à base de relaxantes musculares e com a pele chamuscada. Tantas eram as dores que fui parar no pronto-socorro. O médico diagnosticou contratura muscular. A cura: dez sessões de fisioterapia. Mas, quer saber, nem me importo, porque... EU VENCI!

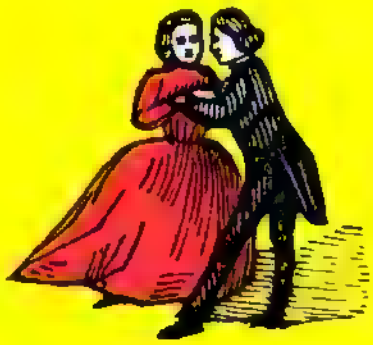
Dores musc ares em dois momentos: na pisc na aquecida e no meio dos Andes, onde se sentiu uma v tima daque e famoso acidente aéreo em que as pessoas comeram os am gos

POR ANA MARIA PERES

Alessandra Kiff

CASE COM UM BARULHO DESSES

DE CINCO ANOS PARA CÁ, AS FESTAS DE CASAMENTO VIRARAM UM "SAMBA DA NOIVA DOIDA". SAEM IGREJA E SACERDOTE, ENTRAM PAJÉS, PSICÓLOGOS, PRAIAS DESERTAS, MATAGAIS. A ***TPM*** FOI A CAMPO PARA ENTENDER POR QUE ESTAMOS REINVENTANDO O RITUAL



Na noite de 8 de março de 2003, o "pajé" Kaká Werá acendeu uma fogueira sob o olhar curioso de 150 pessoas que se aglomeravam na areia da praia de Juquehy, litoral norte de São Paulo, bem onde o rio encontra o mar. A seu lado, sete mulheres usando vestidos cada uma de uma cor – pink, azul, amarelo – preparam um altar improvisado sobre folhas de bananeira, com cuias cheias de água, sal, azeite, mel, velas, santos católicos e imagens do candomblé. De repente, entre os flashes das máquinas fotográficas, surge uma noiva dentro de uma canoa, toda de branco, com vestido feito em tear manual. Ela desce, dá o braço esquerdo ao filho de 21 anos (fruto de uma união anterior), o direito ao padrasto e vai ao encontro do futuro marido. O casal caminha em direção ao altar, onde Kaká fala por meia hora sobre união e natureza, entoa mantras, faz gestos "tribais" e termina conduzindo os convidados a um transe coletivo. No fim da cerimônia, amigos do casal que tinham passado as férias no Maranhão tomam conta do espetáculo e encenam o bumba-meu-boi, com direito a instrumentos de percussão e cantoria. De lá, todos seguem o boi em direção a uma casa à beira mar, onde a festa rola até as 3h da madrugada.

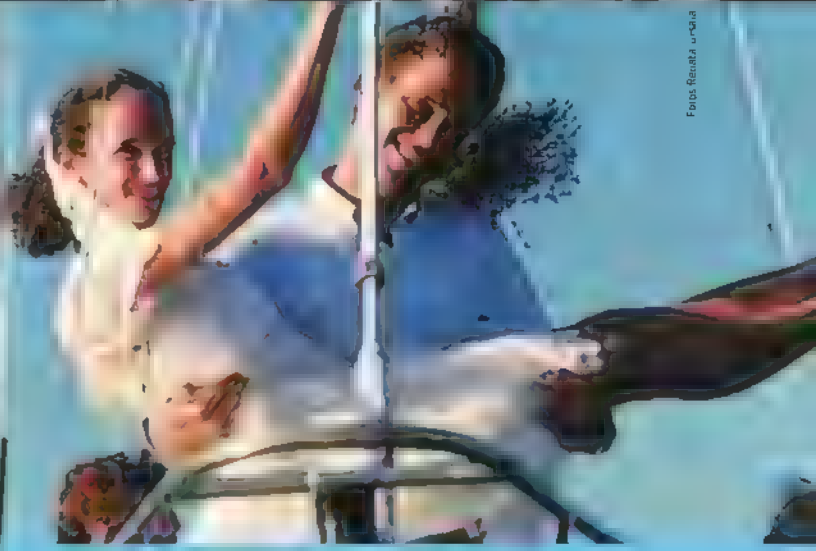
Silvana Rosso, a noiva, tem 44 anos, não descende de índios, não nasceu no Maranhão nem freqüenta o candomblé. O noivo, Gianluca Notarianni, tem 37, é italiano e só tinha visto índios em filmes. A essa altura você deve estar perguntando por que diabos uma jornalista paulistana se casa com um advogado italiano numa cerimônia que parece o samba do crioulo doido de tradições e cultos. Embora exótico, o casamento dos dois tem uma estrutura muito parecida com o de casais que não abrem mão de fazer uma cerimônia para marcar a união – desde que possam promover algumas alterações no tradicional ritual católico. "Como a família do Gianluca é italiana, quis mostrar que o Brasil é uma miscelânea de crenças e culturas e, ao mesmo tempo, trazer para a festa uma freqüência elevada de energias positivas", explica a jornalista, que conheceu o advogado um ano antes, quando ele visitava o Brasil. Em agosto de 2002, Gianluca pediu sua mão em casamento pelo messenger e decidiu se mudar para cá.

Polenta e casquinha de siri

Pouco tempo antes do pedido de casamento, os dois haviam recebido de presente de um amigo que passara as férias na Bahia uma garrafa de Aluá – bebida nordestina feita à base de farinha de mandioca e abacaxi. "Um pajé deu o Aluá para esse nosso amigo e explicou que servia para energizar. Eu e o Gianluca tomamos numa noite especial e aquilo me motivou a procurar um índio para conduzir a cerimônia." Mas não foi fácil achar o pajé. "As tribos da região de Boracéia, as mais próximas de Juquehy, vivem numa miséria absoluta. Tanto que quase transformei o casamento num protesto", conta. Em outubro, pesquisando na internet, a jornalista achou o site do autoproclamado pajé Kaká Werá, fundador da ONG Instituto Arapoty, que se dedica a "difundir os valores sagrados e culturais dos povos indígenas". Kaká diz que estranhou o convite porque não costumava celebrar casamentos fora de seu meio, mas acabou aceitando.

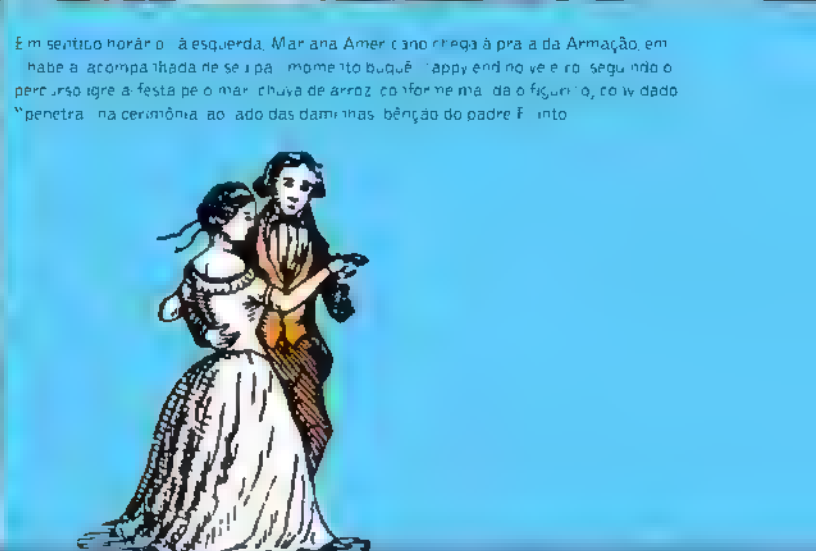
A jornalista passou quatro meses programando o evento. Como nas cerimônias mais caretas, fez ensaio com os padri-

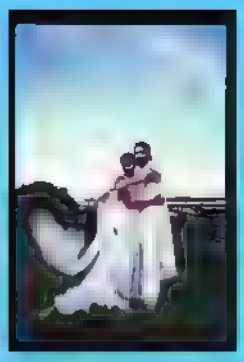
Ao lado, Silvana e Gianluca provam o mel oferecido por Kaká Werá enquanto o pajé discursa sobre a importância de se trocar palavras doces na vida a dois



Fotos Renata Urgel

Em sentido horário, à esquerda, Mariana Americano chega à praia da Armação, em Ilhabela, acompanhada de seu pai; momento buquê; happy ending no velero; segundo o percurso, agradecimento à festa pelo mar; chuva de arroz; conforme manda o figurino, convidado "penetra" na cerimônia; ao lado das damininhas, bênção do padre Pinto





Melhores momentos de Mariana Lima e Pedro Carvalho no grande dia, com direito à pausa para as fotos históricas, festa empolgadíssima e ritual inspirado no xamanismo

nhos e chegou até a estabelecer a cor da roupa que cada um iria usar. No caso, inspirada nas cores dos sete raios de uma comunidade esotérica chamada Fraternidade Branca, que correspondeniam às forças do universo (Silvana não é seguidora do grupo, mas não quis dispensar essa ajudinha astral). Já a posição dos convidados em círculo, ela tomou emprestada das culturas indígenas. Só o surreal bumba-meu-boi é que foi uma brincadeira que os amigos inventaram sem quê nem pra quê. "Abri espaço porque achei que qualquer manifestação que simbolizasse alegria, paz e união cabia na cerimônia", explica Silvana. Por isso, também capriichou na festa: cobriu a parte externa da casa com uma tenda azul de circo, convidou cinco amigos para serem DJs e contratou um bufê para servir – claro – comidas típicas: polenta, cascquinha de siri, caldo de peixe, bolo de frutas cristalizadas... Pra completar o clima nativo, alugou móveis de madeira e colocou esteiras de praia no chão.

Assim como Silvana, tem um monte de gente que rejeita o casamento católico tradicional, mas não abre mão de ser abençoado por alguma força espiritual. Uma pesquisa feita no mês passado com universitários cariocas entre 20 e 22 anos constatou que 71% deles acreditam que o casamento vai durar para sempre. Com bênçãos de várias religiões, quem sabe aumentem as chances de esse desejo se concretizar. Outro motivo da proliferação de casamentos alternativos é a própria fragilidade da cerimônia tradicional, que perdeu todo seu sentido real e virou mera formalidade. O americano Joseph Campbell (1904-1987), professor de mitologia que se dedicou a estudar as transformações por que passamos nos anos 60, 70 e 80, cita os hindus para exemplificar o quanto o casamento católico é frágil. Na Índia, a cerimônia dura três dias para que os noivos possam refletir profundamente sobre o significado da união. "Quantas pessoas de nossa cultura, antes do casamento, recebem um preparo espiritual adequado?", questiona ele em *O Poder do Mito*. Hoje, essa preparação se resume no máximo a um fim de semana em que os noivos ouvem conselhos de terapeutas e casais experientes. Em alguns casos, não passa de uma conversa rápida com o padre.

"ABRI ESPAÇO PORQUE ACHEI QUE QUALQUER MANIFESTAÇÃO QUE SIMBOLIZASSE ALEGRIA, PAZ E UNIÃO CABIA NA CERIMÔNIA"

Apesar disso, ninguém descarta por completo os símbolos da cerimônia tradicional. O vestido branco, a entrada com o pai, a existência dos padrinhos, a troca de alianças – tudo isso demonstra que o ritual católico se faz presente mesmo em festas ultra-alternativas como a de Silvana. "As tradições resistem mais que as mudanças", explica a antropóloga Maria Luiza Heilborn, coordenadora do Programa de Gênero, Sexualidade e Saúde da Uerj. Foi isso que constatamos numa pesquisa feita pelo site da ***Tpm*** no mês de julho: mesmo com tantas festas alternativas, das 819 leitoras que responderam, 37% continuam querendo casar de véu e grinalda – ainda que dêem um retoque aqui e ali para modernizar a cerimônia.

Xamanismo e bolinhas de sabão

A atriz Mariana Lima, 32, reinventou o ritual ao se casar com o produtor musical Pedro Carvalho, 32, sem, no entanto, abrir mão de proteção divina. "Ele não queria nada religioso, mas criei um ritual inspirado no xamanismo *[nas comunidades indígenas, o xamã é o mediador entre o mundo dos espíritos e o dos homens]*." Mariana e Pedro, que cresceram sem seguir nenhuma religião formal, se casaram em dezembro de 2002, na chácara de uma amiga em Porangaba (interior de São Paulo, a 160 km da capital). Em vez de padre ou pajé, decidiram convidar a amiga e atriz Cláudia Schapira, 37, para fazer o papel de sacerdotisa. "Não queríamos jurar coisas que não daria para cumprir", justifica Mariana. Cláudia é diretora do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, trupe da noiva, e foi escolhida para conduzir a cerimônia por causa da amizade com o casal, da liderança e do carisma de dramaturga.

A festa ganhou ares de espetáculo: uma tenda cobriu o altar, que foi decorado com água, terra, velas, incensos e cristais – para simbolizar os elementos da natureza – mais folhas de arruda para tirar o olho gordo. Tomando por base a história do casal (que se conheceu na adolescência e namorou até os 21 anos, voltando a se encontrar aos 29), o amigo e figurinista Marcos Nasci, 33, fez um vestido branco todo trespassado para simbolizar as idas e vindas da dupla. "Meu vestido tinha

BÊ-Á-BÁ DO MATRIMÔNIO

Segundo o teólogo e professor da PUC Eulálio Figueira, 44, para realizar um casamento na igreja bastam os noivos, um padre e dois casais de padrinhos como testemunhas. "O resto é firula", afirma. Fomos então em busca do significado das firulas que a gente achava que eram parte da tradição católica.

Buquê, damas de honra e marcha nupcial: tudo modismo. Originalmente, não existia nada disso. Dizem que na França medieval as noivas iam para a igreja a pé e recebiam flores no caminho. Quando chegavam lá, tinham formado um buquê.

Vestido branco: significa virgindade e pureza, devido à ausência de "manchas".

Entrada triunfal da noiva: símbolo de ostentação burguesa, quando os nobres transformaram o casamento em um grande espetáculo.

Entrada da noiva com pai: herança da sociedade patriarcal.

Exorbitância de padrinhos: o número exagerado de testemunhas no altar é coisa dos americanos e também reflete um costume burguês.

Alianças: símbolo de fidelidade e poder sobre o outro, espécie de contrato.

Chuva de arroz: incorporação da tradição chinesa em que o arroz representa fartura. A chuva de arroz foi adotada para evocar prosperidade aos noivos.

Bolo de casamento: a origem remonta à tradição romana, quando as pessoas repartiam um pedaço de pão doce sobre a cabeça da noiva, para lhe desejar fertilidade.

conceito!", ri Mariana. Apesar da sacerdotisa e da decoração alternativa, a cerimônia tomou muita coisa emprestada do casamento tradicional. Havia oito padrinhos, os noivos trocaram alianças. Pedro caminhou até o altar primeiro, e Mariana seguiu em companhia do pai e de quatro damas de honra. Só que, em vez da marcha nupcial, a noiva entrou ao som de "Só Tinha de Ser com Você", cantada por uma amiga, com base eletrônica.

Se o casamento é, como dizia Joseph Campbell, o reconhecimento simbólico de nossa identidade, Mariana e Pedro estão no caminho certo. Ao contrário do que pode aparentar, a cerimônia deles, se analisada sob o prisma do pesquisador americano, estava cheia de significados simbólicos (o vestido, os elementos da natureza no altar, a escolha da música tema). Só que, como na festa de Silvana e Gianluca, também houve momentos de nonsense. Por exemplo: quando a noiva entrou, os convidados começaram a soprar bolinhas de sabão que haviam sido distribuídas na entrada. Idéia de Mariana, na época grávida de três meses. "Queria um casamento lúdico", explica a noiva.

Ainda que estejam vulneráveis às invencionices de cada um, a essência da festa continua intocada. Histórias como a de Silvana e Mariana mostram que o sincretismo cultural e religioso invadiu a cena matrimonial, mas não alterou o espírito geral da cerimônia, hoje marcada, cada vez mais, pelo estilo de vida dos protagonistas. Se antes a maioria entrava na igreja para dar uma satisfação à família, à sociedade e, às vezes, a si próprio, hoje a finalidade é a tal bênção espiritual e a simples vontade de dividir a alegria com os amigos. Para a antropóloga Maria Luiza Heilborn, é natural que as pessoas comuniquem oficialmente suas mudanças mais importantes e comemorem com aqueles que amam. "Mas há nesses novos arranjos uma espiritualidade difusa, marca do individualismo contemporâneo. Agora, o culto é pessoal", afirma.

Na rua, na chuva, na fazenda...

Um casarão de 300 anos, situado na praia do Engenho, em Paraty, foi o local escolhido pela produtora cultural Ashraf

Klink, 38, para se casar com o fotógrafo Ted Carioba, 33, dez anos atrás. O irmão dela, Amir (esse mesmo, o navegador solitário), havia acabado de arrendar a fazenda de cana-de-açúcar que dá nome à praia, e Ashraf resolveu fazer a festa lá, já que frequenta Paraty desde a infância. Velejadora experiente, convidou o capitão e amigo Eduardo Louro, 40, para dar a "bênção" ao casal — por motivos bem parecidos com os que levaram Mariana e Pedro a chamarem Cláudia para o papel de sacerdotisa. "Não queria uma pessoa desconhecida, como um padre, para dizer como eu deveria levar a minha vida dali para a frente. Aí lembrei que, em alto-mar, o capitão pode realizar casamentos e até dar a extrema-unção", explica Ashraf, que foi batizada na Igreja Grega Ortodoxa, mas não possui intimidade com a religião.

Ela chegou de barco, ao meio-dia, acompanhada das madrinhas e da sobrinha, que foi dama de honra. "Achava que ninguém tinha ido, mas de repente as pessoas, que estavam dentro do casarão, começaram a aparecer", lembra, com sorriso no rosto. Vestindo um modelito do estilista e amigo Walter Rodrigues, ela encontrou Ted na areia e seguiu com ele para uma canoa ancorada em frente à casa, onde foi celebrado o ritual, com os convidados numa roda em torno deles. "Todo mundo se identificou com o discurso do Eduardo, que falava que a vida é feita de marés e que é preciso ter força para continuar junto. Os casais começaram a se abraçar e foi aquela choradeira." A cerimônia não durou mais que 20 minutos e incluiu até troca de alianças. A festa começou na areia mesmo, com pinga da boa e almoço bem brasileiro: bobó de camarão, carne-seca, feijão e bolo de banana.

"HÁ NESSES NOVOS ARRANJOS UMA ESPIRITUALIDADE DIFUSA. AGORA O CULTO É PESSOAL"

Três anos depois, não muito longe de Paraty, foi a vez de os também velejadores Mariana Americano, 32, e Pedro Rodrigues, 37, casarem na praia. A escolhida só poderia ser Ilhabela, onde Pedro mantém uma escola de windsurf desde 94. A princípio, os dois queriam se casar na pousada Pontazeda, na praia do Pinto, que era administrada por ele. Mariana, que é católica praticante como Pedro, convidou um padre amigo que trabalhava no colégio paulistano Santa Cruz, onde ela estudou, para tornar real seu projeto, mas o pároco afirmou que não seria possível casá-los fora da igreja. "A gente queria uma cerimônia religiosa, mas não tradicional, para ter a nossa cara. O Pedro, rato de praia, não suportava a idéia de vestir terno e gravata", conta Mariana. Então ela se lembrou da singela capela Nossa Sra. da Ajuda, que fica na praia da Armação, vizinha da praia do Pinto. O padre amigo topou o sacrifício de ir até Ilhabela. No primeiro dia de fevereiro de 97, ela chegou de veleiro às 17h e passou para um pequeno bote onde estava seu pai, para então seguir até a areia. Descalços, pai e filha seguiram por um caminho cercado de flores em direção à igreja. Pedro a esperava na porta.

Boom praiano

Hoje, para casar na capela Nossa Sra. da Ajuda, é preciso fazer reserva com três meses de antecedência e desembolsar R$ 570 pela cerimônia e pelo curso (assim mesmo, como se fosse um pacote). Segundo o secretário da paróquia, Francisco Bernardo, a procura é resultado do boom do turismo na região a partir de 98. "Nos últimos cinco anos, cerca de 300 casamentos foram realizados aqui", conta Francisco Bernardo. Com tanta demanda por cerimônias cinematográficas, a ilha agora tem bufês e floriculturas. "Não é mais necessário contratar os serviços de São Paulo", diz Francisco. Mariana, que não contratou nenhuma empresa na época (a família cuidou de todos os preparativos), estranha a mudança. "Sinto que as pessoas que hoje se casam em Ilhabela têm apenas vontade de ser diferente, sem aproveitar o clima do lugar. Tem gente que aparece de terno e vestido longo na praia!", conta, assustada.

Ashraf Klink chegando em grande estilo à praia do Engenho, em Paraty, com as madrinhas e a sobrinha

Faça a experiência: atrito provoca fogo.

Preservativos texturizados Blowtex Action e Blowtex Performe. Você nunca sentiu nada igual

Faça bonito. Faça com Blowtex.
www.blowtex.com.br

Convidados do casamento de Ashraf e Ted no pique dos grandes rios da região

Casamentos na fazenda são quase tão populares quanto os realizados na praia. O sítio Lajedo, localizado em Vargem Pequena, zona oeste do Rio de Janeiro, é a Ilhabela carioca – só que rural. Funcionando desde 96, caiu nas graças dos noivos três anos depois. Hoje, são realizados uma média de 60 casamentos por ano. O lago povoado de cisnes e marrecos chineses, colado no altar, é o hit do lugar, seguido pela carruagem e pelo calhambeque que trazem a noiva. Na ânsia por se diferenciar, alguns casais perdem a noção e terminam exagerando. Márcia Vero já produziu 30 cerimônias em Ilhabela desde 99 e viu coisas que Deus duvida. "A maioria das noivas quer casar na hora do pôr do sol e chegar de canoa. Mas outras são mais exóticas." Em maio passado, teve uma que fez seu casamento todo pink: as flores, o buquê e até o bolo de dois andares em forma de coração com dois gatinhos em miniatura no topo. No Lajedo, uma noiva inventou de chegar numa carroça em forma de abóbora, igual à da Cinderela.

Tanta criatividade não passou despercebida aos olhos do clero. Com a diminuição de casamentos convencionais, a Igreja Católica passou a deixar cada vez mais claro que é proibido celebrar o matrimônio em outros ambientes que não um templo seu. "Salvo casos extremos de enfermidade e outros motivos graves", esclarece o porta-voz da Arquidiocese de São Paulo, Dario Bevilacqua, 72.

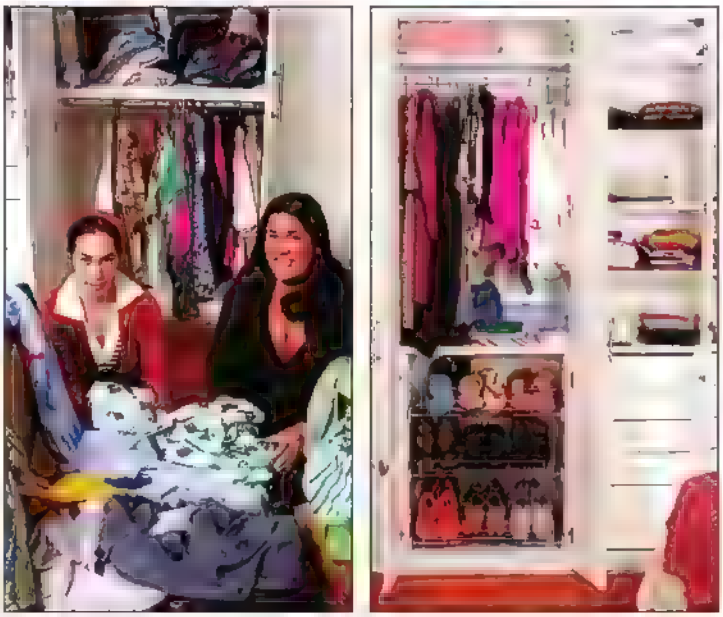
Apesar da linha dura adotada pela Igreja, é inegável que quem casa hoje tem expectativa bem diferente do que quem casou 30 anos atrás. Ainda que sonhe com o amor eterno, o casal não está disposto a fazer qualquer sacrifício para "ficar juntos até que a morte os separe" apenas para cumprir os votos feitos no altar. "Os matrimônios convencionais representavam o contrato entre duas famílias. Só que hoje não há mais a expectativa de se ficar junto até a morte. Nem a promessa de compor uma família", explica a antropóloga e professora da Unicamp, Guita Debert, 54. Por isso, Guita acredita que esses "novos" rituais representam relacionamentos mais individualistas – ou realistas. "É a união de dois indivíduos autônomos, que mantêm relações plásticas e fluidas. Nesse contexto, o ritual de casamento adquire um enorme poder simbólico – o relacionamento pode acabar, mas o rito inventado permanece na memória", diz. Ashraf Klink, cujo casamento durou quatro anos, parece ecoar as idéias de Guita. "Foi um dos dias mais especiais da minha vida, mesmo que a relação não tenha dado certo."

Com consultoria da antropóloga Bia Labate

Billabong
billabonggirls.com

SCHERING
making medicine work
A8a
"Como acertar no amor:"
escolher o HOMEM certo,
escolher seu GINECOLOGISTA,
escolher o anticoncepcional
mais adequado para você.
VISITE: www.minhapilula.com.br
A mulher moderna preocupa-se com seus cabelos, seu peso e bem-estar.
"Nem todas as mulheres se adaptam aos contraceptivos da mesma forma. Somente seu médico sabe qual o contraceptivo mais adequado para você, ele é a melhor pessoa para orientá-la."

1. ARMÁRIO MEU, ARMÁRIO MEU... 2. A VERDADE PÓS-MODERNA SOBRE DAR À LUZ 3. GRAND'HOTEL 4. A NÃO-ENTREVISTA DO MÊS 5. PRONTO FALEI COM BR 6. A ARTE DE ENGANAR PESSOAS NA INTERNET 7. FOGUEIRA NELES 8. HOMEM LIXO


Daniela Dacorso

Antes e depois: a bagunça habitual de Jô e o armário de gente rica organizado pela persona

Test drive doméstico

Armário meu, armário meu...

DESCOBRIMOS UM NOVO TIPO DE PERSONAL. AGORA É A VEZ DO "PERSONAL ORGANIZER", UMA PESSOA QUE VAI ATÉ SUA CASA SÓ PARA ARRUMAR A BAGUNÇA E TE ENSINAR TRUQUES QUE PODEM TRANSFORMAR VOCÊ EM UMA PESSOA ORGANIZADA. JÔ HALLACK, UMA BAGUNCEIRA QUE ACABA DE MUDAR DE APARTAMENTO, TESTOU O SERVIÇO. E APROVOU por Jô Hallack

Sou virgem com ascedente em virgem – mas bagunceira por causa de um acidente astral. Quando Verônica Cavalcanti, a personal organizer, entrou na minha casa disposta a arrumar minha zona, pensei que ia levar bronca. Para quem não sabe, personal organizer é um profissional que arruma seu armário, organiza CDs e até cataloga seus livros. No caso da Verônica, ela cobra entre R$ 100 e R$ 300 por visita. Para espanto geral, ela falou que eu era até arrumadinha. Isso porque acabei de me mudar e guardei todas as roupas direitinho, como uma boa menina. Na "Escala Jô do Caos", meu armário estava impecável, com menos de 50% das roupas amarfanhadas.

Apesar de ter elogiado minha arrumação (pelo menos eu não tenho contracheques na gaveta de calcinhas, como uma cliente da persona.), ela propôs várias mudanças e me explicou como "otimizar espaços". Primeiro, me mandou comprar mais cabides. De preferência, todos iguais. Também aprendi que cada roupa deve ter um cabide só para ela. Realmente, é muita falta de glamour pendurar três calças num cabide que veio de brinde da lavanderia. Outra dica: camisetas de malha devem ser dobradas enroladinhas porque assim não ficam marcadas.

Avesso do avesso

A personal perguntou se havia algum motivo para as minhas camisetas estarem dobradas pelo avesso. Tive vontade de falar que era uma simpatia braba, mas me controlei. Ela me ensinou a dobrá-las e nem foi tão chato fazer isso. Na hora de pendurar vestidos e blusas, separamos tudo por cor porque isso ajuda a visualização. Depois que Verônica arrumou tudo, meu quarto ficou parecendo uma casa de madame! Abria meu armário várias vezes ao dia para admirar a obra-prima e ficava pensando: "Como os meus modelos enfileirados em dégradé são lindos". Ao ver meus sapatos todos organizadinhos, me senti a própria Imelda Marcos.

Se valeu a pena contratar uma personal organizer? Se você tiver dinheiro e disposição para mudar de personalidade e virar uma boa menina, compensa sim. As dicas dela são legais e dão vontade de seguir. Juro que vou tentar dobrar as camisetas direito e arrumar os vestidos por cor. Pelo menos, nas próximas 48 horas.

Vá lá: *Verônica Cavalcanti, (21) 2267 4557 e (21) 9762 3557*

Motherns

A verdade pós-moderna sobre dar à luz

NOSSAS AMIGAS DO WWW.MOTHERN.BLOGSPOT.COM REVELAM TUDO SOBRE O PÓS-PARTO. VAI ENCARAR?

Antes do parto, a mulher se prepara, lê, faz ginástica e algumas comprinhas. Eu freqüentava uma academia alternativa para grávidas, o que era bom porque nenhuma das minhas amigas tinha filhos. Volta e meia a palavra pós-parto surgia no meio da aula, sempre envolta numa aura de mistério e respeito. Eram frases que não faziam muito sentido pra mim: "No pós-parto, você vai precisar muito dessa almofada". Ou: "No pós-parto, você vai precisar muito do seu marido". "No pós-parto, blablablá."

Não entendia por que falavam do tal pós-parto com tanta reverência. Só descobri a resposta bem mais tarde. Minhas instrutoras na academia não entravam em detalhes por delicadeza e também para preservar a espécie humana da extinção. Como estamos aqui para falar coisas bonitinhas de mamães, mas também pra tirar um pouco da poesia que puseram na coisa, vou contar um pouco do pós-parto. É assim:

O espelho da maternidade É o seguinte: o neném sai, mas a sua barriga NÃO VAI EMBORA tão cedo. Você continua parecendo que está grávida de seis meses por pelo menos uns 30 dias apesar de não ter mais bebê lá dentro.

As emoções Não estou falando de depressão pós-parto, que é uma doença séria. Refiro-me àquele estado gelatinoso que o nosso cérebro adquire depois que tem neném. Uma mothern deve aprender a superar essa fase ou corre o risco de começar a gostar de Kenny G.

Os gases As pessoas só falam dos gases dos bebês, aqueles que trazem as malditas cólicas. Mas a mulher em situação pós-motherna também é acometida pelo problema por longas semanas. Trash, não? Mas pense pelo lado bom: pode ser uma maneira de tirar as pessoas indesejáveis de perto de você.

A menstruação (nem sei se é esse o nome daquilo). Imagine uma pessoa sangrando ininterruptamente por uns dois meses. Incrível, né? Eu achei que nunca fosse acabar, sério.

O sono Disso todo mundo fala. Mas eu acho essa parte até light. A não ser que seu filho tenha refluxo. Nesse caso, prepare-se com seu marido para ter um look família Addams por pelo menos um ano.

A cadeia De repente você percebe que faz parte de uma corrente de mulheres. Que é filha da sua mãe, neta da sua avó, mãe da sua filha. Tá, é bonito. Mas também é meio... estranho.

A lingerie É claro que você não vai sair da maternidade louca pra dar. A maioria dos casais demora meses até voltar à vida sexual normal. Mas, acredite, existem mulheres que mal curaram o umbigo do neném e já estão a fins. E não tem coisa mais brochante do que a lingerie do pós-parto. Os tons variam do bege personal computer ao marrom burro fugido. Os tecidos são mais grossos que neoprene dos anos 80, e a modelagem é horrenda. A parte boa é que você não vai fazer filhos tão cedo.

A luz Na primeira saidinha que eu dei (até a padaria) – depois de ficar quase 15 dias vendo apenas enfermeiras, ajudantes, familiares e meu marido –, olhava para as pessoas do mundo exterior e pensava: "Que maravilha, ela não me conhece, nem sabe que eu acabei de ter neném. Como a vida é misteriosa.".

Vida de rico

Grand'hotel

POR QUE SERÁ QUE AS CAMAS DE HOTÉIS SÃO MAIS GOSTOSAS DO QUE AS DE NOSSAS CASAS? PARA SOLUCIONAR O MISTÉRIO, CONVOCAMOS AS CAMAREIRAS DO MAIS SOFISTICADO HOTEL DO CHILE, O RITZ CARLTON DE SANTIAGO

Vocês já repararam que cama de hotel é sempre melhor do que a cama da nossa casa? O lençol fica sempre esticadinho, e o colchão é totalmente diferente do que temos em nossos quartos. Descobrimos isso quando éramos crianças e transformávamos essas camas em pula-pula. Desde então, a superioridade do leito dos hotéis virou um dos mistérios da humanidade. Aproveitamos uma passagem pelo luxuoso Ritz de Santiago para tentar decifrar o enigma. Vale dizer que a cama de lá é tipo a coisa mais macia que já vimos na vida. Tão macia, mas tão macia, que tivemos que pagar mico e perguntar à camareira qual era o segredo de tanta fofura.

A melhor cama do mundo tem, por cima do colchão, uma espécie de edredom de penas de ganso. Depois, as camareiras colocam um lençol de algodão egípcio (e ele é grande, por isso fica bem firme na cama e não sai do lugar quando a gente se mexe de noite). Por cima disso tudo vem um outro lençol (do mesmo algodão egípcio) e um edredom de pena de ganso. Além de quatro travesseiros também feitos com penas dos animaizinhos. Coitados dos gansos!

Como vários hóspedes do Ritz também ficavam intrigados com a maciez da cama e terminavam abordando a camareira, os chilenos resolveram "socializar" o luxo. Pela bagatela de US$ 1 000 você pode comprar o jogo de cama completo do hotel – com direito aos travesseiros. Se morar em Santiago, uma funcionária do Ritz é enviada à sua casa para montar a cama do jeito certo. Mas também dá pra fazer seu cafofo sem ajuda externa. Seguindo os passos das fotos abaixo, você mesma pode ter a sua cama de hotel. O problema é que você nunca mais vai querer levantar na vida...

Vá lá: *Ritz Carlton Santiago, www.ritzcarlton.com/hotels/santiago, diárias a partir de US$ 191*

Chorão
A não-entrevista do mês

O ma vado Chorão e e não vai ser entrevistado por causar lesões corpora s

Nesta ed'ção da *Tpm*, você com certeza não vai ler uma entrevista com o Chorão do Charl'e Brown Jr. Isso porque não entrevistamos pessoas que saem batendo nas outras só porque a outra fez um comentár'o de que a pessoa não gostou. Ficamos um pouco com medo de crit car o Chorão e apanhar também, mas aí tomamos coragem e resolvemos colocar o vocal sta da banda santista na nossa sta de pessoas que nunca vão aparecer na *Tpm* E não fo' só aqu' que o acesso de fúria despropositado deu o que falar. O soco que Chorão desfer'u contra Marcelo Camelo, do Los Hermanos, rendeu até capa do "Segundo Caderno" de *O Globo*. Também concordamos com bandas como o Cap'tal Inic al, que disseram que vão boicotar o Charl e Brown, se recusando a d'vidir o palco com esses trog oditas em festivais Brasil afora. Esta não-entrevista faz parte do boicote.

Agora, o Came o bem que poder a ter s do mais enérgico na retal ação. Quan do evou o soco no aeroporto de Fortaleza, deveria imediatamente ter dado queixa na de egacia. É assim que a gente responde a atos de selvageria. Ah, ele não quis prestar que'xa porque ia perder o vôo pra Teresina e, conseqüentemente, o show que a banda faria por á? Dane-se o show. O Charlie Brown que arcasse com o prejú'zo, oras. Só depois que vo tou pro R'o é que o Camelo anunciou que iria processar Chorão. Mas, até a revista ir pra gráfica, tudo o que a assessoria de imprensa do músico d'zia é que os advogados iriam encaminhar o processo. Faça alguma coisa logo, Camelo! Tome uma atitude: processo nessa gente!

Estraga prazer
prontofalei.com.br

SITES E BLOGS SE ESPECIALIZAM EM CONTAR FIM DE FILMES. UM SERVIÇO ÓTIMO PARA QUEM QUER TIRAR UMA ONDA DE CINÉFILO. E UM SACO PARA QUEM DE FATO É CINÉFILO Por Marce o Borto ot

Sabe aquele seu am'go chato que conta o f'm de um filme antes que você tenha assistido? Pois é, ele não está sozinho. Na internet, uma nova categoria de "estraga prazeres" tem se profiss onal'zado nesse ofíc'o: são os "spoi ers". O termo vem do inglês (spoil s gnif'ca arruinar ou destruir), e o trabalho dos caras é este mesmo: tirar o gostinho de surpresa do espectador. No Bras'l, o blog *Estraga Filmes* (www.estragaf'.mes.blogger.com.br) se presta a essa tarefa. Ele conta o fim dos pr'nc pais f mes que estão em cartaz, dizendo qual é o assassino, quem vai morrer ou com quem f'ca a mocinha. Outro exemplar da mesma espécie é o também brasi eiro *The End* (nttp://tn sistheend blogspot.com). Nele, o autor-pentelho a'nda coloca um aviso engraçad'nho: "Leia, mas não reclame. Você está lendo porque quer".

Esse tipo de serviço é obv'amente sádico, mas tem lá sua util dade. Por exemp o: você está com preguiça de ir ao cinema, mas quer ter assunto para conversar com as pessoas. Também dá para mentir descaradamente para um pretendente cabeça comentando o fim de um f.me iraniano em que você dorm'u quase o tempo todo. Não é ótimo?

A mania de descobrir o f'm antes de ass'stir ao início tem feito sucesso. Um dos pr nc pais sites americanos do gênero, o *The Movie Spoiler* (www.themov'espo er.com), recebe em méd'a 2 000 v sitas por d a. O site *Movie Pooper* (www.mov'epooper com) também tem feito bastante sucesso na terra de Ho y-wood E e revela o fim de centenas de filmes – inclusive clássicos do cinema, como os suspenses de A fred H'tchcock – para quem tem preguiça de ass'stir.

O termo "spoiler" já é uti'zado há anos na 'nternet. Se gundo a "netiqueta", você deve colocar a expressão de forma destacada antes de escrever qualquer coisa que comprometa a surpresa do fim de f lmes e livros. Fe to 'sso, ninguém pode reclamar de que não fo' av'sado. Aproveitando a deixa... sab'a que em *Homem Aranha 2*, a Mary Jane (K rsten Dunst) foge da cerimôn'a em que iria se casar para f car com Peter?

Test drive virtual

A arte de enganar pessoas na internet

O JORNALISTA MARCELO TANAKA CRIOU UMA PERSONAGEM FALSA (MAS MUITO COOL) PARA FREQÜENTAR O ORKUT, A COMUNIDADE VIRTUAL DO MOMENTO. A INTENÇÃO? FICAR AMIGO DOS MAIS "DIFÍCEIS" DE ABORDAR VIRTUALMENTE. ADIVINHA NO QUE DEU?

De um tempo para cá, só se fala em Orkut, a tal comunidade virtual frequentada por gente moderna e descolada. A coisa funciona mais ou menos assim: um amigo, via e-mail, convida você para se cadastrar (é preciso que alguém te convide). Se você estiver a fim de aceitar, acessa o link que vem na mensagem e começa a construir sua página, colocando umas coisas a seu respeito (sim, é uma egotripezinha) e uma (boa) foto. A partir daí, todo mundo que também faz parte da comunidade vai ter acesso ao seu perfil (sim, é um pouco de voyeurismo), saber quais são seus gostos, suas manias, os livros que você lê etc. e tal e te convidar, ou não, para entrar na subcomunidade dele.

Panela virtual

Como acontece na vida, pessoas "mais importantes" são supercobiçadas, mas raramente aceitam "ser amigas" de qualquer um. Trata-se de uma grande panelinha virtual, isso sim. Claro que, dada a falta de fiscalização no momento da criação, as pessoas mentem quando falam de si mesmas. Tipo escrevem que já leram um livro que nunca leram só para pegar bem. O jornalista Marcelo Tanaka criou uma personalidade hypezinha, e a pessoa fictícia fez amizade com vários descolados do eixo Rio-São Paulo, aqueles que nunca aceitam "ser amigos" de um Zé Ninguém. Leia o relato de Tanaka a seguir.

"Bolei o perfil de uma garota moderna, 20 anos, bissexual, comprometida, mas disposta a novas aventuras, estudando artes na Califórnia. Fiz parecer que Ana tinha afinidade com moda, participava de meia dúzia de comunidades de discussão bem selecionadas e era fã de duas bandas de rock óbvias (porque ninguém 'de verdade' é perfeito). A foto, no? Recorte' da capa de um disco de house. Mas como montar um círculo de amizades com outros integrantes da comunidade para dar aquele ar de 'diga-me com quem andas e te direi quem és'? Navegando pelo Orkut, convidei meia dúzia de garotas bonitas (o critério era só a aparência mesmo), promoters e bandas iniciantes (porque 'imagine' que esses dois grupos ajudariam a formar a imagem 'moderninha' de Ana). Pronto, a comunidade inicial de Ana estava feita. Antes mesmo de terminar o perfil dela, minha criação já era convidada para ser amiga de um monte de gente. Resolvi aumentar as apostas chamando pessoas que, em tese, não ficam amigas de qualquer um que convida. Em três horas, 17 dos 25 'difíceis' já haviam topado. Gente como os Dus descolados Alexandre Bispo e Luís Depache, o último responsável pela trilha do desfile da Cavalera na última São Paulo Fashion Week. A lista de candidatos a amigos de Ana incluía também jornalistas, cantores e um publicitário, cujos nomes vou manter em sigilo pra poupar os coitados. O jornalista jurou que já conhecia Ana e disse que havia até (olha o mico) escrito uma matéria sobre 'ela'. Sorry aos amigos que caíram nessa."

Fogueira neles!

UM FENÔMENO ESTRANHO ACONTECEU NO MÊS PASSADO. NOSSAS MESAS COMEÇARAM A SER INVADIDAS POR VÁRIOS LIVROS ABSURDOS. UM ENSINAVA A SEDUZIR EM 499 PÁGINAS, OUTRO USAVA ARTISTAS FAMOSOS PARA DAR DICAS DE QUEM É O AMOR DA SUA VIDA E POR AÍ VAI. UM DESCONTROLE TÃO GRANDE QUE DECIDIMOS QUEIMAR TODOS ELES DE UMA VEZ SÓ

Celebridades também amam

A gente achava que se apaixonava por alguém por causa daquela "química misteriosa", ou porque a pessoa tem o mesmo gosto musical que a gente, ou porque se mostrava extremamente inteligente (e, às vezes, porque o cara era uma roubada, e a gente estava passando por uma fase masoquista). Mas não era nada disso! Pelo menos é o que se conclui lendo *Por Que Você Ama Quem Você Ama (Identificando sua Cara-Metade Através das Celebridades)*, de Suzi Malin. Temos que admitir que o livro serve para dar boas risadas. Só o título já é tudo! Para a autora, as pessoas se atraem porque o subconsciente escolhe o parceiro selecionando os que têm a face matematicamente semelhante à nossa. Ou seja, se você ama o feio, você é feio também. Lindos só ficam com lindos, exóticos com exóticos e por aí vai. Desconsidere a psicologia e a medicina que há séculos estudam os porquês do amor. Suzi Malin descobriu a resposta para um dos maiores mistérios da humanidade. Só que Suzi explica o que parece não ter explicação de forma inexplicável. Para provar a teoria ela usa fotos de celebridades como Victoria e David Beckham e Jennifer Aniston e Brad Pitt. As fotomontagens, com metade da cara de cada um, são a coisa mais engraçada do mundo. Se quer um livro de humor, compre este. **(Poline Laurito)**

Não vá lá: Por Que Você Ama Quem Você Ama, *Suzi Malin, editora Caras, 178 págs., R$ 49,90*

Sedução para loser

Quando o livro *A Arte da Sedução* chegou por aqui, de primeira já ficamos chocadas com uma coisa. Como uma pessoa pode gastar 499 páginas ensinando truques para seduzir um preté? Se alguém precisar ler tudo isso para aprender a seduzir (se é que isso se aprende), é porque é o maior loser da face da terra. Curiosas, resolvemos folhear. Medo! No início eles falam sobre os tipos de pessoas sedutoras. A primeira delas é a sereia. Socorro! "A sereia é a figura máxima da fantasia masculina porque representa o alívio total de todos os limites impostos à sua vida. A sereia sempre tem energia sexual." Enfim, é tipo uma escrava para agradar os homens. Mas os absurdos não acabam aí. Um capítulo chama: "Isole a vítima". Pânico: desde quando o cara por quem você está apaixonada é "vítima"? Começamos a achar que este livro precisa ser proibido. "Ao isolar lentamente a sua vítima, você a torna mais vulnerável à sua influência. Afaste-a do seu ambiente natural, dos seus amigos, da sua família." Gente, isso parece mais estratégia de sequestro do que de conquista! Por favor, não tentem fazer isso em casa. Outra dica revoltante: envie sinais ambíguos. Como assim, estão fazendo apologia de tudo que é mais detestável no mundo? De gente que fala uma coisa e depois faz outra? Por essas e outras... o livro vai para o local onde guardamos obras-primas do gênero: a nossa amada lata de lixo.

Não vá lá. A Arte da Sedução, *Robert Greene, editora Rocco, 499 págs., R$ 66*

Marketing para desencalhar

Você chegou aos 35 anos e ainda não "conseguiu" um marido? Oh, então é preciso se apressar e seguir um programa de 15 passos. Essa teoria torta é o principal mote do livro *Como Encontrar um Marido Depois dos 35*. Sim, esse absurdo chegou às nossas mesas. O que a gente fez de errado para merecer isso? O programa para arrumar marido, segundo a autora Rachel Greenwald, foi baseado em técnicas de marketing que ela aprendeu na Harvard Business School. Claro, isso só poderia ser coisa de americano. O tal programa apresenta um roteiro de conversa por telefone com pretendentes baseado em técnicas de tele-marketing! Socorro! Será que isso significa telefonar às 8h da manhã e perguntar: "Oi, aqui é a fulana, você quer comprar uma mulher?". Os tempos andam realmente estranhos. E a gente joga no lixo quem acha que amor combina com marketing.

Não vá lá: Como Encontrar um Marido Depois dos 35, *Rachel Greenwald, editora Sextante, 266 págs., R$ 29*

How to be a metrossexual

Claro, com a palavra metrossexual tão na moda, as editoras tinham que aproveitar para ganhar uma graninha em cima do hype. Então, um cara que, segundo a orelha do livro, "já viveu entre as luzes fascinantes de Berlim, o caos sedutor de Nova York e o sonho tumultuado que é Los Angeles", decidiu lançar *O Metrossexual, Guia de Estilo*.

O livro é cheio daquelas coisas óbvias que se espera de um homem "sofisticado e sensível", como um manual para entender de vinhos e um capítulo sobre arte e cultura que explica, entre outras coisas, o que é o período Renascentista. Sinceramente, se um homem acha que pode sair ostentando por aí sobre vinhos e arte só porque leu nove páginas sobre o assunto, ele merece o nosso repúdio eterno. Há também dicas de moda, com um pequeno glossário sobre grifes e uma listinha do que um homem moderno deve ter no guarda-roupa.

Vamos falar uma coisa muito séria. Nós não temos muita paciência com metrossexuais. Agora, se um homem TENTA ser metrossexual ... aí a gente tem praticamente nojo dele

Não vá lá: O Metrossexual Guia de Estilo, *Michael Flocker, 200 págs., editora Planeta*

Como conquistar um poste

Linguagem corporal já é papo batido. Ninguém duvida que exista, o que não dá é para levar a sério o livro escrito pela, no mínimo descontrolada, Tracey Cox, que tenta nos convencer de que o segredo do sucesso é usar o corpo para se tornar popular e sedutora. Ela passa 192 páginas dando lições bizarras de como ler os sinais emitidos pelo pretendente ensinando você a se tornar uma mulher irresistível a partir da mudança de postura. Ela jura que vai fazer com que todos, sem exceção, se apaixonem por você. Até um poste **(Ariane Abdallah)**

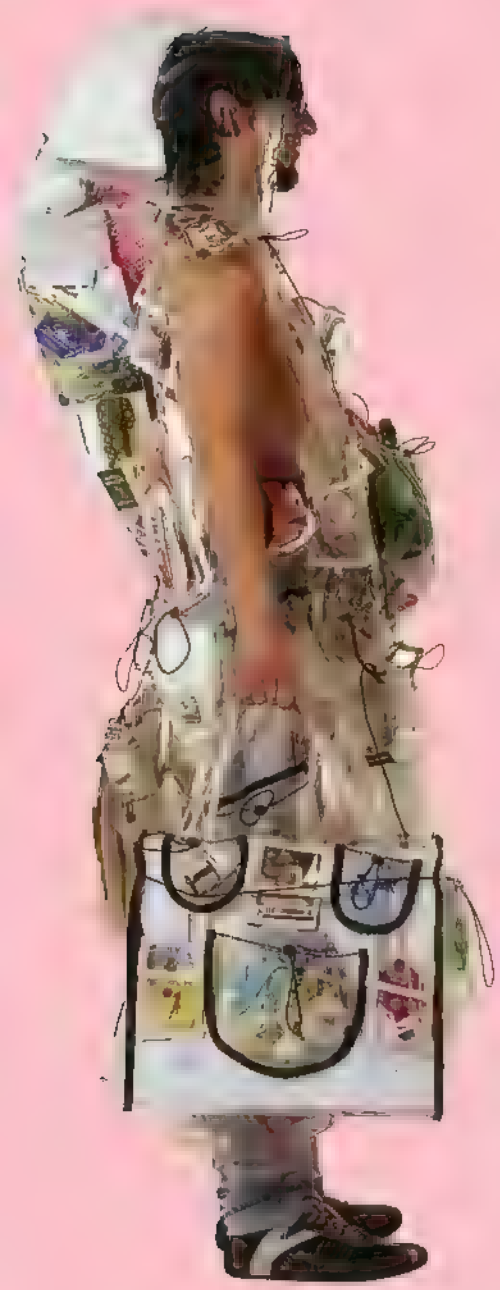
Não vá lá: Atração, *Tracey Cox, editora Fundamento, 192 págs., R$ 38,30*

3.

Performance

Homem-lixo

JORNALISTA E ATOR DE 29 ANOS PASSA UMA SEMANA GUARDANDO TODO O LIXO QUE PRODUZ EM UMA ROUPA PLÁSTICA E PROVA QUE UM CARA NORMAL GOSTA MESMO É DE PIZZA, CERVEJA E SABONETE PHEBO



Já pensou ficar uma semana sem jogar nada do que você produz de lixo fora? Tipo aque es copos descartáveis de café, o papel que emprulnou o pão, a saco a da loja onde você comprou uma roupa, o saquinho de batatas fritas do McDona d's... É muita coisa! O jornalista e ator Marcos Dávila, vulgo Peri Pane, resolveu fazer essa experiência por uma semana. E, o que é pior, passou a carregar tudo isso com ele. Claro que, por uma questão de higiene, ele jogou fora as coisas que apodrecem.

Mas por que alguém faz uma coisa dessas? O artista, que batizou seu personagem de "homem refluxo", diz que quis criticar a sociedade de consumo. Só que, pelo que a *Tpm* apurou, os motivos são outros. Quando fez a performance, registrada em vídeo, Marcos tinha acabado de levar um pé na bunda. Ou seja, ele estava, de fato, se sentindo um lixo! Marcos guardava tudo o que consumia numa roupa de plástico com bolsos, que ele só tirava para dormir e tomar banho. Isso durante uma semana! Confira abaixo o resultado e descubra o que um homem produz de lixo em sete dias.

1 garrafa de vinho
1 de catuaba
15 latas de cerveja
2 embalagens de pizza e 1 de sanduíche McDonald's
1 pratinho de comida japonesa da Liberdade
1 pacote de macarrão
1 embalagem de sabonete Phebo
1 pacote de lingüiça calabresa
1 caixa de leite
2 embalagens PET de refrigerante de 2 litros
1 garrafa de suco Maguary
7 *Folhas de S.Paulo*
1 revista *Oca* (feita por sem-teto)
1 guardanapo
1 tubinho de bala Tic-Tac
1 lata de molho de tomate
1 pulseirinha VIP de festa
vários flyers e convites
papéis de bala e de bombons Sonho de Valsa
cupons fiscais e folhetos de pizzaria

Ficamos chocadas porque não tinha nenhuma embalagem de loja! É que ele é homem... E um homem nada metrossexual, já que a única embalagem de "produto de beleza" que ele guardou foi uma de sabonete Phebo! Ah, não tinha nenhuma camisinha. Também, quem transaria com um homem vestido de lixo?

Rafael Quirino

Vá lá: *confira as próximas exibições do vídeo Homem Refluxo em www.filmefashion.com.br*

Como ouvir música nas alturas sem incomodar o vizinho.

Agora, voando Varig, você tem um canal de áudio exclusivo, com uma seleção do melhor da música jovem contemporânea, feita especialmente pela Fluminense FM para você relaxar. Tudo que tocou de bom nos últimos tempos, lá no alto com você. Relaxe e aproveite o melhor vôo dos últimos tempos.

RADIO VARIG

FLUMINENSE fm 94,9

O melhor som dos últimos tempos

PERFIL

POR **DANIELA FALCÃO** FOTO **ANDRÉ BRANDÃO**

VANESSA TREFOIS NASCEU EM BERÇO DE OURO. PODERIA SER SÓ UMA **CAMILINHA**, MAS RESOLVEU **DAR DURO** NO FOGÃO. JÁ RALOU NOS **RESTAURANTES** MAIS IMPORTANTES DA **FRANÇA** E **ESPANHA**. UM DIA QUER PILOTAR SUA PRÓPRIA COZINHA. ATÉ LÁ, FAZ COISAS COMO **DESOSSAR** COSTELAS **FELIZ** DA VIDA

Vanessa Trefois tem 27 anos, nome e pinta de camilinha. Estudou decoração de interiores e, já no primeiro estágio, foi trabalhar no escritório de Sig Bergamin – um velho amigo da família. Filha de um renomado crítico gastronômico de São Paulo, passava as férias de fim de ano rodando a Europa para visitar os restaurantes que o pai queria conhecer – em geral, verdadeiros templos da alta cozinha.

Como boa camilinha, está sempre com as unhas feitas e o cabelo liso de chapinha. Sai toda noite e, nos fins de semana, só chega em casa com o sol raiando. A diferença é que Vanessa passa as madrugadas enfiada numa cozinha quente, recebendo ordens de homens brutalhões. É ela quem limpa a carne, os peixes, prepara os molhos e as guarnições que serão usados pelo chef. Várias vezes dorme no próprio local de trabalho, num cantinho modesto com quase nenhuma mobília. Já o quarto na ampla casa dos pais no bairro paulistano do Morumbi está vazio há tempos.

Estagiária, Vanessa ganha apenas uma ajuda de custo para se manter. Há quase cinco anos, essa é sua rotina. Ela já acumulou mais experiência que muito "chef revelação" de restaurante brasileiro. Mas planeja seguir como estagiária por pelo menos dois anos. Se você acha que Vanessa sofre de falta de ambição, entendeu tudo errado. Na verdade, ela é muito ambiciosa. Sabe que pode chegar longe – desde que se prepare adequadamente. E é isso que vem fazendo.

Nos fogões do mundo

Há três anos morando fora do Brasil, já estagiou nas cozinhas dos mais estrelados – e temidos – chefs da França e da Espanha. Gente como Ferrán Adrià, o inventivo chef do El Bulli, restaurante nos arredores de Barcelona onde só se consegue reserva com pelo menos seis meses de antecedência. No ano que vem, vai continuar sua via-crúcis à beira do fogão – só que no Japão. Em 2006, planeja fazer o mesmo na Itália e ainda quer estagiar com Pierre Hermes – uma espécie de Coco Chanel dos chocolates. Só depois disso é que pretende conduzir uma cozinha. Alguma dúvida de que ela vai dar o que falar?

Vanessa descobriu que tinha jeito com panelas aos 21 anos, quando passou uma temporada em Londres para estudar inglês. Como a grana que recebia não dava para bancar jantares de verdade, só comia no Burger King. Aí começou a cozinhar de brincadeira, e descobriu que não queria fazer mais nada da vida. Quando voltou ao Brasil, anunciou que ia largar a vida de decoradora. O pai tomou um susto. Conhecia a dureza da vida de um chef e achava que a filha era "delicada" demais para agüentar a tranqueira de uma cozinha.

Mas ela bateu o pé, disse que estava decidida, que ia se aventurar no fogão mesmo sem o apoio paterno. Jacques Trefois então resolveu pedir a um amigo que aceitasse a filha em sua cozinha por uns tempos, como ajudante, lava-pratos, qualquer coisa. Achava que, em uma semana, Vanessa desistiria. O amigo era o chef francês radicado em São Paulo Eric Jacquin, dono de dois restaurantes: o Le Vin Bistrô e o sofisticadíssimo Café Antique. Vanessa começou fazendo serviços gerais. Agüentou uma semana, duas, um mês. Foi "promovida" e começou a cuidar das entradas frias e das sobremesas. No sexto mês, Jacquin chamou Jacques e avisou: "Não sei se essa é uma boa notícia, mas sua filha realmente leva jeito".

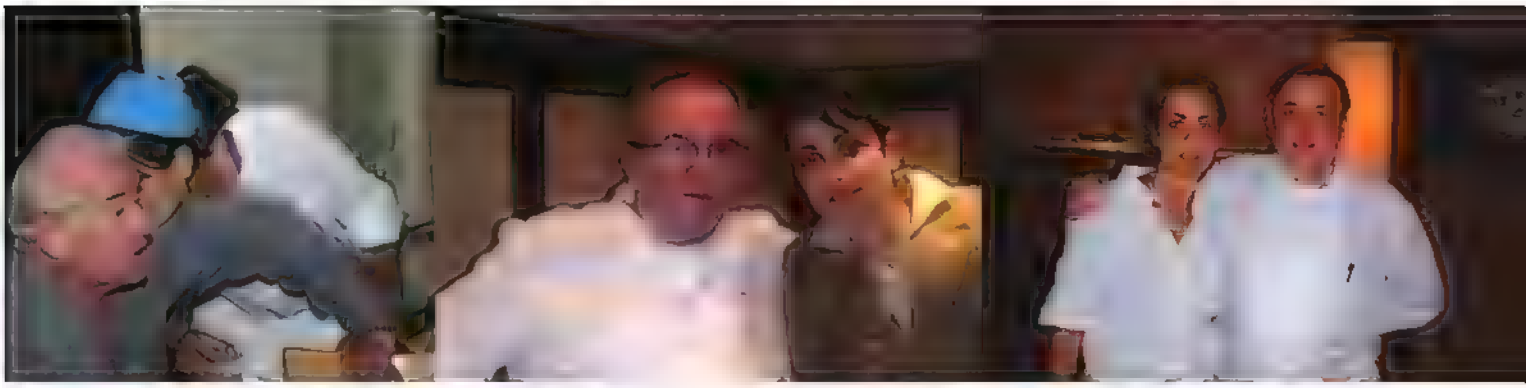
Depois de ficar dez meses sob a tutela do francês, Vanessa tomou coragem e, em agosto de 2001, partiu para Zelay, na Borgonha, onde fica o L'Esperance, restaurante classificado com duas estrelas (o máximo são três) pelo *Guia Michelin*, bíblia da alta cozinha. Conseguiu o estágio graças aos contatos do pai. No início, os empregados desconfiaram daquela menina com cara de socialite, mas Vanessa dava conta do serviço e conquistou todo mundo com seu jeito de brasileira falante.

Ficou lá até dezembro e veio passar férias no Brasil. Em vez de relaxar, pediu para trabalhar com Alex Atala, melhor chef de cozinha contemporânea do país. Em fevereiro, embarcou de novo para a França, dessa vez para a região da Provence. O destino? A pequena cidade de Mondragon, capital mundial das trufas negras. Como fazia muito frio, desembarcou de casaco de pele, toda arrumadinha.

"MEU PAI TINHA IDO ME BUSCAR E CAÍMOS OS TRÊS NO CHORO. FOI HILÁRIO"

A recepção foi um choque. Guy Julien, o chef, mal falou com ela. Mostrou o quarto minúsculo que Vanessa ocuparia por quatro meses seguintes, explicou os horários e deu boa-noite. "O quarto só tinha uma cama e uma cômoda." O dia seguinte foi ainda pior. "Ele me achou toda fresquinha e mandou bronca." Fazia um frio de rachar, mas Vanessa recebeu dois peixes congelados, enormes, pra limpar. Ela pediu a Guy que a ensinasse como fazer – e ele mostrou, resmungando o tempo todo. Meia hora depois, Vanessa terminou o serviço. Não deu pra relaxar. Na seqüência, o chef entregou uma peça de costela gigante para ser desossada. "Aí achei que não ia conseguir. Respirei

CAMILINHA NA COZINHA



Memórias de uma chef globetrotter: com o pai num jantar em São Paulo, com Juan Mari Arzak na Espanha e com Jacques Lameloise na Borgonha

fundo, pedi de novo que ele mostrasse como fazia e fui à luta." Uma hora depois, os pedaços de carne estavam cortados exatamente como Guy havia pedido. Ponto pra Vanessa.

Todos os pratos do Beaugravière, restaurante de Guy Julien, são feitos de trufa. A casa funciona seis meses por ano e é tocada só pela família do chef. "Na cozinha éramos eu, ele e um assistente. Nos primeiros meses, minha principal função era lavar trufas com uma escovinha. Ficava com a mão inchada de tanto frio." Simpática, Vanessa conquistou todo mundo. Participava dos almoços de domingo e acompanhava Guy até quando ele saía com o cachorro para "caçar" trufas. No último dia, a surpresa. Como era estagiária, Vanessa não deveria ganhar nada. Guy a chamou num canto e confessou que, no início, achava que ela não ficaria lá um dia inteiro. Em seguida, entregou um livro sobre Pierre Hermes (o tal rei do chocolate) e uma caixinha com o salário dos quatro meses em que Vanessa trabalhou lá. "Meu pai tinha ido me buscar e caímos os três no choro. Foi hilário."

do por carros esportivos — como ela própria. "Ele tinha um Porshe, mas ninguém podia tocar." Um dia, chamou Vanessa para ir com ele ao mercado — "honra" que só era dada ao subchef. Como Jacques não havia dormido na noite anterior, pediu a ela que dirigisse. "No pátio, fui em direção ao Audi, que era o segundo carro dele. Mas o Jacques me chamou, jogou as chaves do Porshe e disse que era para eu dirigir." Parece besteira, mas para Vanessa foi um troféu.

Se 2002 foi uma imersão na culinária francesa, 2003 foi o ano da Espanha. Em abril Vanessa arrumou as malas e seguiu para Rosas, onde fica o El Bulli, de Ferrán Adrià. "Aquela cozinha parecia uma nave espacial, cheia de máquinas inventadas pelo Ferrán. Eram 50 homens e só eu e a Ana, outra estagiária brasileira *[hoje chef do Cantaloup]*, de mulheres. No início, a gente levava muita bronca porque ele não admitia riso no trabalho." No último mês de estágio, Vanessa travou uma vértebra carregando uma caixa de batatas. "Fiquei doente porque não podia trabalhar, mas aí o Ferrán me chamou para ajudar ele a catalogar as receitas que tinha inventado naquela temporada. Meu azar virou sorte porque pude conviver com ele de perto."

"ERAM 50 HOMENS NA COZINHA E SÓ EU E ANA DE MULHERES. NO INÍCIO, A GENTE LEVAVA MUITA BRONCA"

Vanessa passou o resto do ano de 2002 estagiando em outros restaurantes franceses estrelados. No verão, foi parar em Cannes, levada pela chef com quem estava trabalhando na ocasião, contratada para servir as estrelas do festival. "Como falava cinco línguas, ficava na cozinha e no salão. Vi o Banderas, a Mônica Belucci, o Gerard Depardieu."

No fim do ano, veio passar o Natal em casa. O chef Jacques Lameloise, dono de um três estrelas na Borgonha, estava na cidade para fazer um festival de cinco dias no restaurante Cantaloup, mas ninguém no staff falava francês. Chamaram Vanessa às pressas, e foi amor (profissional) à primeira vista. Em fevereiro, lá estava ela no Lameloise. De novo, usou o jeito boa-praça para vencer o gelo e o mau humor dos funcionários com a estagiária caminha.

Fanática por biografias de chefs, sabia que Jacques era apaixona-

Em janeiro passado, Vanessa arrumou as malas de novo e se mudou para San Sebastian, no País Basco, para estagiar com o chef Adoni Luis no Mugaritz, atual sensação espanhola. Também passou uma temporada no restaurante de Juan Mari Arzak, um dos inventores da nouvelle cuisine ao lado do francês Paul Bocuse. Neste exato momento, Vanessa está de férias no Marrocos. Na volta, segue para a Catalunha, onde fica até dezembro no restaurante El Celler de Can Roca, do chef Joan Roca. Depois, parte para Japão e Itália.

É preciso muito fôlego e disciplina. Mas agora Vanessa não precisa mais mostrar que não é só uma caminha bem relacionada quando chega num novo restaurante. Seu currículo fala por si...

Beleza **Fabricio Ferreira** Agradecimentos **Bomcharque** e **Diego Trefois**

A gente não entende
absolutamente
nada de chocolate.

mattavelli
De impressão a gente entende.
www.mattavelli.com.br

SACOLÃO CASA

MISTURA BOA DE UM POUCO DE TUDO O QUE MAIS GOSTAMOS

Renata Leão · Rafael Quintino

HABITAT

O MUNDO EM SUA CASA

Cansada de sentar naquele sofá velho e olhar para o mesmo quadro há anos? Para ajudar você a repaginar a decoração com criatividade, a *Tpm* escolheu cinco lojas que trazem um pouco do charme de três continentes para dentro da sua casa

Terra do sol nascente

Tradicional loja do bairro da Liberdade, há mais de 30 anos a Tsuruya no Futon oferece os melhores tatames de São Paulo, feitos de junco e recheados com palha de arroz. Também tem almofadas redondas coloridas perfeitas para meditar, sobretudo se você colocar na sala as luminárias de casca de bananeira e de bambu que também são vendidas por lá. Quem sempre sonhou convidar os amigos para um jantar japonês vai ficar louca com a mesa baixinha, feita sob encomenda, igualzinha à dos restaurantes. Se preferir um toque oriental mais sutil, há quadros com ideogramas japoneses, biombos, esteiras de junco e futons – ótimos para substituir os edredons. Forrados com penas de ganso, têm estampas de Tsuru (pássaro oriental que simboliza vida longa) e são bem coloridos. Para completar o kit, o travesseiro medicinal de soba recheado com casca de trigo alivia o stress, a insônia e dores na coluna, além de absorver a transpiração. Se você tiver um momento descontrole e comprar demais, sossegue. Eles vão até sua casa e montam tudo pra você. **(Carol Sganzerla)** ***Vá lá:*** *r. dos Estudantes, 49, Liberdade, (11) 3209 0668 e r. dos Pinheiros, 547, (11) 3891 1412. Dicas: mesa oriental 40 cm x 40 cm (cerca de R$ 200), luminária de casca de bambu e de bananeira (R$ 500 cada), travesseiro médio (R$ 39), futon de casal (R$ 229), tatame de 90 cm x 2 m (R$ 299). Mais informações no www.tsuruya.com.br*

Charme da Provence

Sabe aquelas aconchegantes casas de campo francesas que aparecem em filmes, com móveis românticos de pátina branquinha? A Secrets de Famille tem tudo para decorar seu cantinho em estilo provençal. Lá, todos os móveis e objetos, feitos artesanalmente em madeira maciça, são importados da França. A proprietária, Bettina d'Archemont, 40 anos, viveu 15 deles em Paris e, na volta, abriu a primeira loja no Rio, em 1997. A filial de São Paulo, que há três anos enfeita a Haddock Lobo, nos Jardins, é mesmo uma casa decorada, com sala de estar, escritório e cozinha. Os móveis são encantadores. Caso do armário de madeira com tela e folhas desenhadas em relevo da marca francesa Mariage, da poltrona de ferro da Albertas e do espelho de madeira da Sorgues. Para deixar a cozinha fofa, louças brancas de cerâmica. Enquanto você passeia pela casa, canções francesas muito bem escolhidas transportam você para a *campagne*. Dá vontade de não sair mais de lá e comprar a casa com todos os móveis dentro. Não deixe de conferir, nem que seja para levar apenas um enfeite. **(C.S.)** ***Vá lá:*** *r. Haddock Lobo, 1 260, Jardins, (11) 3083 7949. No Rio, Shopping da Gávea, 1º piso, 21) 2540 6539. Dicas: armário de madeira com tela (R$ 8 486), espelho (R$ 748), poltrona de ferro (R$ 2 599) e azeiteiro de cerâmica (R$ 53). Mais informações: www.secretsdefamille.com.br.*

Oriente-se

À primeira vista, parece que o endereço está errado. A fachada da Ethnix lembra mais uma casa do que uma loja. Mas é só entrar no imenso galpão para mergulhar numa cultura completamente alheia à nossa. Isso acontece, por exemplo, quando nos deparamos com os baús chineses de madeira, escuros e pesados, que parecem guardar aqueles tesouros de filmes antigos. São coisas como essas que os irmãos Artur e Oscar Hirsch

Acima, visual do galpão da Ethnix, com objetos da China, Índia e Vietnã; ao lado, [illegible]

31 e 32 anos, garimpam nos países que visitam a trabalho. Depois de morar em Londres, Israel e de conhecer a Índia, a dupla resolveu transformar o prazer de viajar em ganha-pão. Há seis anos, abriram a loja. Lá dentro, não demora muito para a gente se sentir em casa e querer sentar nas cadeiras de balanço chinesas e testar as almofadas indianas. Uma das peças mais bonitas é um banco, também da China, de madeira retangular e com as laterais curvadas para dentro formando dois caracóis que servem de pés de apoio. Do Vietnã vêm as luminárias e os castiçais de metal revestidos com seda trabalhada. Outros dois achados são a cama feita de fibra de sisal e a janela de madeira, tudo importado da Índia. **(Ariane Abdallah)** ***Vá lá:*** *r. Javaés, 184, Bo. Re[illegible]* [illegible] *R$ [illegible] a R$ [illegible] R$ [illegible]*

Do Peru

Para ter um pouquinho da cultura peruana em casa é só dar um pulinho na Sumaq. Há pouco mais de dois anos, Talia Prato, 36, se divorciou e resolveu mudar de vida, trocando Lima por São Paulo. No mesmo terreno em que mora, na agitada Vila Madalena, montou a loja apenas com artigos de seu país natal. Os clientes encontram réplicas em argila e cerâmica de peças arqueológicas da cultura Chancay (pré-Inca) – há figuras antropomórficas, vasos e moringas, tudo certificado pelo Instituto de Cultura do Peru. Também não dá pra passar batido sem parar e admirar as imagens da Virgem Maria e dos anjos. Estilizadas e coloridas, fogem completamente do padrão discreto das imagens sacras que a gente vê nas igrejas brasileiras. Como não podia faltar em se tratando de Peru, você vai achar uma infinidade de tecidos de lã colorida que podem ser usados para cobrir camas, mesas, sofás e até como tapete. **(A. A.)** ***Vá lá:*** *r. Fidalga, 117, Vila Madalena, (11) 3812 5917. Réplica em argila em forma* [illegible] *R$ [illegible] a pequena* [illegible] *gem Maria R$ [illegible]*

Multicultural

A pequenina Illá, no Jardim Botânico, é aquele tipo de lugar que vale a pena reservar um tempinho para visita. Por lá, uma coisa é mais linda que a outra e difícil mesmo é escolher. A seleção dos produtos, feita pela proprietária Carole Chueke, é de extremo bom gosto e mistura peças de decoração com uma ou outra pitada de moda. Para juntar tantas tentações em um único cantinho, pelo menos uma vez por ano Caro e faz as malas e parte em busca de novidades na França, no Marrocos, na China e na Índia. De sua última viagem ao Marrocos, trouxe charmosos vidros para colocar perfume (R$ 89) e mesinhas de madeira pintadas com a técnica *moucharabie*, bastante difundida no Marrocos (R$ 385). Da China, uma série de vasos de cerâmica verde jade (a partir de R$ 135) e graciosos vidrinhos com desenhos orientais (R$ 15). Da região da Provence, na França, românticas toalhas de mesa (R$ 155) e jogos americanos com estampas florais (R$ 18 cada). A trilha sonora também encanta os visitantes com um mix de bossa nova, jazz e música francesa da melhor qualidade. Tudo escolhido a dedo pela anfitriã. **(Juliana Pinheiro Mota)** ***Vá lá:*** *r. Maria Angelica, 113-A, Lagoa, (21) 2534-5446*

Guto Seixas

AT HOME

MÃO NA RODA

Deixar a casa sempre em ordem, às vezes, é tarefa para Hércules. Descobrimos cinco "McGyvers" com mil e uma habilidades que vão te tirar do sufoco naqueles momentos de puro descontrole doméstico

Pau pra toda obra

Se o seu zelador está mais para porteiro Zé do que pra McGyver a salvação pode ser o Dito e o Djalma. Apesar de parecerem dupla sertaneja, eles nem se conhecem, mas são os melhores "faz-tudo" de São Paulo. Benedito dos Santos, o Dito, tem 48 anos, nasceu em Recife e veio para Sampa aos 16. Ele é pintor, eletricista, encanador e pedreiro. Pode pendurar aquela cortina que está na caixa há um mês ou descobrir como funciona a luminária que você comprou em Paris. Djalma Sousa Peixoto, 38 anos, é baiano. O trabalho de marceneiro ele aprendeu com o pai e, há mais de 15 anos, vive na casa dos clientes pintando paredes e construindo aquela estante dos sonhos para acomodar todos os seus livros... Aproveite e deixe sua casa brilhando. **(Carol Sganzerla)** *Vá lá.* [illegible]

Abre-te, Sésamo

Sabe quando enjoa olhar todos os dias para a mesma parede? A decoradora Luisa Rêgo teve a brilhante idéia de, no lugar de uma divisória fixa, colocar painéis móveis que abrem, fecham e mudam de lugar entre si de acordo com a sua vontade. A mágica acontece graças aos trilhos no teto e no chão que fazem os painéis correrem de um lado a outro. Eles podem ser de tecido, vidro, fórmica, papel de parede ou o que mais a imaginação permitir. Uma sala grande pode virar duas e até dois quartos podem virar um. **(Ariane Abdallah)**

Vá lá. [illegible]

A arte de pendurar

Juntou os trapinhos e não sabe como combinar seus quadros com os dele? A espanhola Laura Guillén dá um jeito. Depois de exercer o ofício na Bienal de São Paulo e em exposições caríssimas como as de Picasso, Monet e Guinard, Laura agora só pendura quadros em residências. "É um erro pensar que o principal quadro da sala tem de combinar com o sofá", ensina, explicando que, muitas vezes, um espelho ou um prato merecem mais destaque que uma tela. Misturar gravuras com pintura a óleo, por exemplo, não é crime como muita gente pensa. Retratos ficam melhor no corredor por serem "coisa íntima" e, para misturar fotos coloridas e em preto-e-branco, é preciso equilíbrio. "Fiz isso na sala da sobrinha da Carmem Miranda" (foto acima), conta Laura **(Fernanda Dannemann)**

Vá lá. [illegible]

CABECEIRA

O GOSTO DOS OUTROS

Mudar os móveis de lugar, derrubar uma parede, incrementar o banheiro. Para estimular seus sonhos, separamos livros com dicas internacionais, histórias divertidas e casas inspiradoras

Por **Ariane Abdallah**

Presente de grego

A arquitetura ancestral grega misturada a um estilo de decoração contemporâneo fazem deste o livro ideal para a mesa de centro dos mais antenados. Uma incrível coleção de casas pequenas e grandes – vistas por dentro e por fora – ilustra, inspira e seduz. E enquanto faz isso pode, quem sabe, detonar aquela adiada reforma na casa de praia. ***Vá lá:*** *At Home in Greece, de Julia Kimi, Thames & Hudson, 224 págs., R$ 240*

O Japão aqui

Ótima fonte de idéias para reproduzir truques aconchegantes da decoração japonesa em sua toca. Através de fotos de casas e apartamentos de várias cidades do Japão, você pode se inspirar ou apenas testemunhar como vivem nossos irmãos daquele lado. Depois de folhear o exemplar, que também traz fotos de paisagens e de cidadãos japoneses em suas atividades cotidianas, a vontade é de comprar pelo menos uma pecinha para dar aquele toque à nossa casa. ***Vá lá:*** *Japanese Style, Photographs by Gilles de Chabaneix, de Suzanne Slesin, Stafford Cliff, Daniel Rozensztroch, Thames & Hudson, 288 págs., R$ 280*

Lar, sereno lar

A jornalista e escritora Alice Whately ensina a simplicidade da cultura oriental às nossas necessidades funcionais. O escritório/quarto é um exemplo: no lugar da mesa de trabalho, uma prateleira que comporta livros, revistas, telefone, um computador e tem encaixe para uma cadeira em forma de casca de ovo quebrada. Como não poderia deixar de ser, dicas de feng-shui polvilham as páginas. ***Vá lá:*** *Peaceful Spaces, Transform your home into a heaven of calm and tranquility, de Alice Whately, Ryland Peters & Small, 144 págs., R$ 150*

Um luxo só

A vida de Helena Rubinstein é contada de forma ilustrada por Suzanne Slesin, filha de sua nora. Em *Over The Top*, as casas em que Helena viveu ao longo de seus 94 anos e os salões de beleza de sua propriedade são retratados com uma riqueza de detalhes que impressiona. Em especial, os corredores do apartamento que a empresária ocupou em 1935, em Paris, chamam a atenção pela beleza e quantidade de esculturas, quadros e outros objetos de arte. ***Vá lá:*** *Over The Top, Helena Rubinstein, Extraordinary Style, de Suzanne Slesin, Beauty, Art, Fashion, and Design, 216 págs., R$ 350*

Mãos à obra

Idéias práticas para decorar ou redecorar, como o banheiro fofo dividido em dois ambientes (vaso e bidê em um, pia no outro) com piso de azulejo colorido e ilustrações nas paredes. Além de dicas práticas e ilustradas, explicações sobre temas como a relação humana com os diferentes ambientes da casa e a influência das cores em nosso emocional. ***Vá lá:*** *Ambientes Jovens, de Patrícia Bueno, Editora Atrium, 575 págs., R$ 110*

Todos os livros são vendidos na livraria Tok&Stok: av. Nove de Julho, 5 485 Jardim Paulista, (11) 3079 2030, av. Chucri Zaidan, 2 001

BOTICA

MAKE-UP PARA A CASA

Assim como gente, cada casa tem seu cheirinho, pode perceber. Aqui, nossas convidadas mostram as alquimias que deixam seus cantinhos perfumados

Produção **Carol Sganzerla**

1. Aromatizador de ambientes, Natura, R$ 43
"Em casa, uso o aromatizador de ambientes com óleos essenciais de cumuaru e copaíba, da Natura. Pingo uma gota em uma bolinha de cerâmica e espalho as bolinhas por vários lugares: sala, quarto, escritório e até na cozinha. A cerâmica absorve o óleo e libera o perfume aos poucos, de forma suave. Para mim, superalérgica a qualquer perfume forte, é ótimo."
Glaucia Caruggi de Faria, 29, designer das revistas *Dasiu* e *Mitsubishi*

2. Aromatizador de tecidos, Olfateria, R$ 29
"Não tem coisa melhor do que dormir em um lençol cheirosinho. O aromatizador de tecidos da Olfateria faz isso muito bem. O produto pode ser borrifado em cortinas, toalhas e em qualquer tipo de tecido, mas o melhor é colocá-lo na roupa de cama, antes de dormir. A essência de rosas ainda garante um sono tranquilo."
Laura Wie, 37, apresentadora do Canal 21

3. Incenso Nag Champa, Nag Champa, R$ 4 (caixa com 15 unidades)
"Nunca vou esquecer a primeira vez que senti aquele cheiro, fiquei enlouquecida. Acendo uma vareta todos os dias de manhã e à noite. Nag Champa é o nome de uma essência exótica manufaturada nos mosteiros hindus e budistas da Índia e do Nepal. É feito à base de sândalo e leva também óleo de flores. Seu perfume prolongado impregnou minha casa."
Andrea de Marco, 29, coordenadora de produção das revistas *Pão de Açúcar* e *Gol*

4. Essência aromática de jasmim, Natural Company, R$ 29
"Para deixar o ambiente de casa bem agradável, uso a essência aromática da Natural Company. Além de jasmim, que adoro, tem de eucalipto, dama-da-noite... tudo delicioso. Para fazer o aroma se espalhar por toda a sala, use o kit com vela, já que o óleo fica mais tempo no ar. É só pingar algumas gotas na água, acender a vela e curtir o ar perfumado."
Tatiana Mancini, 30, é apresentadora de TV

Vá lá. *Nag Champa: Casa Shiva, (11) 3128-7216. Natura: 0800 115 566. Natura Company: (11) 6953 3949. Olfateria: www.olfateria.com.br*

1. Ventilador, Breeze, R$ 195
De borracha, é à prova de acidentes domésticos e pode ser transportado para qualquer lugar. Nas cores verde, roxo, amarelo, azul, branco e vermelho

2. Porta papel toalha "bunny and carrot", Alessi, R$ 250
Troque aquele porta papel toalha básico por este bem estiloso. Não precisa pregar na parede e deixa sua cozinha com cara de desenho animado

3. Batedeira Stand Mixer 300, Brastemp, R$ 1 319
Com tigela em aço inoxidável de 4,5 litros, tem dez velocidades e protetor de respingos. Nas cores vermelho, azul, preto e branco, parece de brinquedo de tão bonitinha.

4. Merenda Hello Kit, Sanrio, R$ 373,10 (sanduicheira) e R$ 335,50 (torradeira)
Tem coisa mais fofa que fazer um misto-quente perfeito e ainda ver a cara da gatinha estampada no pão? Pra completar seu café-da-manhã de kidult, a torradeira com seis níveis de xadrez o pão do jeito que você gosta (dourado ou bem pretinho).

5. Sanduicheira com grill WR45, DeLonghi, R$ 399
Tem duas bandejas antiaderentes e prepara tudo, grelhados, sanduíches, omeletes e, o melhor, waffles daqueles de café-da-manhã de hotel estrelado.

6. Escorredor de pratos, Magis, R$ 260
Foi-se o tempo em que este era um dos itens mais sem graça da cozinha. O escorredor de plástico italiano é uma graça e dá vida até à mais apática das pias. Prático, não enferruja e vem com dois porta-talheres. O melhor é que a água fica armazenada e não molha a bancada. Depois de usar, é só retirar a tampa e deixar o líquido escorrer

7. Trilobite, Electrolux, R$ 6 599
Lindo e vermelhinho, este aspirador é praticamente um robô. É só apertar o botão que ele sai limpando a casa sozinho e ainda desvia dos móveis e das paredes. O futuro chegou. Pena que ainda custa caro

Veja: [illegible] Nações Unidas [illegible] www.tastshop.com.br e www.submarino.com.br; Magis: na Bydesi [illegible] Em Manaus, no Amazonas Shopping [illegible]

[illegible] Flávia Rocco: chocolate e rosa de pedra

JARDIM BOTÂNICO

CAMINHO DAS PEDRAS

Uma florista, um agrônomo e uma publicitária apaixonada por jardins contam tudo o que você precisa saber para transformar sua casa num parque

Por **Ariane Abdallah**

Batendo perna

Não é difícil comprar os apetrechos para fazer seu jardim em casa, basta saber onde ir. Em São Paulo, você encontra plantas, flores e afins no Ceagesp. Embora as barraquinhas sejam sempre as mesmas, é bom ir com tempo para caçar novidades e descobrir o melhor custo benefício. A publicitária Tatiana Ganme, de 26 anos, não fica um mês sem passar lá e dá a dica para quem nunca foi: "Por volta das 23h de quinta-feira, chegam os carregamentos de flores. Gosto de ir nesse horário para pegar tudo fresquinho, mas chegando até umas 8h de sexta dá para achar bastante coisa". Não se preocupe se a compra ficar pesada, pois carregadores perambulam por aí para socorrer quem precisa. O mesmo vale para a Cadeg, no Rio. Lá a dica é a Crisântemo Real, loja que continua aberta depois que todos os boxes fecham.

Vá lá: [illegible] Ceagesp [illegible] Cadeg [illegible] 3890 3288

Flores em você

Para valorizar aquele cantinho melhorado da casa, nada melhor do que um superarranjo de flores. Delicada, a flor de chocolate, novidade no mercado brasileiro, é uma das mais bonitas. O apelido colou por causa da cor e do cheirinho doce que libera. Outra boa opção são as pequenas astromélias. Sempre na moda, agora também podem ser encontradas em lilás e laranja escuro. Para montar seu arranjo, o primeiro passo é arrumar um vaso impermeabilizado. Se não for, forre-o com um plástico para evitar que ele transpire, "roubando" parte da água. Depois compre no Ceagesp (ou peça na floricultura) um pedaço de espuma floral do tamanho da base do vaso. Molhe, coloque a espuma lá dentro e acrescente a folhagem e as flores. Se a espuma ficar aparecendo, é só cobri-la com musgo (vendido em caixinhas). Uma dica para aumentar a duração do arranjo é cortar as pontas dos caules na diagonal sem tirá-los da água, de preferência todos os dias. Se você tiver preguiça, pode comprar o arranjo já pronto. Nossas floriculturas prediletas são a Fulô e a Flávia Rocco. Além de prepararem o vaso, elas fazem manutenção em domicílio. Uma dica na Flávia Rocco é o arranjo de rosa de pedra, flor exótica que lembra uma alcachofra na cor e no formato.

Vá lá: [illegible] de R$ [illegible] a R$ [illegible] de R$ [illegible] de R$ [illegible] de

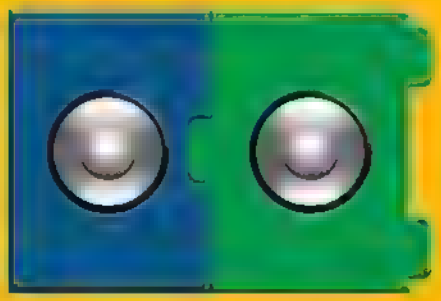
1º Festival Modular de Música Estudantil.

Comece a se habituar aos autógrafos: assine a ficha de inscrição.

Inscreva-se até 20/8/04.

As 15 bandas finalistas gravarão um CD e participarão de especiais e de shows da Brasil 2000. A banda vencedora terá sua música tocada na rádio e um videoclipe produzido.

Acesse e participe
www.festivalmodular.com.br



1º FESTIVAL MODULAR
DE MÚSICA ESTUDANTIL

Realização

Apoio

DUEZT ★ EURO ASCO.

MENINA TRISTE

ELAS ESTÃO EM TODA PARTE: SAINDO DA **ACADEMIA** APRESSADAS, NA **PRAIA** SOLITÁRIAS LENDO LIVROS E **BEBENDO** MATE COM LIMÃO E ATÉ NO **CINEMA**, MÃOS DADAS COM MAIS UM, **NAMORANDO** POR **TÉDIO**

Uma das poucas imagens da minha adolescência que consegui conservar é a da menina do outro lado da rua que nunca fechava a cortina. Durante quase um ano, essa menina, que devia ter a minha idade ou pouco mais (quando se é adolescente todas as meninas parecem mais velhas do que você), sentou-se diariamente em frente ao espelho de uma cômoda de madeira e penteou seus cabelos por longos 15 minutos. Ela acordava mais cedo do que eu, mas logo fiz do seu o meu horário de despertar. O motivo era prosaico: a menina se penteava com os seios à mostra.

Eu me encolhia atrás da janela e, depois de me masturbar uma ou duas vezes, me perguntava por que a menina, tão bonita e dona de tudo aquilo, acordava sempre cabisbaixa, com ar melancólico, alisando suas melenas como se fossem de outra pessoa. Em poucos meses, acabei desenvolvendo, quase como um segredo de mim mesmo, uma paixão calada pela vizinha desinibida. Achava que alguém tão triste poderia ser a garota diferente das outras com quem eu sonhava. Como se vê, naquela idade eu também já inventava amores e puxava minhas angústias.

Os anos passaram e, apesar de ter mudado de janela muitas vezes, continuo espreitando por trás de cortinas. E as meninas continuam tristes. Aliás, mais do que nunca. Com certa perplexidade percebi que minha amiga matinal não era caso raro. Como ela, agora, enquanto eu escrevo e você lê este texto, outras milhares de meninas perdem os olhos no reflexo de um espelho, procurando algo que perderam dentro de si, sem saber muito bem o quê. Talvez seus vizinhos tenham olhares menos perscrutadores que os meus e talvez elas tenham cortinas abaixadas, mas seguem nubladas, trovoando sob penteados e vestidos soltos.

Hoje enxergo a tristeza nas meninas o tempo todo. Saindo da academia, apressadas, batendo coxas bem torneadas envoltas por lycra; na praia, solitárias, sobrancelhas arqueadas, lendo livros e bebendo mate com limão; no cinema, mãos dadas com mais um, namorando por tédio; nas boates, emperiquitadas, fazendo carão, cabelos alisados e olhos pintados de preto; nos shoppings, carregando sacolas de grife, equilibrando saltos finos e narizes empinados; andando de bicicleta, administrando lordose sobre selins desconfortáveis; desligando telefones, cruéis, entre desaforos; apaixonando-se, apavoradas, entregues, tristes e lindas, e, quanto mais lindas, mais tristes, mais inexoravelmente tristes.

"QUANTO MAIS OBSERVO, MENOS ME SINTO CAPAZ DE COMPREENDER SUA FRAGILIDADE ARREBATADORA, SEU LUTO ANTECIPADO. O QUE PASSA POR TRÁS DA EXPRESSÃO AFLITA QUE GANHA SEU ROSTO?"

Quanto mais observo, menos me sinto capaz de compreender sua fragilidade arrebatadora, seu luto antecipado. O que passa por trás da expressão aflita que, sem aviso, ganha seu rosto? O que tanto pesa sobre as pintinhas dos seus ombros? Quais são as respostas para as perguntas que ainda não aprendi a fazer? Não sei e acho que morro sem saber, mas quando penso nisso me lembro de você falando de amor pela primeira vez, me abraçando com a força de uma multidão e, sem esconder o pavor, me perguntando, pequena, num muxoxo, como se estivesse presa num buraco:

– E agora?

*João Paulo Cuenca, 25 anos, é autor de *Corpo Presente*. Seu e-mail: cuenca@trip.com.br

Isabelle Tuchband

PARA SER CRIANÇA

NOSSA COLUNISTA **LEMBRA** O DIA EM QUE PERCEBEU QUE SER **GENTE GRANDE** NÃO ERA **BOM** NEGÓCIO

Não vou saber dizer dia nem ano, mas da cena me lembro bem. Tão bem que parece que foi ontem. Como fazíamos sempre, minhas irmãs e eu descemos para brincar. Ah, as maravilhas da metrópole: aulas à tarde, correria nas pedras do térreo antes do almoço. Enquanto a matriarca dava conta do café-da-manhã de meu pai, que se aprontava para ir trabalhar, Adriana, Nininha e eu, a mais velha, tínhamos autorização para entrar no elevador, ficar na ponta dos pés, apertar a letra T e, sem ultrapassar as grades do edifício, que nos protegiam e ao mesmo tempo nos impediam do mundo lá fora, correr a fartar. E era precisamente o que fazíamos. Nada mais excitante do que o pega-pega e o esconde-esconde matinais na companhia dos filhos do zelador. Mas, nesse dia específico, uma cena iria me fazer, para sempre, ver a vida de maneira diferente.

Enquanto procurava o melhor esconderijo, vi meu pai saindo do elevador. Alguma coisa em sua feição me chamou a atenção. Hoje entendo que aquela era a expressão de um homem preocupado, mas naquela época, para alguém com menos de oito outonos, não havia a chance para esse tipo de interpretação.

E vinha ele andando em câmera lenta, olhar perdido, maleta na mão. Lembro nitidamente que usava um terno bege (nunca gostei de vê-lo de bege) e que, quando nos viu, sorriu. Mas não convenceu. Então entendi tudo: ser adulto não era bom negócio. Que graça tinha acordar todos os dias se não se podia mais brincar no térreo? E a expressão de meu pai fez todo o sentido do mundo.

Passou por cada uma de nós, deu um beijo na cabeça e desceu as escadas que o levariam para o mundo desprotegido. Corri até a grade da portaria a tempo de vê-lo caminhar pela rua (meu pai nunca dirigiu) e continuei a me sentir triste, um tipo de tristeza da qual eu não tinha ainda registro na memória. Que diversão poderia haver na vida daquele homem se sua rotina era sair de casa, trabalhar o dia inteiro, voltar, tomar banho, jantar e dormir? Fiquei chateada por ele, pelo tédio que sua vida devia ser e porque a mim só restava crescer.

Hoje entendo que aqueles 15 segundos de minha infância aconteceram em uma espécie de limbo existencial, uma dimensão que ocorre quando perdemos a capacidade de enxergar a vida com a lente mais fundamental e poderosa de todas: a do amor. Que a sensação estranha que experimentei foi causada porque, naquele curto espaço de tempo, entendi que existe uma extensão cósmica que não é nem a da inocente excitação infantil, nem a da capacidade que adultos têm de se apaixonar por ideais, por amigos, pela família, por sonhos.

"AQUELES 15 SEGUNDOS DE MINHA INFÂNCIA ACONTECERAM EM UMA ESPÉCIE DE LIMBO EXISTENCIAL, UMA DIMENSÃO QUE OCORRE QUANDO PERDEMOS A CAPACIDADE DE ENXERGAR A VIDA SEM A LENTE DO AMOR"

Volta e meia, quando saio de casa para ir trabalhar, me lembro daquela sensação quase palpável – de como poderia ser a vida sem amor. E então beijo Roberta, minha companheira, e Rodolfo, nosso cão, com a certeza de que meu pai, se não tivesse tido mais nada na vida, ainda assim teria a cada um de nós. E que, por 34 anos, ele foi feliz, se não por outra coisa qualquer, porque, noite após noite, voltou para casa.

*A carioca Milly Lacombe, 37 anos, é jornalista. Seu e-mail: milly@trip.com.br

Materiał chroniony prawem autorskim

Isabelle Tochband

MOVIMENTAR É POSSÍVEL!

NOSSA COLUNISTA **TETRAPLÉGICA** COMEMORA 45 MINUTOS **MEXENDO OS BRAÇOS** SEM AJUDA DE NINGUÉM. LONGE DE SE DAR POR SATISFEITA, ELA QUER QUE OUTROS **7 MILHÕES** DE BRASILEIROS COM PROBLEMAS DE **LOCOMOÇÃO** POSSAM FAZER O MESMO

Passei dez anos sem conseguir fazer nada com meus braços sem ajuda de alguém. Qualquer pequeno deslocamento tinha que ser assistido. Já as minhas pernas tiveram um pouco mais de sorte tecnológica no tempo e espaço onde a paralisia se hospedou. Existe um equipamento chamado Ergys, que é uma bicicleta com eletroestimulação. O fisioterapeuta coloca 18 elétrodos em determinados pontos das pernas e liga esses condutores ao computador da bike. A bicicleta emite estímulos alternados que fazem com que uma pessoa tetraplégica como eu pedale e faça exercício aeróbico. Além de permitir que eu fique 30 minutos sozinha me movimentando, o Ergys garante um tônus muscular admirável. Não é o meu cérebro que emite a ordem de ação, mas são meus músculos que obedecem e se contraem, gerando o movimento.

Nos Estados Unidos, essa bicicleta está presente na maioria dos centros de reabilitação e na casa de muitos paraplégicos e tetraplégicos. Aqui no Brasil, temos três: uma no Rio de Janeiro e duas em São Paulo (sendo que a do Centro de Reabilitação do Hospital das Clínicas está quebrada há três meses). Hoje, no país todo, só umas dez pessoas têm acesso a esse equipamento importantíssimo para coração, pulmões, ossos, articulações, circulação, auto-estima etc.

Outro equipamento de última geração é o Parastep System, que só a PPP (Projeto Próximo Passo) tem. Funciona com o mesmo princípio de eletroestimulação da bike, mas permite que a gente marche. O exercício é ainda mais completo do que pedalar, mais intenso, mais emocionante... e acessível a apenas outros dez brasileiros paralisados. Esse tipo de terapia custa em torno de R$ 100 a hora. Quantos podem pagar?

Inspirada por essa tecnologia, venho tentando eletroestimular minha bicicleta de braços. Até o mês passado, eu prendia minhas mãos e alguém executava o ciclo. Consegui colocar estímulo elétrico em bíceps e tríceps e ficar 45 minutos pedalando sozinha. Ganhei esse tempo de independência diária depois de tentar dez anos. Esse movimento cíclico é muito eficiente e importante, pois, além de lubrificar as articulações, promove atividade cardiorrespiratória, constrói massa muscular e permite que eu me enxergue pedalando, o que expande meu conceito do que é possível fazer apesar das minhas limitações.

Por que será que só depois de dez anos é que meus músculos resolveram responder ao estímulo? Talvez tenha ocorrido uma reorganização interna, depois do inédito implante de células-tronco a que fui submetida. Trinta brasileiros paralisados foram beneficiados com essa técnica cuja eficiência ainda está sendo testada – inclusive alguns "bikers" e "parastepers". É pouco se levarmos em conta que 15% da população brasileira tem alguma deficiência e que mais de 7 milhões possuem problemas de locomoção. Não dá pra ser feliz se somente 30 brasileiros têm acesso a tratamentos e equipamentos de alta tecnologia.

"POR QUE SÓ DEPOIS DE DEZ ANOS É QUE MEUS MÚSCULOS RESPONDERAM AO ESTÍMULO? TALVEZ TENHA OCORRIDO UMA REORGANIZAÇÃO INTERNA COM O INÉDITO IMPLANTE DE CÉLULAS-TRONCO"

Ontem fui ao cinema e, no meio do filme, me deu uma vontade enorme de pedalar... É como se fosse meu mistério mais íntimo, minha conquista secreta, meu maior desejo do momento. Quero sempre voltar para meus 45 minutos de glória e autonomia. Como pode alguém dizer que o que mais gosta no seu dia é ficar presa em pé com as mãos atadas a uma bicicleta de braço, tomando choque e vendo a manivela girar? Eu posso, assim como regozijo cada vez que sinto dor no meu corpo. Mas quero muito mais. Quero o que é justo! Quero milhões de brasileiros paralisados pedalando e delirando com suas conquistas físicas. Tudo o que se faz de bom para um corpo, paralisado ou não, desencadeia outra coisa boa. Exatamente como o amor! O amor move e traz com ele toda a cumplicidade e ternura de que precisamos para dissolver a imobilidade. Movimentar é possível!

*Mara Gabrilli, 36 anos, é publicitária e psicóloga. Dirige a ONG Projeto Próximo Passo (PPP), ligada à qualidade de vida do deficiente físico – ela é tetraplégica e foi *TRIP* Girl na *TRIP* #82. Seu e-mail: maragab@uol.com.br

Materiał chroniony prawem autorskim

misssixty.com
MISS SIXTY
Rua Oscar Freire, 1.035 :: São Paulo
Show Room: 11 3060 9660

Almap BBDO
Aprecie com moderação.
Miller
MGD
GENUINE DRAFT
Miller
GENUINE DRAFT
America's Quality Beer
Brewed from the finest malted barley, selected cereal grains, and choicest hops.
Cold-Filtered Beer
NÃO PODE FALTAR NA NOITE:
CAIXAS DE SOM E DE MILLER.
IT'S MILLER TIME.